

Universidade Federal de Ouro Preto
Instituto de Ciências Humanas e Sociais
Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem

ASPECTOS PRAGMÁTICO-COGNITIVOS E
DISCURSIVOS ENVOLVIDOS EM RECONTAGENS DA
LENDA DA PROCISSÃO DAS ALMAS NA CIDADE DE
MARIANA-MG

Karen Luci Amorim

KAREN LUCI AMORIM

ASPECTOS PRAGMÁTICO-COGNITIVOS E
DISCURSIVOS ENVOLVIDOS EM RECONTAGENS DA
LENDA DA PROCISSÃO DAS ALMAS NA CIDADE DE
MARIANA-MG

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Linha de Pesquisa: Linguagem e Memória Cultural.

Orientador: Prof. Dr. José Luiz Vila Real Gonçalves

Mariana

Março de 2012

Folha de aprovação

DISSERTAÇÃO DEFENDIDA E APROVADA EM 08/05/2012 PELA BANCA
EXAMINADORA CONSTITUÍDA PELOS PROFESSORES:

Prof. Dr. José Luiz Vila Real Gonçalves (orientador)
(UFOP)

Prof. Dr. Hugo Mari
(PUC – MG)

Prof. Dr. William Augusto Menezes
(UFOP)

*Para os que me ensinam a ter fé em Deus e na vida:
mãe, pai, irmã e Fernando...*

“Procur[emos]... testemunhar da única coisa que conta [:] a infância do encontro, o acolhimento feito à maravilha que acontece (qualquer coisa), o respeito pelo acontecimento. Não te esqueças de que foste e és, tu próprio, isso, a maravilha acolhida, o acontecimento respeitado, a infância misturada dos teus pais.”

J. F. Lyotard, “Glosa sobre a resistência”, 1986

Agradecimentos

Esperei tanto pela hora de agradecer, reconhecendo aqueles que estiveram e ainda estão ao meu lado, me encorajando diante das dificuldades, diante dos erros e acertos, diante dos momentos desafiadores que permeiam as grandes realizações da nossa vida. Sim, por conseguir encarar esses momentos, por vencer um desafio grandioso e conquistar muito mais do que um título de mestre, hoje preciso acima de tudo agradecer a Deus, o provedor de todas as minhas necessidades, que me mostrou que tudo que foi colocado nas Mãos Dele foi e sempre será bem cuidado. Por Sua grande sabedoria me indicou o caminho para que eu tomasse as decisões certas e avançasse em busca da realização de meus projetos. Existiram situações de desespero e angústia, mas pela fé me foi mostrado que eu poderia ir em direção a águas mais profundas, que eu deveria acreditar naquilo que eu ainda não podia enxergar. Pelo conquistado até aqui e pelo que ainda virá, hoje compreendo que realmente “a fé é uma posse antecipada do que se espera, um meio de demonstrar as realidades que não se vêem” (HB, 11, 1).

Agradeço à minha família, que com tanto amor sempre me ensinou a ir à luta com coragem, com otimismo e perseverança. Antes que eu acreditasse, já acreditavam em mim, antes que eu chorasse, já seguravam minha mão, antes que houvesse resultado, já comemoravam minhas tentativas. Amo vocês!

Mãe, obrigada por me mostrar o lado bom de tudo, por me apoiar em minhas escolhas e por me ensinar a ser perseverante na vida. Obrigada por não passar a mão em minha cabeça quando era preciso me fazer mais forte, e por se importar com cada passo meu, mesmo quando estava tão ocupada. Você, em toda sua sabedoria, é, sem dúvida, o maior exemplo de caráter, otimismo e força! Não há palavras para definir o quanto sou grata por fazer minha vida tão bonita, por respeitar e valorizar minhas decisões e por confiar em mim! Eu sei mãe querida, você sempre acreditou. Seus esforços impulsionaram os meus, suas lutas me ensinaram a ter determinação no que eu quero, e é por tudo que sempre tem feito por mim em toda minha vida, que essa conquista é essencialmente sua.

Pai, obrigada pela alegria de viver! Por me mostrar que é preciso tempo para cada coisa: para estudar e para os momentos de descanso. Obrigada por me mostrar as exigências da vida, por

me ensinar a respeitar as diversidades e a encarar tudo de frente. E também por não gostar de me ver cansada. Saiba que sou muito grata pelas vezes que, mesmo sem compreender o que tanto eu pesquisava, respeitou meus momentos de silêncio e concentração.

À minha querida irmã Suellen, minha incentivadora, por ter sido a primeira a me mostrar a oportunidade do mestrado, e por me acolher carinhosamente em Ouro Preto durante o processo seletivo e no início de minha segunda jornada acadêmica. Sú, obrigada por acreditar em mim, ser companheira, dividir seu espaço comigo, me encorajar constantemente, me apoiar e por ser a melhor amiga, aquela de todas as horas! Agradeço imensamente pelos dias de diversão, pelas inúmeras revisões ao meu trabalho (você é uma grande profissional), pelas dicas valiosas, por tudo que me ensina, por se alegrar com minhas conquistas e por estar ao meu lado sempre.

Minha imensurável gratidão ao Professor Dr. José Luiz Vila Real Gonçalves, pela maneira atenta, dedicada, tranquila e generosa com que conduziu a orientação. Agradeço de coração pela humildade, pelo incentivo constante e pelo respeito à minha autonomia, garantindo meu crescimento com a pesquisa. Quero registrar minha admiração ao grande profissional que é, sincero, aberto, assertivo e competente. Foi uma grande honra trabalhar com você! Muito obrigada pela confiança!

À Solange - querida *Sol* -, a primeira pessoa que me contou uma lenda, e que, através de suas palavras simples, mostrou a emoção contida no discurso de uma recontagem tipicamente mineira, trazendo assim projeções imprescindíveis à realização deste trabalho de pesquisa.

Aos informantes que participaram do estudo, por tanta gentileza, boa vontade e disposição em participar, mesmo que não tivessem muita noção da importância de sua colaboração. Foi muito bom ouvi-los e perceber a riqueza das vivências partilhadas. A paixão com que se conta uma Lenda é cativante. Um agradecimento especial à senhora Hebe Santos, que tão gentilmente me transmitiu informações indispensáveis ao andamento do trabalho.

À UFOP pelo acesso ao ensino de qualidade e pelo apoio à pesquisa.

Aos professores do Pós-Letras pelo interesse em meu trabalho, pelas conversas e sugestões após as aulas e pela prontidão em me ajudarem em meus questionamentos, compreendendo as dificuldades que por vezes eu apresentava por vir de outra área de conhecimento.

Um agradecimento especial à Professora Dra. Margareth Freitas Thomopoulos, que mesmo em um momento delicado, me estendeu a mão e me direcionou em minha pesquisa, e ao Professor Dr. William Menezes, por me proporcionar a descoberta da Análise do Discurso e ter assim colaborado imensamente para o enriquecimento do meu estudo através de suas ideias.

Aos amigos pela mobilização em me ajudar, pelas palavras de esperança e afeto e pela torcida constante. O envolvimento de vocês em minha pesquisa tornou tudo mais prazeroso. Obrigada por me ouvirem quando precisei desabafar o cansaço e as dores nos ombros. E obrigada por comemorarem minhas alegrias e aprendizados!

Fernando, meu grande amor e companheiro de todas as horas, você sabe tudo que construímos juntos desde o dia em que, sentados ali no banco do ICHS, esperando a entrevista de seleção, trocamos as primeiras palavras. Obrigada por nossa história de amor, cumplicidade, fé, companheirismo e apoio em todos os momentos, história que foi construída em meio a livros e artigos sobre discurso e narrações - sejam futebolísticas ou de lendas. E se falamos de discurso, obrigada por todas as conversas indispensáveis e pelo amadurecimento que alcançamos através dos aprendizados diários. Essa dissertação é para você, amor, pois caminhando juntos você me trouxe toda a segurança e inspiração necessárias para persistir. Foi por você que eu me debrucei sobre os estudos, que eu tive energia para, mesmo em meio ao cansaço, continuar com alegria este trabalho. Aproveito para também agradecer todo o incentivo que me foi dado por sua família, que torce tanto por mim. Uma vez te disse que é preciso emoção por trás do prêmio, e então que a emoção diga o que através do discurso eu não consigo dizer: o quanto sou grata a Deus por ter me ensinado não apenas a caminhar, mas a caminhar de mãos dadas. Essa pesquisa é apenas uma das nossas muitas conquistas!

“A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente”.

(HALL, 2002)

Resumo

Este trabalho é dedicado ao estudo das recontagens da Lenda da Procissão das Almas, comumente narrada pelos moradores da cidade de Mariana-MG e encenada pelos mesmos todos os anos na madrugada do Sábado de Aleluia, mantendo uma tradição. O trabalho se voltou para a análise da produção da mensagem pretendida, e não para a recepção da mesma, buscando, através destes dados, captar elementos, presentes no discurso (enunciados) do comunicador, que evidenciassem as intenções explícitas e implícitas nesse mesmo discurso, além de sua identidade social e coletiva. O objetivo é investigar as estratégias linguístico-cognitivas e discursivas utilizadas pelos narradores durante as recontagens, que permitem ao ouvinte chegar a determinadas interpretações sobre a história. Para tanto, optou-se por uma abordagem pragmático-cognitiva, através da Teoria da Relevância (Sperber; Wilson, 1986/2001), e pela busca de uma inter-relação desta com a abordagem semiolinguística proposta por Patrick Charaudeau (2009). O estudo se baseou em um *corpus* composto de cinco recontagens da Lenda da Procissão das Almas por informantes marianenses, bem como da realização de entrevistas com os participantes do estudo.

Através deste trabalho foi possível perceber que não existe uma versão definitiva sobre a Lenda da Procissão das Almas, e muito menos uma interpretação imutável sobre o significado da mesma e de sua representação na cidade, dependendo sua reflexão e suas intencionalidades, dos interlocutores para os quais é direcionada, constituindo a Lenda, portanto, um ato de comunicação em que o indivíduo coloca seus anseios, reflete suas crenças e sua identidade social e coletiva, e em que manifesta suas intenções de legitimação de hierarquia de valores, seus protestos, seus sentimentos de repúdio ou sua identificação com práticas e ideologias.

Palavras-chave: Teoria da Relevância, Semiolinguística, Lenda, Análises pragmático-cognitivas e discursivas, efeitos cognitivos e discursivos em narrativas.

Abstract

This work focuses on the retellings of the legend of Procissão das Almas, usually told by some citizens of the city of Mariana, Minas Gerais and performed by them in the little hours of every Holy Saturday, keeping a tradition. The work concentrates on the analysis of the desired message production, observing elements in the discourse (utterances) of the communicators, which show their implicit and explicit intentions, and their social identity. It aims at investigating the cognitive-linguistic and discourse strategies used by the narrators during the retellings of the legend. To this end, we built on a pragmatic-cognitive approach through relevance theory (Sperber and Wilson, 1986/2001), and search for its complementarity with the semiolinguistic approach proposed by Patrick Charaudeau (2009). The study was based on a *corpus* of five retellings of the legend of Procissão das Almas by informants born in Mariana as well as their respective interviews. The analyses carried out revealed that there is no definitive version of the Legend, or much less an unchanging interpretation about its meaning and its representation in the city. Depending on the narrators' thinking and intentions, their addressees in the retelling process, the Legend, as an act of communication in which the individual puts his/her hopes, reflects his/her beliefs and social identity, and manifests his/her intent to legitimize certain hierarchy of values, protests, his/her feelings of rejection and identification practices and ideologies.

Keywords: Relevance theory, Semiolinguistic, Legend, cognitive and pragmatic-discursive analyzes, cognitive and discursive effects on narratives.

Sumário

1 – Introdução	12
1.1 – Breve contextualização histórica	16
1.2 – Objetivos	21
1.3 – Breve contextualização teórica	21
1.4 – Justificativa	25
2 – Referencial Teórico	28
2.1 – As Teorias: Semiologia e Teoria da Relevância	29
2.1.a – A relação entre as intenções presentes nos enunciados do comunicador e a construção da imagem de si no discurso	32
2.1.b – As situações de comunicação pelos olhares pragmático e semiológico	37
2.1.c – O contexto cognitivo	45
2.1.d – O contrato comunicacional	47
2.2 – As Lendas	50
3 – Metodologia	53
3.1 – Natureza da pesquisa	53
3.2 – Os participantes	53
3.3 – A geração dos dados	54
3.3.1 – Entrevista semi-estruturada	55
3.3.2 – Recontagens da Lenda	55
3.3.3 – Transcrição dos dados	56
4 – Análise e Discussão dos Resultados	58
1º. Item temático: <i>Legitimidade discursiva do informante e valor de verdade de seus enunciados</i>	59
2º. Item temático: <i>Pertencimento da Lenda à cidade, à rua, à identidade social do lugar</i>	65
3º. Item temático: <i>Importância do evento da procissão das almas para a cidade de Mariana- MG</i>	69
4º. Item temático: <i>A visão dos informantes sobre os espectadores da procissão das almas e sobre a divulgação do evento</i>	72
5º. Item temático: <i>A visão dos informantes sobre a relação entre religião/religiosidade e a Procissão das Almas</i>	77
6º. Item temático: <i>Crenças e valores morais presentes nos enunciados dos informantes</i>	83
Outros itens retirados dos enunciados dos informantes desta pesquisa ...	91

5 – Reflexões e considerações finais	95
6 – Referências Bibliográficas	102
7 – Anexos	107
7.1 – Anexo 1: Transcrições dos trechos relevantes das Entrevistas e Recontagens	107
7.2 – Anexo 2: Entrevista Semi-estruturada	129
7.3 – Anexo 3: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	130

1. Introdução

Na madrugada do Sábado de Aleluia, os moradores de Mariana mantêm uma tradição. Vestidos com túnicas brancas e segurando velas, compõem a Procissão das Almas, uma das atrações da Semana Santa no município e que encena a Lenda da Procissão das Almas, muito comumente recontada pelos moradores da região. Alguns participantes arrastam correntes, outros seguram crânios e ossos confeccionados para o evento. O cortejo sai do Cemitério das Mercês aos primeiros cinco minutos do sábado, e os componentes cantam, tocam bumbos, matracas e outros instrumentos. Tais componentes da Procissão representam as almas castigadas, que saem às ruas pedindo misericórdia por não terem se confessado em vida. Durante a Procissão das Almas, são encenadas duas Lendas¹ do período colonial: a da Procissão do *Miserere*² e a do Balaio de Penas.

A coordenadora do evento, Hebe Maria Rola Santos, espalha penas pelas ruas durante a Procissão, ato que, segundo ela, representa as fofocas que se espalham e que jamais podem ser totalmente recolhidas depois. Enquanto a procissão segue, moradores acompanham das janelas e da rua, alguns assustados, outros curiosos; turistas aplaudem e registram o acontecimento com fotografias e filmagens, acompanhando todo o trajeto. As ruas ficam cheias de gente e o evento é alegre, chamando a atenção também da mídia. De acordo com Hebe, a manifestação, apesar de ser realizada na Semana Santa, é uma representação não vinculada à Igreja Católica, sendo um evento em que “o povo tem vez”. “Por fazer referência ao valor da confissão, as pessoas relacionam a procissão a um evento puramente religioso, mas ela é, antes de tudo, uma tradição folclórica”³. O que se sabe é que a Lenda da Procissão das Almas é recontada há tempos entre muitos moradores de Mariana, sendo conhecida por

¹ O termo *Lenda* é utilizado aqui como pressuposto, seguindo a concepção de senso comum, termo culturalmente rotulado dessa forma na região de Mariana. Avaliando sua pertinência terminológica, encontramos em Neto (1977), a seguinte justificativa para uso do termo:

Mito – Narrativa da ação de um ser inexistente. É a representação mental e irreal de um elemento com formas humanas, de astros, de peixes, de outros animais ou qualquer coisa, cuja ação em geral causa medo. *Lenda* – É uma narrativa imaginária que possui raízes na realidade objetiva. É sempre localizável, isto é, ligada ao lugar geográfico determinado. (NETO, 1977, p.132, 146).

² Miserere: *Miserere*, também conhecido como *Miserere mei, Deus* (em *latim*: "Tende misericórdia de mim, Deus") é uma versão musicada de *a cappella* do Salmo 51, feita pelo compositor italiano Gregorio Allegri, durante o papado de Urbano VIII, provavelmente durante a década de 1630. Era executado na Capela Sistina durante as matinas, como parte do serviço exclusivo das tenebras, na quarta e sexta-feira da Semana Santa. Foi a última de doze versões do Miserere em *falsobordone* compostas e executadas nestes serviços desde 1514, e era a mais popular delas. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Miserere_\(Allegri\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Miserere_(Allegri))> Acesso em: 17 fev. 2001.

³ Depoimento disponível em: <<http://bizuteturismo.blogspot.com>>. Acesso em: 17 fev. 2011.

grande parte dos habitantes da cidade. O que se pergunta é: por que essa Lenda ficou tão conhecida na região? Por que ela é recontada até os dias de hoje? Qual mensagem o contador busca transmitir a quem ouve a recontagem dessa Lenda? Como o indivíduo se utiliza de elementos de argumentação e persuasão para construir uma narrativa como essa? Seria essa narrativa utilizada para imprimir crenças e valores identitários de um indivíduo e de uma sociedade?

As crenças são pilares de sustentação de nossa personalidade. Elas guiam decisões e comportamentos em todas as áreas de nossa vida, determinando o que nos parece bom, mau, possível ou impossível, moldando nossos valores morais e nossa identidade. Desde que nascemos vamos colecionando construções mentais baseadas no que aprendemos com nossos pais, parentes, amigos, professores, colegas, com a televisão ou com livros, jornais e revistas. Esse conhecimento tem grande potencial para percorrer toda a vida do indivíduo. Um bom exemplo é como nos ligamos fortemente a determinada religião ou costume, posição social ou esportiva.

A linguagem utilizada por uma comunidade é, certamente, uma marca primordial de sua identidade, de sua cultura. Além disso, a linguagem assume o papel de principal "produto" da cultura e é, ao mesmo tempo, o principal "instrumento" de sua transmissão (SANTOS, 1994). Não se pode negar que existe uma grande influência da língua sobre a visão de mundo daqueles que a falam, e, da mesma forma, sabe-se que o contexto cultural exerce influência sobre a língua. Assim,

a língua, portanto, só existiria para englobar a cultura e comunicá-la, transmiti-la. Daí se infere que, para o real conhecimento de um grupo humano, não basta pesquisar sua história, seus costumes ou o ambiente em que vive, é necessário observar a forma particular de ele representar a realidade que o circunda. (BRANDÃO, 1991, p. 38)

Bakhtin (2003, apud Bernardi, 2009) em seu estudo sobre a obra de Rabelais (2003, 2006)⁴ *Gargantua e Pantagruel*, mergulha na complexidade da rica tradição cômica popular, em sua variedade de formas e manifestações. Sobre o carnaval, Bakhtin (1979) evidencia o mesmo como uma cosmovisão poderosa e capaz de captar a energia popular de modo a conduzir a um sujeito coletivo. A energia carnavalesca pode contaminar tudo e todos, resultando em transformações socioculturais. Desta forma, Bakhtin aponta que “na linguagem de suas

⁴ RABELAIS, F. *Gargantua e Pantagruel*. Trad. Davi Jardim Junior. Belo Horizonte: Itatiaia, 2003.

formas, todos os assuntos podem sofrer um processo de carnavalização”, como por exemplo ocorre com as festas religiosas e a carnavalização do inferno em textos medievais. Pelo espírito carnavalesco, Bakhtin enxergou também a possibilidade de diálogo entre dois mundos:

Pela linguagem contaminada pelo riso, e pela paródia, o homem do povo tomava consciência crítica da existência de dois mundos- o mundo oficial, normativo, onde viviam os donos do poder, e o mundo extraoficial, onde viviam os homens oprimidos pelo poder. Em determinados dias do ano, porém o respeito à cosmovisão carnavalesca permitia a alteração dessa ordem. Os oprimidos ganhavam o direito de, a partir de brincadeiras verbais e de ritos e espetáculos especiais, trazer à tona o avesso da vida. Nesses momentos, ria-se do opressor: tanto o poder da Igreja quanto o poder do Estado eram ridicularizados (BERNARDI, 2009, p. 78-79).

Tal excerto remete e justifica o que declara a organizadora da Procissão, Hebe Maria Rola Santos, quando questionada sobre a importância do evento da Procissão das Almas: *“é também uma forma... de o povo ter VOZ uma vez ou outra, porque é a voz do povo, a procissão é a voz do povo... então o ato MAIS DEMOCRÁTICO que nós podemos fazer é esse, todo mundo dá opinião, faz sua roupa, cada um toma emprestado a roupa, então o povo se junta...”*.

Bernardi (2009) explica o surgimento de uma linguagem especial para representar um tipo de contato familiar intenso que se desenvolveu no ambiente público: diz respeito às blasfêmias, grosserias, juramentos e obscenidades proferidas livremente durante as festas. A autora explica que, em sua origem, as blasfêmias ligavam-se ao culto às divindades, com um sentido mágico que degradava e regenerava simultaneamente, e depois, carnavalizadas, continuaram ambivalentes e assim ajudaram a ampliar o sentido de liberdade e alegria. Bernardi aponta ainda outro adendo característico da cultura cômica medieval: as imagens do corpo e todo seu universo semântico, incluindo as ideias de nascimento e morte, o que Bakhtin denomina *realismo grotesco*. Segundo essa concepção, o sujeito é o povo, “com seu corpo exagerado, universal, cósmico e abundante, remetendo ao princípio material e corporal, alegre e festivo” (BERNARDI, 2009, p.79).

O realismo grotesco foge a qualquer dogmatismo e se caracteriza por apresentar imagens (...) de corpos em transformação, inacabadas e imperfeitas, que tendem a aproximar os extremos da vida – o nascimento e a morte, por exemplo. (BERNARDI, 2009, p. 79)

Consegue-se estabelecer uma comparação entre o realismo grotesco, tal como definido por Bakhtin, e o que acontece durante o evento da Procissão das Almas: as brincadeiras com a

morte, o vestir-se de morte e de alma penada, o lidar com a questão da morte de modo alegre, cômico, festivo e exagerado, ou seja, carnavalizado. É o que se percebe ao assistir ao evento e analisar as reações dos que participam.

A universalidade da festa popular faz com que tudo se torne objeto de burla e deboche, inclusive os próprios debochadores: o riso popular ambivalente expressa uma opinião sobre um mundo em plena evolução no qual estão incluídos os que riem (BAKHTIN, 1993, p. 11).

Pelo exposto inicialmente, deve-se considerar que analisar um evento cultural como a Lenda da Procissão das Almas é também analisar a energia popular capaz de manter a tradição na comunidade. Assim, buscar compreender um pouco sobre a constituição da sociedade marianense, como suas comunidades foram formadas e como se davam as relações dentro dessas comunidades, a transmissão de valores morais, – e quais foram e são tais valores –, se torna importante para este trabalho, que tem como objeto de pesquisa as recontagens de uma Lenda muito conhecida na cidade de Mariana- MG, para capacitar uma análise mais precisa sobre o comportamento linguístico de seus integrantes na tentativa de representar –através da recontagem de uma Lenda- a realidade vivenciada por eles.

Sperber (2001) chama de *representações culturais* aquelas que estão amplamente disseminadas num grupo social, de modo duradouro, e afirma que o que explica o fato de certas representações serem mais “contagiantes” do que outras numa dada população é uma espécie de *epidemiologia das representações*. Sperber estabelece semelhanças entre as epidemias e as representações quando diz que assim como a Patologia está para a Epidemiologia das doenças, a Psicologia cognitiva está para a Epidemiologia das representações, ou seja, é preciso estudar o modo como as representações atingem os indivíduos através da Psicologia Cognitiva, assim como a Patologia avalia o modo como as doenças atingem os organismos. Deste modo, seguindo tal perspectiva, o autor avalia que a explicação de um fato cultural - a distribuição de uma representação tal como uma Lenda e sua encenação- deve ser buscada não em um mecanismo global, mas encadeando micromecanismos, posto que para ele é preciso buscar a explicação causal dos macrofenômenos culturais nesse encadeamento dos microfenômenos da cognição e da comunicação. “Quais são os fatores que levam um indivíduo a exprimir uma representação mental sob a forma de uma representação pública? Que representações mentais os destinatários da representação pública são levados a construir?” (SPERBER, 2001, p. 103).

Cabe aqui salientar que, apesar do *corpus* desta pesquisa ser baseado numa tradição cultural da cidade, não é objetivo deste trabalho abordar teorias culturais ou interculturais, servindo estas apenas como pano de fundo. O presente estudo volta-se para os aspectos linguístico-cognitivos envolvidos na formação do discurso narrativo da Lenda da Procissão das Almas por indivíduos naturais da cidade de Mariana - MG que participam do evento e/ou que sabem contar a Lenda.

1.1 Breve Contextualização Histórica

Lewkowicz (1998, p. 88)⁵ conta que na parte inicial do século XIX é possível perceber-se a distribuição das famílias no espaço urbano, por meio das informações deixadas pelos párocos que percorreram a cidade para verificar se os fiéis haviam cumprido as normas da Igreja em relação à desobriga da Quaresma –dever dos católicos de se confessarem ao menos uma vez por ano- e elaboraram listas, os róis⁶ de confessados, que, segundo o autor, são “verdadeiros censos populacionais”. Normalmente os padres seguiam o mesmo roteiro, desenhando as regiões da cidade e assinalando as diferentes denominações das ruas, largos e becos.

Com base nos róis, Lewkowicz (1998, p.88) diz que se dividia a cidade em cinco áreas distintas, repetidas pelos párocos em seus itinerários “à procura dos que ainda não tinham se livrado dos pecados”. Nessa época o conjunto de domicílios de Mariana reunia 3.651 habitantes, com a presença de maior número de mulheres entre livres e predomínio de homens entre escravos, sendo 32% da população de condição cativa. Lewkowicz (1998) destaca que, embora houvesse diferença entre as áreas em foco, no que diz respeito à presença de domicílios com escravos, a pobreza e a riqueza conviviam muito proximamente, dentro de cada área. Casas de famílias pobres eram ladeadas por casas de famílias ricas, casas alugadas e residências próprias, sobrados e casarões numa mesma rua.

Arruda (1990, p.65) destaca o caráter politizado da vida social de Minas, presente já nas visões do século XIX, onde “a liberdade vivia na boca de todos e transpirava pelos poros dos

⁵ LEWKOWICZ, I. (1998). “Espaço urbano, família e domicílio (Mariana no início do século XIX)” in GONÇALVES, A. L.; OLIVEIRA, R. P. (orgs.). *Terço de Mariana: história e documentação*. Mariana: Imprensa Universitária da UFOP, 1998.

⁶ Ver: *Arquivo eclesiástico da Arquidiocese de Mariana*. Rol de confessados de 1809, livro n.7, prateleira R; 1813, livro n.8, prateleira R; 1823, livro n. 9, prateleira R.

seus habitantes”. Os viajantes coloriram o vezo político dos mineiros e deram ênfase à sua revolta diante do jugo português. Existia a ideia de que a opressão fora muito mais cruel nas Minas:

Acontece que, de todas as províncias desse imenso território, a mais fiscalizada, a mais oprimida, a mais explorada era, sem contradição, a de Minas Gerais. O rei, soberano de direito, recebia um quinto sobre os valores extraídos das Minas. Todo o terreno descoberto, contendo ouro ou diamantes, não era propriedade particular e passava para o estado (RIBEYROLLES, 1941, p. 50).

A caracterização de certos traços das visões futuras da mineiridade se dá por componentes importantes, como a figura de Tiradentes, - concebido como mártir da liberdade brasileira, o homem que encarnou os princípios da pátria provocando o nascimento da brasilidade política -, e o conceito de que os artífices de movimentos políticos, tais como a conjuração mineira, eram homens de “razão suprema”, personalidades cultas de Minas.

Através da revivescência do episódio da conjuração, Minas Gerais de novo diferencia-se do conjunto. No ciclo do ouro, bafejava-a a aragem da celebridade, e agora, quando os recursos esvaíam-se, “esta grande e heróica Província tem razão de sentir-se orgulhosa, por ele ser (Tiradentes) ligado diretamente à Independência do Brasil. À antiga mística mineira sobrepôs-se (...) a idéia da libertação pátria e da organização de um Estado soberano que permitisse, aos nacionais e aos lusos com eles solidários, o uso e o gozo de valores e riquezas aqui existentes e passíveis de justa e inteligente apropriação” (ARRUDA, 1990, p. 67).

Nos ilustrados mineiros do século XVIII começava a despontar a consciência da grandiosidade do problema social causado pela atividade mineradora. Tal percepção dos problemas mobilizou colonos e colonizadores, envolvidos na busca por possíveis explicações do fenômeno e pela busca de diversas saídas. Na colônia, as manifestações comportaram súplicas ao rei de Portugal até movimentos de cunho separatista, como o foi a Inconfidência (ARRUDA, 1990). A brutalidade do processo colonizador sobre os negros e índios somou-se, em Minas Gerais, aos sanguinolentos episódios da guerra dos emboabas e do enforcamento de Tiradentes.

A noção de que as Minas Gerais eram incontrolláveis, bastante enfatizada por seus administradores, que possivelmente vislumbravam uma forma de valorizar os serviços prestados ao rei, outrora aparece como exemplo do caráter libertário dos mineiros (ARRUDA, 1990).

De acordo com Arruda (1990, p. 69), ainda no início do século XVIII, as palavras do conde de Assumar são sinônimo da inquietação natural dos mineiros:

Das Minas e seus moradores bastava dizer [...] que é habitada por gente intratável, sem domicílio, e ainda que está em contínuo movimento, é menos inconstante que os seus costumes; os dois nunca amanhecem serenos; [...] Eu, contudo, reparando com mais atenção na antiga e continuada sucessão de perturbações que nela se vêem, acrescento que a terra parece que evapora tumultos; [...] o ouro toca desaforos; destilam liberdade os ares; [...] o clima é a tumba da paz e berço da rebelião [...]” (ARRUDA, 1990, p. 69).

Para os colonizadores, tornava-se imprescindível a docilidade de seus súditos, pois não era permitido nenhuma liberdade em relação ao ouro, com vistas a garantir a permanência da exploração aurífera. Para tanto, era necessário “reprimir os desaforos revérberos do ouro” (ARRUDA, 1990, p. 69).

Costa (2008) relata em seu trabalho que

uma das principais preocupações das autoridades coloniais foi a manutenção da Ordem Pública, que constantemente se via ameaçada. Tal preocupação recaía principalmente sobre as camadas pobres da população, sobretudo, as pessoas não brancas. Durante a primeira metade do século XVIII, temia-se uma sublevação generalizada da população negra, que colocaria em risco o controle metropolitano sobre a região das Minas. As principais queixas se referiam aos insultos e às constantes perturbações que aconteciam durante os bailes e batuques, ocorridos nas vendas e pelos segmentos sociais menos favorecidos (COSTA, 2008, p.151).

Outro foco de vigilância e cuidado por parte das autoridades foram as “casas de alcouces”⁷, que, de acordo com Costa (2008), frequentemente promoviam festas e ajuntamentos de diversos setores da população, cujos ambientes eram propícios a encontros ilícitos, cooperando com a prática da prostituição. Por se tratar de uma atividade rendosa, muitas pessoas cediam as suas moradias para tais ajuntamentos, onde muitas vezes também aconteciam batuques, bebedeiras e danças que frequentemente terminavam em tumulto, o que, para as autoridades, representavam procedimentos escandalosos que ofendiam a moral e a Deus.

O medo de uma desordem generalizada foi constante, também, durante a segunda metade do século XVIII. Sendo assim, durante todo o século, não foram raros os bandos de governadores, editais e ordens dos Senados das Câmaras e representações dos moradores das Minas pedindo providências pelo sossego público (COSTA, 2008, p. 151).

A maioria dos distúrbios acontecia à noite, pois esta “propiciaria a libertinagem dos cativos e forros, fazia dos homens livres suspeitos, massa potencialmente desconhecida que encontrava

⁷ Expressão utilizada para designar os prostíbulos e os demais locais onde ocorria a prática da prostituição.

aí oportunidade de dar vazão aos seus instintos mais escuros e ameaçadores” (LEMOS, 2003 *apud* COSTA, 2008, p. 151).

O temor em relação ao comportamento das camadas populares era constante, não somente nos setecentos, mas também no século seguinte, que vivenciou as mesmas preocupações, remanescentes daquele período de formação social. O governo imperial lançou mão de várias estratégias para controlar os indivíduos, objetivando disciplinar a população. Bem como, ao tentar promover mudanças nas condutas individuais e sociais das pessoas, o Estado buscava a racionalização dos costumes. Deste modo, mais uma vez as autoridades precisariam intervir nos ambientes das festas e de práticas do lazer coletivo, - como os ajuntamentos “indevidos” de homens e mulheres-, para que fossem asseguradas a moral e a tranquilidade pública (COSTA, 2008, p. 152).

De acordo com Costa (2008), o artigo 23 das Posturas Policiais da Cidade de Mariana evidencia como eram feitas as tentativas de garantir a moral e ordem pública naquela época:

Ficam proibidos nesta Cidade e Arraiais do Termo ajuntamentos de homens e mulheres para batuques e outros fins ainda mais perniciosos e ofensivos à moral Pública, devendo ser multados em dois mil e quatrocentos réis pela primeira vez, pela segunda o duplo, e seis dias de cadeia cada um dos indivíduos que for achado em tais ajuntamentos, e o que der casa sofrerá sempre a pena dobrada (ARAÚJO⁸, 2004, *apud* COSTA 2008, p. 152).

Costa (2008, p. 152) afirma ainda que, “apesar da legislação e de todo o esforço empreendido pelas autoridades governamentais, tais ajuntamentos se estenderam por todo o século XIX”, causando tumultos entre autoridades e a população.

Em seu livro *Mitologia da Mineiridade*, Arruda (1990, p. 86) afirma que a figura do mineiro é a figura de uma pessoa “retraída e prudente, ao estender as mãos em feitiço cismarento e ao hesitar em esbanjar suas economias”. Arruda cita Castoriadis(1986), que diz que

o mundo social-histórico está indissociavelmente entrelaçado com o simbólico. Falamos do imaginário quando queremos falar de alguma coisa inventada- quer se trate de uma invenção absoluta (uma história imaginada em todas as suas partes), ou de um deslizamento, de um deslocamento de sentido, onde símbolos já disponíveis são investidos de outras significações que não suas significações ‘normais’ ou ‘canônicas’ (...) Nos dois casos, é evidente que o imaginário se separa do real (...). (CASTORIADIS, 1986, p. 142).

⁸ ARAÚJO, P.V.L.. “Uma cidade em cena: folganças carnavalescas na Mariana do século XIX”. In: GONÇALVES, A.L; OLIVEIRA, R.P. Termo de Mariana: história & documentação. Mariana: Imprensa Universitária da UFOP, 2004, p. 93-102.

Deste modo, Arruda (1990) diz que entre imaginário e simbólico estabelecem-se relações de dupla-mão, onde aquele se utiliza dos símbolos “para existir, para passar do virtual a qualquer coisa a mais”, e este, inversamente, “pressupõe a capacidade imaginária”.

Pelo exposto até aqui, é possível perceber alguns valores morais e sociais que podem justificar a propagação da Lenda da Procissão das Almas na cidade: a necessidade de manter a ordem na cidade, o recolhimento; o valor da confissão como forma da Coroa manter o controle de seus cidadãos e tentar conter o ímpeto de uma sociedade agitada pelos levantes da Inconfidência Mineira, além da necessidade de buscar contornar a crise mineradora que se instalava. Não é possível determinar ao certo quando essa Lenda começou a ser contada em Mariana e nem os motivos que levaram à tradição de recontá-la, mas o pretendido é tentar buscar, nos tempos atuais, intencionalidades presentes na recontagem da Procissão das Almas, a partir do contexto no qual se formou a cidade e do ambiente físico e cognitivo partilhado entre seus moradores.

Sperber (2001) diz que uma representação mental certamente tem apenas um usuário, mas uma representação pública pode ter vários, e afirma que antes da reprodução estrita de uma representação pública, como a imprensa, houve e sempre haverá a produção de representações semelhantes umas às outras, o que ele denomina versões, por meio da transmissão oral. Um exemplo dado por Sperber é o caso de ouvintes (audiência) de uma narrativa que podem tornar-se narradores mais ou menos fiéis, visto que os grupos sociais, tomados em seu ambiente, são habitados por grande número de representações mentais e públicas. O autor explica que cada membro do grupo tem em seu cérebro milhões de representações mentais, que constituem o saber do indivíduo. Algumas dessas representações são comunicadas, o que se caracteriza pela produção de uma representação pública que conduzirá outro indivíduo a produção de outra representação mental semelhante. Representações comunicadas repetidamente podem ser objeto de uma versão mental em cada membro de um grupo, e assim, distribuídas amplamente nesse grupo, habitando-o de modo duradouro, se tornam representações culturais.

1.2 Objetivos

O que se pretende é, portanto, avaliar os mecanismos linguísticos e cognitivos que proporcionarão que a intenção informativa do comunicador (para informar o receptor/ouvinte de alguma coisa) se manifeste no ambiente cognitivo da audiência, durante o ato de recontar a Lenda. O trabalho vai lidar com a inferência do ponto de vista da ostensão (do comunicador), do seu planejamento estratégico visando à produção de efeitos contextuais na audiência, ou seja, visando a produção de estímulos sobre o ambiente cognitivo da audiência, na tentativa de produzir uma informação que vá modificá-lo ou perturbá-lo.

A proposta deste trabalho é buscar a intenção informativa que o comunicador, ao contar a Lenda, tenta transmitir à audiência, a partir do ambiente comunicativo partilhado no momento da interação, ou seja, como ele articula essa intenção de informar e de alcançar efeitos cognitivos através da narração.

Sperber (*apud* Jodelet, 2001) afirma que “toda interpretação é o produto de um trabalho essencialmente intuitivo do intérprete e obedece a um critério cujas implicações variam segundo o ponto de vista”. O principal objetivo é, portanto, investigar as estratégias linguístico-cognitivas utilizadas pelo narrador durante a recontagem da Lenda, que permitirão ao ouvinte chegar a determinadas interpretações sobre a história que se conta, o que possibilitará angariar subsídios para a compreensão do *status* sócio-cultural da Lenda da Procissão das Almas em Mariana, MG. O foco está, portanto, na análise da produção da mensagem pretendida, e não na recepção da mesma, optando-se, para tanto, por uma abordagem pragmático-cognitiva, através da Teoria da Relevância (Sperber; Wilson, 1986/2001), e buscando ainda uma inter-relação com a abordagem semiolinguística proposta por Patrick Charaudeau (2009).

1.3 Breve contextualização teórica

No tocante à escolha da pragmática, esta se justifica pelo seu próprio objetivo, que é demonstrar como o significado linguístico se junta com as suposições contextuais durante a compreensão e produção dos enunciados (WILSON, 1995).

No que se refere à cognição, sendo esta compreendida como “a capacidade que os indivíduos têm de converter em conhecimento as informações captadas do meio em que vivem” (SANTOS; GODOI, 2010, p. 72), evidencia-se a importância de nortear a pesquisa pelo viés cognitivo justamente por se tratar este estudo de uma avaliação do processo de produção de efeitos contextuais/cognitivos na audiência (referente à propagação da Lenda da Procissão das Almas em Mariana) dentro de um contexto comunicacional.

Segundo Sperber (1986), não há modo de descrever o conteúdo de uma representação, pois “ela é parafraseada, traduzida, resumida, desenvolvida; em resumo, interpretada”, sendo a interpretação “a representação de uma representação por outra, em virtude da semelhança de conteúdo”. (SPERBER, 1986, p. 93).

De acordo com Campos (2008, p. 11), “Sperber e Wilson (1986, 2005, 2001) defendem, há mais de vinte anos, uma interessante e bem sucedida abordagem sobre a interface comunicação-cognição, conhecida como Teoria da Relevância (TR)”.

É necessário definir inicialmente a noção de Relevância, esclarecendo que esta “não estabelece previamente qualquer ênfase semântica de determinadas características linguísticas”. A Relevância, “funcionando paralelamente ao desenrolar de processos cognitivos, direciona tanto as decisões de escolha semânticas para informações novas quanto orienta a utilização de informações velhas” (ALVES, 1996, p.80-81).

Campos (2008), afirma que a TR procura ser descritiva e explanatoriamente consistente em seus dois princípios da relevância, o cognitivo e o comunicativo. “Sperber e Wilson defendem a TR como uma teoria da comunicação ostensiva humana, baseada em princípios de relevância (TR), essencialmente ligados à intuitiva dicotomia custo/benefício” (COSTA, 2005, p. 161). Tal dicotomia diz que dadas duas propostas comunicativas concorrentes, a relevância, considerada comparativamente, será maior quanto mais baixo o custo e quanto mais alto o benefício (COSTA, 2005).

Esse tipo de relação, enraizada na cognição humana, seria a base da comunicação entre as pessoas, à medida que orienta o processo inferencial entre os interlocutores, fio condutor para que a compreensão comum se estabeleça. Em palavras mais simples, as pessoas se entendem, porque são dirigidas a uma avaliação recíproca de suas intenções, cujo roteiro é construído pela ideia cognitivamente compartilhada de relevância (COSTA, 2005, p. 161).

Na perspectiva de custo/benefício, a tendência de otimizar o ato comunicativo é o que orienta a cognição humana, o que se nota, basicamente, “na tentativa de oferecer/retirar o máximo de efeito contextual com um mínimo de esforço de processamento” (CAMPOS, 2008, p.21).

Dada a TR, o ato de comunicação ostensiva vem carregado por uma presunção de relevância ótima, como um resultado de uma vocação natural da cognição humana, e isso permite aos participantes do processo coordenarem suas inferências de modo a interagirem em uma forma racional de compreensão. Tanto maior o efeito contextual, tanto menor o custo de processamento, tanto mais otimizada a relação entre ambos, tanto maior a relevância e, certamente, tanto maior, em princípio, a compreensão (CAMPOS, 2008, p. 21-22).

Com base nos pressupostos aqui apresentados, referentes à TR, realizar-se-á a averiguação das estratégias de produção da mensagem pelo comunicador. Nesse tipo de pesquisa, a análise do pesquisador quanto às intenções do falante é validada, visto que na TR o processo cognitivo de interpretação inferencial é não-demonstrativo, pois “as conclusões inferenciais não podem ser mentalmente comprovadas, apenas confirmadas contextualmente” (SANTOS; GODOI, 2010, p. 76). Daí que o processo de compreensão inferencial é um raciocínio empírico que acessa livremente diversas informações conceituais da memória, estando, portanto, a cognição humana firmemente condicionada à percepção e à representação que os indivíduos têm ou fazem do mundo em que vivem. “A inferência é uma forma processual cognitiva de fixação daquilo que o indivíduo acredita, ou seja, de crença. A função das regras inferenciais é, então, a de garantir a validade lógica do significado (conteúdo psicológico de um enunciado)” (SANTOS; GODOI; 2010, p. 76). A hipótese de que podem ocorrer falhas na comunicação humana, mesmo nas melhores circunstâncias, está na base do processo cognitivo humano. O ouvinte pode não deduzir a intenção informativa do falante, pode supor alguma coisa através das evidências fornecidas pelo comportamento ostensivo do falante, ou pode ainda haver uma confirmação para uma suposição, mas nenhuma prova (SANTOS; GODOI; 2010).

Em meio a tudo isso, os seres humanos conseguem de algum modo “trocar” informações nas situações mais improváveis, das quais muito se pode supor acerca daquilo que é mutuamente manifesto aos interlocutores; e é na produção de informações pelo comunicador, –tendo em vista a interferência que ele pode desencadear no ambiente cognitivo da audiência ao proferir um enunciado- no contexto de uma recontagem da Lenda da Procissão das Almas, que esse estudo se sustenta, baseando-se no sistema cognitivo humano, cujo mecanismo se norteia por

um conjunto de informações antigas e novas, deduzindo sistematicamente as conclusões que delas se derivam (SANTOS; GODOI; 2010).

Já no que diz respeito à abordagem semiolinguística, sabe-se que, cada vez mais, busca-se compreender a ponte, a mediação entre o plano do sujeito, com suas intenções, preferências e estratégias mais ou menos conscientes e o plano das estruturas sociais, das coletividades, dos constrangimentos externos. A proposta de análise do discurso desenvolvida por Patrick Charaudeau insere-se, sem dúvida alguma, nesse esforço amplo das Ciências Humanas de construção de um modelo multidimensional de compreensão da realidade social. Cabe observar, no entanto, que seu objetivo não é a construção de uma teoria geral e abstrata sobre os mecanismos de articulação entre estruturas e atores sociais. Diferentemente disso, Charaudeau esforça-se para constituir uma estratégia operacional de análise dos discursos capaz de contemplar, de modo integrado, as múltiplas dimensões envolvidas num ato de linguagem. Embora ele chegue a estabelecer proposições gerais sobre o modo de articulação entre vários planos da realidade social, toda sua teorização é desenvolvida a serviço de um modelo alternativo de análise empírica do discurso que ele pretende inaugurar (MARTINS NOGUEIRA, 2008, p.1). Charaudeau (2009) procura evitar tanto as abordagens que enfatizam excessivamente o plano do contexto social, em prejuízo da análise propriamente linguística, quanto as que tendem a focalizar unilateralmente a dimensão linguística, sem considerar suficientemente as condições sociais de produção do discurso (MARTINS NOGUEIRA, 2008).

O trabalho está ancorado no suporte metodológico da pesquisa qualitativa, que se justifica como tal na perspectiva de Chizzotti (2003, p.221), que diz que “o termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível”. Segundo Seliger e Shohamy (2001), o principal instrumento de coleta de dados na pesquisa qualitativa são as observações, por ser a melhor forma de se analisar um fenômeno ou comportamento enquanto ele ocorre.

O presente estudo contou com a contribuição de cinco informantes nascidos e moradores de Mariana, assegurando informações fidedignas advindas de indivíduos com maior engajamento social e cultural no ambiente onde a Lenda da Procissão das Almas se propaga. Tais

informantes souberam recontar a Lenda da Procissão das Almas, o que foi uma característica essencial para angariar os elementos estruturais relevantes à compreensão e análise das estratégias linguístico-cognitivas utilizadas pelo falante, para produzir os efeitos contextuais pretendidos no ambiente cognitivo do ouvinte, conforme postulado pela TR.

Os dados foram obtidos a partir da coleta (através de registros em áudio e vídeo) das recontagens, bem como da realização de entrevistas com os participantes do estudo, e buscou-se, através destes dados, captar elementos, presentes no discurso (enunciados) do comunicador, que evidenciassem sua identidade social e coletiva, além de suas intenções explícitas e implícitas nesse mesmo discurso.

1.4 Justificativa

A cognição é entendida como a capacidade que os indivíduos têm de transformar em conhecimento as informações ou os estímulos captados do meio em que vivem. Como a meta da cognição humana é produzir sempre um aprofundamento do conhecimento de mundo das pessoas, pensar no modo como as informações são colhidas e processadas é algo valioso e altamente justificável, já que, na interação verbal, em cada momento do processo interpretativo, a cognição desempenha diversas tarefas. (SANTOS; GODOI, 2010, p.72).

A escolha do tema, que trata da análise das interações comunicativas, com destaque para a metarrepresentação do ambiente cognitivo da audiência pelo comunicador, -visando obter mais efeitos cognitivos, com relativamente menos esforço-, durante o ato de recontagem de uma Lenda tipicamente propagada na cidade de Mariana, se deve, portanto, ao fato de que o ato de narrar serve a necessidades cognitivas, estruturando e processando a experiência e as necessidades sociais, compartilhando tais experiências (KLAPPROTH, 2004). Os mecanismos e estratégias linguístico-discursivos necessários para narrar são adquiridos na interação cotidiana (LACERDA, 2004), e daí a justificativa para o interesse em estudar tais mecanismos e estratégias de comunicação contidos na fala de quem conta a Lenda na cidade, buscando verificar o conteúdo informativo relevante para o comunicador nesse contexto interacional ou ambiente cognitivo.

A comunicação é um processo em que estão envolvidos dois mecanismos que fazem o processamento das informações. Um dos mecanismos modifica o ambiente físico do outro. Como resultado, o segundo mecanismo constrói representações semelhantes àquelas representações que se encontram já armazenadas no primeiro mecanismo. A comunicação oral, por exemplo, é uma modificação no ambiente acústico do ouvinte provocada pelo falante, assim levando o ouvinte a desenvolver pensamentos que são semelhantes aos dele. (SPERBER; WILSON, 2001, p. 26).

O estudo da comunicação chama a atenção para duas questões da maior importância: primeiramente, o que será que se comunica, e depois, como será que se consegue realizar uma comunicação? Quanto à primeira pergunta, entre as respostas propostas estão significados, informações, proposições, sentidos, ideias, crenças, atitudes, emoções (SPERBER; WILSON, 2001). É provável que mais de uma dessas propostas represente a verdade, mas “aquilo que podemos ter certeza é o fato de que um ritual religioso comunica algo bastante diferente daquilo que é comunicado por uma tabela de câmbios” (SPERBER; WILSON, 2001, p.26). Considerando que, para Sperber e Wilson (2001), informações não são apenas aquilo que é considerado fato verídico, mas também as suposições dúbias e falsas que são apresentadas como factuais, e uma vez que “uma maneira comum de se atingir relevância consiste em fornecer uma evidência ao ouvinte que se relacione com alguma suposição sua” (IBAÑOS, 2010, p. 153), o estudo inferencial é importante para identificar os processos através dos quais uma suposição é aceita como verdadeira ou provavelmente verdadeira de acordo com a força de verdade ou provável verdade contida nos enunciados do falante.

Conforme Carston (1997), quando um falante/comunicador realiza um ato ostensivo, tal ato envolve inferência. O ouvinte/observador do ato ostensivo inicia um processo inferencial porque ele assume que o falante é racional e está realizando um ato ostensivo por alguma razão, e vale a pena para o observador tentar descobrir qual é essa razão. Todo o processo de comunicação é, pois, um processo de ostensão e de inferência. (IBAÑOS, 2010, p. 156).

Nogueira (2008) acredita que os contratos de comunicação funcionam como “códigos implícitos”, expectativas compartilhadas e mais ou menos institucionalizadas sobre a maneira como funcionam as situações de comunicação e sobre os prováveis discursos em cada tipo de situação. Nogueira ressalta que essas expectativas referem-se, simultaneamente, às condições de produção e ao discurso produzido, ou seja, conjuntamente aos componentes situacionais e linguísticos.

Em poucas palavras, um contrato de comunicação é uma definição socialmente estabelecida de quais as condições (identidade dos sujeitos, objetivos legítimos, saberes pertinentes, circunstâncias materiais) apropriadas para se produzir cada tipo de discurso (narrativo, argumentativo, persuasivo, descritivo, com um conjunto ou outro de recursos estilísticos, mais ou menos formal, etc) e, inversamente, que tipo

de discurso é adequado para que condições. Trata-se, assim, de uma noção fundamental dentro do objetivo de Charaudeau de articulação entre os componentes linguístico e situacional (MARTINS NOGUEIRA, 2008, p. 3).

Por esse motivo, acredita-se na contribuição do presente trabalho para os estudos da comunicação baseados na TR e na Semiologia, principalmente no que diz respeito à análise das pretensões do produtor da mensagem, ao avaliar como os seus estímulos ostensivos são organizados/estruturados para produzir efeitos contextuais significativos em sua audiência, considerando que, para Charaudeau (2009), a identidade social é em parte determinada pela situação de comunicação: ela deve responder à questão que o sujeito falante tem em mente quando toma a palavra : “Estou aqui para dizer o quê, considerando o status e o papel que me é conferido por esta situação?” (CHARAUDEAU, 2009 apud PIETROLUONGO, 2009, p. 320). Almeja-se ainda que este estudo traga contribuições teóricas às áreas da semiologia, e às vertentes pragmáticas e cognitivas - sobretudo à Teoria da Relevância-, além de permitir que haja a construção conjunta de conhecimento sistematizado através da troca empírico-teórica que se constitui com a cidade de Mariana neste trabalho.

2. Referencial teórico

Para muitos pesquisadores, o trabalho com recontagens está sempre, e inevitavelmente, relacionado à experiência. Segundo essa perspectiva, uma das principais maneiras que o ser humano teria de manifestar, comunicar e até mesmo compreender a experiência seria colocá-la sob a forma narrativa.

Essa "forma", entretanto, envolve tanto a colocação de palavras em estruturas inteligíveis de significado quanto à coordenação de uma série de códigos e dispositivos culturais que permitem que a narrativa seja compreendida. “Estes últimos serão mais ricos e informarão mais a respeito da cultura em questão à medida que estiverem sendo observados num ‘evento’ onde os significados são negociados e atualizados no ato mesmo de sua produção” (BAUMAN⁹, 1977, p. 126).

Em outras palavras,

ao contrário do que ocorre nas recontagens escritas, nas *performances* recontagens o tempo e o espaço do contador encontram-se com o tempo e o espaço da audiência, propiciando uma interação, um diálogo e uma troca de experiências que estão, neste ‘aqui e agora’ compartilhado, mostrando a própria cultura em emergência (BAUMAN, 1977, p.126).

Quando se coloca em foco o estudo linguístico das recontagens de uma lenda, como a pesquisa que aqui se apresenta, buscam-se exatamente as estratégias verbais e/ou não-verbais utilizadas pelo comunicador e pelo receptor, para conseguir uma interação em que haja essa troca de experiências, em que haja uma transmissão/compartilhamento de informações que conduza à emergência dos valores morais e culturais relevantes para ambos no contexto dessa interação. Na cidade de Mariana, a Lenda da Procissão das Almas é bastante conhecida entre seus moradores, sendo fácil encontrar pessoas que saibam contá-la, cada um à sua maneira. O que fica memorizado sobre a Lenda na fala de cada um que a conta, o que cada um acha importante dizer ao recontar, são indícios do que é estimado pelo sujeito como valor, em termos éticos, morais, sociais e /ou culturais. Gibert (apud Amossy, 2005, p. 19) nota que os caracteres “marcados e difundidos na maneira como se fala fazem que o discurso seja como

⁹ Bauman (1977) usa o termo *evento* para designar um segmento limitado, e culturalmente definido, do fluxo de comportamento e da experiência, constituindo um contexto significativo para a ação. *Performance* é aqui considerada dentro da "perspectiva performática" ou seja, como um evento performático.

que um espelho que reflete o orador...”. Le Guern (apud Amossy, 2005, p. 19) conclui de seu percurso pelos manuais clássicos que a eficácia do discurso deriva claramente dos caracteres oratórios, e não dos caracteres reais. Numa cidade antiga como Mariana, que busca através dos séculos manter valores sociais e culturais em suas comunidades, como se dá a interação verbal nesses casos de recontagem da Lenda tão famosa em suas terras?

2.1 As Teorias: Teoria Semiollingüística e Teoria da Relevância

A Teoria Semiollingüística de Patrick Charaudeau consiste em uma abordagem, dentro dos estudos do discurso, que “se funda no estudo da enunciação, calcado pelo intermeio dos comportamentos sociais enquanto constituintes de práticas languageiras entre instâncias de ação em um contrato de comunicação” (MACHADO, 2006, p. 13). Segundo Machado (2006), essas práticas emergem de condições de produção e interpretação em que os sujeitos desse contrato fazem uso dos modos de organização do discurso.

Segundo Charaudeau (op. cit.), é através da identidade que o sujeito toma consciência de sua existência, de seu corpo e seu estar no espaço e no tempo, de seu saber (seus conhecimentos sobre o mundo), de seus julgamentos (suas crenças), de suas ações e o que tem capacidade e permissão para fazer, implicando a identidade, então, a tomada de consciência de si mesmo.

Mas para que ocorra a tomada de consciência, é necessário que haja diferença, a diferença em relação a um outro. É somente ao perceber o outro como diferente, que pode nascer, no sujeito, sua consciência identitária. A percepção da diferença do outro constitui de início a prova de sua própria identidade, que passa então a “ser o que não é o outro”. A partir daí, a consciência de si mesmo existe na proporção da consciência que se tem da existência do outro. Quanto mais forte é a consciência do outro, mais fortemente se constrói a sua própria consciência identitária. É o que se chama de *princípio de alteridade*. (CHARAUDEAU, op. cit.)

Charaudeau (op. cit.) aponta que quando um sujeito é reconhecido por outros sujeitos em nome de um valor aceito por todos, ocorre um processo de legitimação, e, deste modo, esclarece que portanto tal processo depende de normas institucionais que, ao conduzirem cada domínio das práticas sociais, conferem funções, lugares e papéis aos indivíduos.

A identidade social - que para o autor está impregnada de traços psicológicos - é, pois, algo “atribuído-reconhecido”, devido a um saber reconhecido institucionalmente. O reconhecimento do sujeito se dá então pelo desempenho do

indivíduo (*saber-fazer*), pela *posição de poder* reconhecida por filiação (*ser bem nascido*) ou por atribuição (*ser eleito/ ser condecorado*), podendo ainda ocorrer pela posição de testemunha assumida por tal sujeito, por ter se engajado ou vivido o acontecimento (*o militante/ o combatente*) (CHARAUDEAU, op. cit., p. 321).

Deste modo, ao se estabelecer um *contrato de comunicação*, o que se espera é que o comunicador (falante) demonstre um conhecimento e uma identidade específica, objetivando transmitir seus conhecimentos aos ouvintes aos quais se dirige, dentro do limite de tempo e espaço determinado pela dinâmica, e utilizando-se de maneiras de se expressar apropriadas aos seus objetivos didáticos. Por outro lado, a expectativa é ainda que o(s) ouvinte(s) ao(s) qual(is) esse comunicador se dirige tenha(m) uma competência específica, ajustando-se às circunstâncias materiais de tempo e espaço do contrato e também se servindo de estratégias discursivas adequadas à situação de comunicação (MARTINS NOGUEIRA, 2008).

Nos termos de Charaudeau (1999b, p. 6 apud MARTINS NOGUEIRA, 2008, p. 3), o contrato pertence à ordem do *imaginário social*:

o contrato é um quadro de reconhecimento no qual se inscrevem os parceiros para que se estabeleça a troca e a intercompreensão, sendo, portanto, da ordem do imaginário social”. A idéia é que os sujeitos que compartilham um mesmo universo cultural possuíam um entendimento mais ou menos próximo sobre os vários tipos possíveis de encontro linguageiro (tipos de contrato) e expectativas sobre as identidades típicas dos sujeitos envolvidos, seus prováveis objetivos, os assuntos que eles devem abordar e as maneiras de falar mais prováveis em cada caso. Os sujeitos esperam, em princípio, que todos esses elementos variem conforme o encontro linguageiro em questão possa ser definido como uma entrevista, um discurso político, uma propaganda de algum produto, um debate informal entre amigos e etc. (MARTINS NOGUEIRA, 2008, p. 3).

O estudo da enunciação e suas intencionalidades é dessa maneira importante posto que a enunciação ativa saberes, crenças e emoções intrínsecos à realidade significada que excedem os limites da superfície textual, embora nela imprimam seus indícios: — “algo que não está no signo, mas do qual ele é portador” (FERES, 2001, p.46). As emoções podem ser compreendidas como reações já esperadas na identificação de determinados objetos e poderiam ser assim partilhadas por um grupo social, pois se ligam à crença pelas experiências do sujeito e pelos valores que por ele são atribuídos à realidade que constrói. A percepção das emoções pode se dar através da representação de um objeto em direção ao qual o sujeito se dirige ou busca combater. O sentido textual viria, pois, a partir de uma percepção discursivamente orientada pela intencionalidade de que se vale o enunciador. Feres (2001) afirma que existem estratégias discursivas que visam tocar a emoção e os sentimentos do

interlocutor ou do público, com a finalidade de seduzir, “ou ao contrário, lhe fazer medo, num processo de dramatização que consiste em provocar a adesão passional do outro” (FERES, 2001, p.46) e então este interlocutor, movido pelas pulsões emocionais que lhe são atingidas, reage muitas vezes da maneira correspondente à esperada pelo falante.

A outra teoria norteadora dos rumos dessa pesquisa é a teoria pragmática conhecida como Teoria da Relevância, que vai dar conta dos aspectos cognitivos relacionados ao enunciado dentro do contexto interacional de recontagens abordado neste estudo. De acordo com Goldnadel e Oliveira (2009), com a finalidade de lidar com os aspectos pragmáticos da linguagem, a linguística tem desenvolvido teorias que mostram que a interação verbal é muito mais complexa do que supõem as teorias fundadas no modelo de código.

Entre o que é dito e o que é compreendido, há muito mais que um processo de decodificação, cabendo à inferência um papel central no processo de interpretação linguística. Merecido reconhecimento tem recebido Grice¹⁰, por ter percebido o papel da intencionalidade e da inferência na comunicação e por ter elaborado um modelo de análise capaz de estimular uma série de investigações futuras, todas no sentido de explicar e descrever de modo mais adequado o processo de interpretação textual. (GOLDNADEL; OLIVEIRA, 2009, p. 33-34)

Sperber e Wilson (2001) admitem que uma língua é um código que realiza a ligação entre as representações fonéticas e as representações semânticas das frases, mas afirmam a existência de uma lacuna entre as representações semânticas das frases e os sentidos realmente comunicados pelos enunciados. Esta lacuna é preenchida não através de mais alguma codificação, mas sim através da inferência. Pelo modelo inferencial da comunicação, esta tem sido descrita como um processo do reconhecimento das intenções da pessoa que comunica.

Dado que “um enunciado pode ser apreendido geralmente como uma realização da representação fonética de uma única frase (ou de duas no caso de haver uma ambiguidade fonética)” (SPERBER; WILSON, 2001, p. 36), - e é plausível que consideremos as representações fonéticas das frases como correspondendo muito proximamente aos sons reais da fala -, ao contrário, “as representações semânticas das frases não podem ser consideradas como correspondendo muito de perto aos pensamentos, visto que a maior parte das frases pode ser utilizada para transmitir um número infinito de pensamentos diferentes” (p.36). Não se podem ignorar as diferenças entre as representações semânticas das frases e os pensamentos (sentidos) que são transmitidos através da utilização dos enunciados.

¹⁰ GRICE, H. Paul. *Studies in the way of words*. Harvard: Harvard University Press, 1991.

Para Sperber e Wilson (2001), chegar ao conhecimento de como o ouvinte, no meio das numerosas possibilidades apresentadas, atuará na escolha exata que vai fazer é uma questão que pode muitas vezes ser ignorada pelos gramáticos, mas não pelos pragmaticistas. É justamente esse modo de levar o ouvinte a escolher as interpretações pretendidas pelo comunicador que vem a ser o objeto de investigação desta pesquisa: no ato de recontagem da Lenda da Procissão das Almas, como atua o comunicador para modificar, transformar ou reafirmar um pensamento (sentido) de seu ouvinte? O que busca o comunicador ao recontá-la? Quais são os efeitos contextuais que ele quer provocar em seu ouvinte e como faz para alcançá-los? O que é relevante para tal comunicador em seu enunciado e qual seu modo de levar o ouvinte a interpretar exatamente o que ele pretende?

2.1.a. A relação entre as intenções presentes nos enunciados do comunicador e a construção da imagem de si no discurso:

“Os enunciados não são utilizados somente para transmitirem pensamentos, mas para revelarem a atitude da pessoa do comunicador, ou a sua relação para com o pensamento expresso” (SPERBER, WILSON, 2001, p. 39). Os autores dizem que, muitas vezes, a estrutura linguística do enunciado sugere uma atitude especial, como, por exemplo, a forma interrogativa, que sugere mais naturalmente que o enunciado é um pedido de informação. Contudo, ao ouvinte é deixada uma lacuna de interpretação que ele por sua vez tem de resolver baseando-se em informações não linguísticas.

Além disso, um enunciado que exprime explicitamente um pensamento (sentido) pode estar a transmitir outros pensamentos implicitamente. Enquanto um pensamento (sentido) expresso de maneira explícita tem de se encontrar numa espécie de correspondência com a representação semântica da frase proferida, os outros, que são transmitidos de maneira implícita, não são sujeitos a isso. Defende-se que a representação semântica de uma frase proferida pode, muitas vezes, estar aquém da interpretação completa de um enunciado inserido em um contexto.

Os autores Sperber e Wilson (2001) afirmam que

os locutores estabelecem para si próprios certos padrões de veracidade, de valor informativo, de inteligibilidade, e assim por diante, e só tentam comunicar a

informação que vai ao encontro desses padrões estabelecidos. Desde que sejam observados tais padrões pelos locutores, e desde que os ouvintes esperem sistematicamente que o façam, pode ser colocado, para qualquer enunciado dado e através da inferência, um leque inteiro de interpretações possíveis de origem linguística, e a tarefa da comunicação e da compreensão torna-se conseqüentemente mais fácil (SPERBER, WILSON, 2001, p. 43).

Fornecer uma prova direta da informação a ser transmitida não deve ser considerada uma forma direta de comunicação, pois, para Sperber e Wilson (2001, p. 56), “qualquer estado de coisas fornece uma prova direta para uma variedade de suposições sem necessariamente *comunicar* essas suposições com qualquer sentido interessante”. Outro modo de transmitir informação é através da apresentação de evidências diretas da intenção de alguém em transmiti-la. Este método não necessita de provas diretas da informação, mas somente de provas diretas das intenções do comunicador. Para Sperber e Wilson (2001), essa sim é uma forma de comunicação, chamada por eles de *comunicação inferencial*, pelo fato do ouvinte inferir a intenção da pessoa que comunica a partir da evidência fornecida por este para tal fim.

Os ouvintes só são interessados no significado da frase proferida desde que ela lhes forneça uma prova daquilo que a pessoa falante quer dizer. A comunicação é bem sucedida, não quando os ouvintes reconhecem o significado linguístico do enunciado, mas quando inferem o ‘significado’ daquilo que o comunicador quer dizer com ela (SPERBER, WILSON, 2001, p. 56).

Do ponto de vista psicológico, a atribuição de intenções a outros é um traço característico da cognição e das interações dos seres humanos. Os seres humanos caracterizam o comportamento humano em termos das suas intenções relacionadas. “A idéia de que a comunicação explora esta capacidade que os seres humanos têm de atribuírem intenções uns aos outros deveria ser bastante inteligível aos psicólogos cognitivistas e sociais” (SPERBER; WILSON, 2001, p. 57).

Searle¹¹ (apud Sperber; Wilson, 2001) colocou como objeção ao modelo inferencial de Grice o fato de que em quase toda a comunicação humana utilizam-se códigos, mas Sperber e Wilson (2001) explicam que os modos semióticos e inferenciais podem ser incorporados nesse processo comunicacional:

As pessoas que se encontram na posição de comunicarem umas com as outras, geralmente partilham entre si uma língua (e vários códigos menores); como resultado podem produzir evidências mais sutis e mais fortes acerca das suas intenções do que poderiam com a ausência de um código partilhado entre si. Não é muito provável, por isso, que se sujeitem ao trabalho cansativo de comunicarem inferencialmente sem estes instrumentos poderosos, tal como não é provável que os

¹¹ SEARLE, J. (1969). *Speech acts*. CUP, Cambridge.

seres humanos modernos se sujeitem à cansativa tarefa de acenderem um fogo sem fósforos ou isqueiros (SPERBER; WILSON, 2001, p.62).

Seguindo a definição dos psicólogos, de que o termo *estímulo* é utilizado “para qualquer modificação provocada no ambiente físico com o fim de ser apreendida”, Sperber e Wilson (2001, p. 65) também defendem que “em qualquer comunicação existe a produção de um estímulo” que tem, de certo modo, a intenção informativa (para informar o receptor de alguma coisa), e a intenção comunicativa (para informar o receptor da intenção informativa de alguém). Deste modo a TR está fundamentada em dois princípios-alicece: o Princípio Cognitivo da Relevância e o Princípio Comunicativo da Relevância. (CAMPOS; RAUEN, 2008):

1.Princípio Cognitivo de Relevância: a comunicação humana tende a ser dirigida para a maximização da relevância. **2.Princípio Comunicativo de Relevância:** Todo estímulo ostensivo (intenção informativa e comunicativa) comunica a presunção de sua própria relevância ótima – o estímulo é relevante o suficiente para merecer o esforço de processamento da audiência – e é o mais relevante compatível com as habilidades e preferências do comunicador. O grau de relevância é diretamente proporcional à relação entre esforço de processamento e efeito cognitivo positivo. Em contextos idênticos, tanto menor o primeiro e tanto maior o segundo, mais relevante o estímulo. (CAMPOS, 2008, p.10).

No caso da recontagem da Lenda da Procissão das Almas, um estímulo ostensivo dado pelo comunicador (como por exemplo, quando faz cara de medo ao contar sobre as almas), pressupõe um conjunto de suposições relevantes (como exemplo a necessidade de que o receptor sinta medo, o caráter de mistério que envolve a história ou a demonstração de que o próprio comunicador tem medo das almas por acreditar ser um fato verdadeiro, ou mesmo como uma forma de dramatizar, carnavalizar a narrativa). Desse modo, o estímulo ostensivo interage com o ambiente cognitivo do receptor, resultando em um número de efeitos contextuais tanto maior quanto maior for sua relevância. Essa relevância dependerá do conhecimento desse receptor sobre a Lenda, sobre o comunicador que a enuncia, sobre os conceitos abordados na recontagem, sobre o ambiente físico em questão, além de depender de suas experiências, vivências e do que considera ou não um *fato manifesto* (ver definição do conceito apresentada abaixo). O comunicador, por outro lado, intencionalmente utilizará estímulos ostensivos que ele infere que sejam significativos para o receptor, com o propósito de comunicar algo que lhe seja importante. No caso da recontagem da Lenda da Procissão das Almas, pode-se pensar, por exemplo, na necessidade que o comunicador tem de que o receptor valorize e aceite a atitude de respeitar o ato religioso de se confessar pelos pecados

cometidos, de não fazer fofocas e de agir de acordo com a conduta moral validada pelos moradores da cidade. Para alcançar esse comportamento de respeito por parte do receptor, o comunicador poderá fazer uso de estímulos ostensivos (gestos, expressões faciais, palavras repreensivas) que enfatizem o valor de tal atitude. O receptor, ao ter seu ambiente cognitivo afetado por esses estímulos, reage automaticamente e identifica a intenção comunicativa do comunicador, pressupondo a relevância desta informação. Tem-se, então, o início da interação entre estímulo ostensivo, no ambiente cognitivo do comunicador, e processamento inferencial, no ambiente cognitivo da audiência.

De acordo com Charaudeau (2008, p. 74), para cumprir sua função social, um discurso se organiza em “modos”, que empregam determinadas categorias de língua, em função das finalidades do ato de comunicação. Neste trabalho, que visa a análise da produção de enunciados pelo falante, com suas intencionalidades e construções de imagem/identitárias, o foco se concentra, portanto, no modo enunciativo, que dá conta da posição do locutor em relação ao interlocutor, a si mesmo e aos outros. O modo enunciativo é uma categoria do discurso que constrói a maneira pela qual o falante (locutor) age na encenação do ato de comunicação. Pela semiolinguística, entende-se que todo ato de linguagem se compõe de um “propósito referencial” que se concretiza em “ponto de vista enunciativo” do sujeito falante, em uma situação de comunicação.

Modos de organização do discurso.		
MODO DE ORGANIZAÇÃO	FUNÇÃO DE BASE	PRINCÍPIO DE ORGANIZAÇÃO
ENUNCIATIVO	<p>Relação de influência (EU -> TU)</p> <p>Ponto de vista do sujeito (EU -> ELE)</p> <p>Retomada do que já foi dito (ELE)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Posição em relação ao interlocutor • Posição em relação ao mundo • Posição em relação a outros discursos

(CHARAUDEAU, 2008, p. 850)

No âmbito da análise do discurso, que é a nossa perspectiva, o verbo *enuncia* se refere ao fenômeno que consiste em organizar as *categorias de língua*, ordenando-as

de forma que dêem conta da posição que o sujeito falante ocupa em relação ao *interlocutor*, em relação ao que ele diz e em relação ao que o outro diz. (CHARAUDEAU, 2008, p. 82).

Avaliando o processo -de intenção comunicativa do comunicador conduzindo a um processamento inferencial no ambiente cognitivo da audiência- ainda pelo viés semiolinguístico, Charaudeau (op. cit.) nos mostra que nesse “agir sobre o outro” se inclui a construção de uma identidade, de uma imagem de si durante o discurso do falante, na tentativa de influenciar o ouvinte, eliminar diferenças e/ou de provocar alguma espécie de percepção ou julgamento. Pode surgir a partir de um julgamento, o que é definido pela semiolinguística como *estereótipo*:

A imagem de si construída durante o discurso e no discurso participa da influência, do agir sobre o outro. O sujeito então percebe a diferença, e a partir daí desencadeia-se um duplo processo de atração e de rejeição em relação ao outro, ligado ao descobrir-se incompleto e imperfeito, descobrir que é possível e palpável existir alguém diferente de si. É daí que surgirá a mobilização em busca da compreensão do outro, não no sentido da aceitação do outro, mas “no sentido etimológico de tomada do outro, de domínio do outro. Não podemos escapar a esta fascinação do outro, ao desejo de um outro si- mesmo”.

Paralelamente ao processo de atração, o de rejeição se dá porque a diferença percebida, mesmo sendo necessária, não deixa de ser, para o sujeito, uma ameaça. Eis porque a percepção da diferença vem acompanhada de um julgamento negativo. E implica a própria sobrevivência do sujeito: é como se fosse insuportável aceitar que outros valores, outras normas, outros hábitos diferentes dos meus sejam melhores, ou, simplesmente, existam. Quando este julgamento endurece e se generaliza, transforma-se num estereótipo, num clichê, num preconceito. O estereótipo tem principalmente uma função de proteção, constituindo uma arma de defesa contra a ameaça que o outro, pela sua diferença, representa para o eu. (CHARAUDEAU, op. cit.).

Charaudeau (op. cit.) chama atenção para o paradoxo no qual se constrói a identidade, visto que, mesmo que cada um precise do outro em sua diferença, a fim de tomar consciência de si, ao mesmo tempo desconfia do outro e precisa rejeitá-lo, ou torná-lo semelhante, eliminando a diferença através das influências que visa exercer nesse outro. Mas na rejeição há o risco de que o sujeito não possa mais se definir por não haver diferença, perdendo um pouco sua consciência identitária.

Daí o jogo sutil de regulação que se instaura em todas as nossas sociedades (mesmo nas mais primitivas) entre aceitação e rejeição do outro, valorização ou desvalorização do outro, reivindicação de sua própria identidade contra a do outro. Assim, não é simples ser eu-mesmo, pois ser eu-mesmo passa pela existência e pela conquista do outro. “Eu é um outro” disse Rimbaud. Completamos: “Eu é um outro eu-mesmo semelhante e diferente” (CHARAUDEAU, op. cit.).

Considerando-se que a identidade resulta de um mecanismo que consiste na construção de traços de identidades, e não de identidades globais, cabe indagar a natureza desses traços.

No caso da recontagem de uma lenda, Da Mata (2008) afirma que tais identidades surgem tendo como base fatos históricos. Mas é depois de passarem pelo filtro da crença popular que aqueles se transformam em lenda, ganhando vida e chão no imaginário da comunidade que a narra e traduzindo a realidade. De acordo com Da Mata, elas são o resultado da leitura subjetiva do mundo. Assim sendo, as lendas constituem tanto objeto de pesquisa quanto indicador de problemas especiais do modo de vida e das concepções de mundo de um dado grupo de pessoas. Daí a necessidade de se pesquisar estas narrativas no seu ambiente natural, em sua dinâmica, buscando compreender sua função no grupo que delas compartilha. É preciso saber como elas atuam na tradição, na comunidade e nos indivíduos. O ato de narrar deve, assim, ser entendido como forma coletiva de manutenção da identidade social de um grupo.

As lendas poderiam consistir em uma tipificação das ações daqueles indivíduos moradores de Mariana e, por consequência, da comunidade que vivencia os feitos retratados na lenda. O que é tipificado ali não seriam apenas ações específicas, mas formas de ação. Isto é, haveria o reconhecimento não somente dos personagens da lenda da Procissão das Almas como atores particulares que executam uma ação do tipo X (como o ato de fofocar, ou de não se confessar), mas da ação tipo X como sendo passível de execução por parte de *qualquer* ator. Ao recontar uma lenda, aquele que a narra imprime em sua fala valores, crenças e percepções que considera relevantes para definir sua identidade e a de sua comunidade. Por isso há um julgamento de valor na recontagem, um modo de organização do discurso utilizado pelo comunicador para persuadir o ouvinte, para convencê-lo daquilo que intenciona transmitir, buscando captar esse ouvinte e conduzi-lo a se tornar semelhante ou a pensar de modo semelhante em algum aspecto, atraindo a cumplicidade do mesmo.

2.1.b. As situações de comunicação pelos olhares pragmático e semiolinguístico

Sabendo que, de acordo com Sperber e Wilson (2001, p. 271), a finalidade da pragmática é explicar como pode ser cumprida a tarefa da audiência, de que forma lhe é possível identificar

um conjunto de suposições relevantes, “utilizando como premissas uma descrição do comportamento da pessoa falante juntamente com as informações contextuais”, acredita-se que o ambiente situacional e o ambiente cognitivo do comunicador e da audiência vão conduzir à produção de enunciados específicos para cada determinado tipo de interação, de acordo com as capacidades cognitivas de ambos – ou o conhecimento maior ou menor dessas capacidades pelo comunicador -, o nível de cumplicidade entre os mesmos, o nível de atenção da audiência e até mesmo o nível de colaboração que o comunicador pretende fornecer à audiência para que esta compreenda o enunciado.

Nos estudos de Charaudeau (2004, p.22), defende-se que a situação de comunicação é o lugar onde se instituem as restrições que determinam a expectativa da *troca*, restrições essas provenientes ao mesmo tempo da identidade dos parceiros e do lugar que eles ocupam na troca, da *finalidade* que os religa em termos de visada e determina a orientação discursiva da comunicação, do *propósito* que pode ser convocado e das circunstâncias materiais nas quais a troca se realiza. Charaudeau (op. cit.) diz ainda que quando um “conjunto de situações partilha as mesmas características, mesmo se algumas outras são diferentes, isso quer dizer que elas se encontram em um mesmo domínio de comunicação”.

Para a TR, a manifestação mútua concretiza-se através de um comportamento ostensivo-inferencial entre os interlocutores. Do lado do emissor, há uma intenção comunicativa e uma intenção informativa. Com a primeira, ele pretende tornar explicitamente manifesto para o receptor que há algo a ser comunicado – em outras palavras, quer chamar a atenção do receptor para que esse último se disponha a interpretá-lo. A intenção informativa, por sua vez, é propriamente o “conteúdo” que o emissor pretende comunicar, ou o conjunto de suposições que deseja tornar manifesto no ambiente cognitivo do receptor. Para que o processo de comunicação/interlocução prossiga, o receptor, por sua vez, precisa ter explicitamente manifesto no seu ambiente cognitivo a intenção comunicativa do emissor, a fim de que, através de um comportamento inferencial, interprete a respectiva intenção informativa. Portanto, o comportamento inferencial indica a predisposição do receptor em processar os estímulos ostensivos gerados pelo emissor (GONÇALVES, 2005 p.133).

O conhecimento mútuo proposto na abordagem do modelo semiótico sugere que precisa existir um conhecimento partilhado entre comunicador e ouvinte, onde o contexto em que seja compreendido um enunciado qualquer tem de estar estritamente limitado a tal conhecimento, ou seja, argumenta-se que, para que o ouvinte tenha certeza de fazer a recuperação da interpretação correta, pretendida pelo comunicador, cada pormenor da informação contextual empregado na interpretação do enunciado tem de não apenas ser conhecido pelo comunicador e pelo ouvinte, mas ainda conhecido mutuamente. Sperber e Wilson (2001) acreditam que

esse conceito seja uma criação filosófica sem contrapartida próxima na realidade; no entanto, explicam que isso não significa negar que, de fato, os seres humanos partilham de certa forma informações entre si: “em primeiro lugar, o próprio processo da comunicação dá origem a informações partilhadas; em segundo lugar, o partilhar de algumas informações é necessário se deseja levar a cabo uma comunicação” (SPERBER; WILSON, 2001, p.79).

Sperber e Wilson (2001) elucidam que todos os seres humanos são envolvidos em ideias, empreendimentos, situações e ambientes físicos e cognitivos diversos, recebendo informações desses contextos situacionais e construindo sobre eles as melhores representações possíveis. Mas compreende-se que não se constroem as mesmas representações, devido aos ambientes físicos mais reduzidos de cada um, e também devido às capacidades cognitivas individuais. As capacidades perceptuais e inferenciais variam em eficácia e domínio de conceitos diferentes. Além disso, há que se considerar as memórias e teorias diferentes em cada indivíduo. Desse modo, mesmo que o ambiente físico fosse partilhado estreitamente por todos, seus *ambientes cognitivos* seriam diferentes. Buscando compreender o conceito de ambiente cognitivo, pode-se dizer que, assim como o que é visível fisicamente para alguém (um objeto, uma imagem) faz parte do ambiente físico desse alguém, o que é *fato manifesto* a um indivíduo faz parte do *ambiente cognitivo* deste. Definindo:

um *fato é manifesto* a um indivíduo em dada altura se, e apenas se, ele for capaz nessa altura de representá-lo mentalmente e de aceitar a sua representação como verdadeira ou provavelmente verdadeira. E o *ambiente cognitivo* de um indivíduo é então um conjunto de fatores que lhe são manifestos (SPERBER; WILSON, 2001, p. 79-80).

Sperber e Wilson (2001) explicam que um ambiente cognitivo total é onde estão incluídas funções do ambiente físico e as capacidades cognitivas do indivíduo, englobando os fatos de que ele tem consciência, mas também os que poderá tomar consciência em seu ambiente físico. A informação memorizada pelo sujeito é naturalmente um componente das capacidades cognitivas, e o conhecimento já adquirido é então um colaborador para a capacidade de se conscientizar sobre fatos adicionais. Mas há que se atentar para o fato de que dois indivíduos não partilham o mesmo ambiente cognitivo, e, portanto, as interpretações não podem ser mutuamente conhecidas. No entanto a manifestação de um fato pode ser mútua, e, deste modo, os seres comunicantes conseguem “trocar” informações por vezes mesmo em situações improváveis. Um ato comunicacional para ser bem sucedido deve atrair a atenção da

audiência, e, assim, Santos e Godoi (2010) declaram que comunicar por ostensão é gerar no ouvinte um certo estímulo cognitivo objetivando que este último realize uma interpretação de informações através de inferências. “Ter uma intenção comunicativa é tornar mutuamente manifesto ao ouvinte e ao comunicador que o comunicador tem a intenção de tornar mutuamente manifesto uma intenção informativa (uma informação relevante)”. (SANTOS; GODOI, 2010, p. 75).

Na situação que fornece o tema da presente pesquisa – a recontagem de uma Lenda -, temos um conjunto de enunciados (a recontagem em si) que se manifesta como um estímulo ostensivo e atua sobre um ambiente cognitivo (do receptor, que, no caso, é o pesquisador principal), produzindo efeitos contextuais mediante a interação entre ambos (estímulo e ambiente cognitivo).

Uma pessoa que queira atingir um efeito cognitivo específico tem, portanto, de tentar produzir um estímulo que, quando processado otimamente, vá atingir tanto quanto possível o efeito pretendido. Os chamados *estímulos ostensivos* têm de satisfazer duas condições: primeiro, atrair a atenção dos receptores; segundo, fazer incidir essa atenção sobre as intenções da pessoa que comunica. Estão entre estes estímulos os ruídos, estímulos visuais e táteis vigorosos, gestos em geral com o intuito de captar a atenção da audiência (SPERBER; WILSON, 2001). Assim, não basta querer comunicar; é preciso ser ostensivo, que significa ativar na audiência a “promessa” de relevância para o que será enunciado.

O cidadão de Mariana que se propõe a recontar a Lenda da Procissão das Almas a alguém precisa chamar a atenção da audiência, provocando o interesse da mesma pela sua fala, e, para isso, utilizará estímulos de ostensão que julga que serão importantes para o ouvinte, para que o ouvinte se sinta instigado a processar a informação. Pode ser uma informação nova, que o comunicador infere que o ouvinte desconhece (sobre a Lenda, sobre a cidade, sobre uma rua específica ou sobre alguém), mas pode também ser algo que acrescente informação a um conteúdo já existente na mente do ouvinte (por exemplo, quando o comunicador diz algo como: *você sabia que foi na sua rua que morava a mulher fofoqueira? Naquela casa amarela da esquina. Ela que viu a procissão das almas passar! Até o Padre Francisco sabe disso. - Se realmente existir uma casa amarela na esquina da rua do ouvinte, a partir daí este pode se tornar mais propenso a confiar no que foi dito pelo comunicador. Se o padre Francisco é reconhecido como alguém confiável por esse mesmo ouvinte e o comunicador tem*

conhecimento disso, utilizar seu nome como estímulo ostensivo é uma estratégia que confere relevância a seu enunciado). Pela semiolinguística, esse processo estaria encaixado no que é denominado de *visadas discursivas*:

As visadas correspondem a uma intencionalidade psico-sócio-discursiva que determina a expectativa do ato de linguagem do sujeito falante e, por conseguinte da própria troca linguageira. As visadas devem ser consideradas do ponto de vista da instância de produção que tem em perspectiva um sujeito destinatário ideal, mas evidentemente elas devem ser reconhecidas como tais pela instância de recepção; é necessário que o locutor e o interlocutor possam recorrer a elas. As visadas correspondem, assim, a atitudes enunciativas de base que encontraríamos em um grande *corpus* de atos comunicativos reagrupados em nome de sua orientação pragmática, mas além de sua ancoragem situacional (CHARAUDEAU, op. cit.).

A expectativa daquele que reconta a Lenda da Procissão das Almas é de que sua audiência compreenda o que ele intencionou transmitir de informação, seja sobre a importância que ele atribui à cidade de Mariana ou a alguma localidade específica dentro dela, seja sobre algum comportamento moral que fique evidente na recontagem ou implicitamente demonstrado, ou através de qualquer outra intenção, de ordem mais genérica, como o estabelecimento de um padrão identitário.

No modelo inferencial, um comunicador fornece evidências da sua intenção para exprimir certo significado, que é inferido pela audiência com base nessas evidências fornecidas (SPERBER, D.; WILSON, D., 2004).

Um enunciado é, obviamente, uma parte de evidência linguisticamente codificada, e a compreensão verbal envolve um elemento de decodificação. Entretanto, o significado linguístico resgatado pela decodificação é apenas um dos *inputs* para o processo de inferência não-demonstrativa que produz uma interpretação para o significado/ a intenção do comunicador. (SPERBER, D.; WILSON, D., 2004, p. 258. Minha tradução).

Em Charaudeau (1999b, p. 6 apud Martins Nogueira, 2008), há uma articulação entre os componentes linguístico e situacional nos contratos de comunicação, e estes funcionam como parâmetros, “códigos implícitos”, expectativas compartilhadas e mais ou menos institucionalizadas (compare-se, por exemplo, uma cerimônia de casamento e um debate informal entre amigos) sobre o modo de funcionamento das situações de comunicação e sobre os discursos prováveis em cada tipo de situação. Assim, um contrato de comunicação é uma definição socialmente estabelecida de quais as condições (identidade dos sujeitos, objetivos legítimos, saberes pertinentes, circunstâncias materiais) apropriadas para se produzir cada tipo de discurso (narrativo, argumentativo, persuasivo, descritivo, com um conjunto ou outro de

recursos estilísticos, mais ou menos formal etc.) e, inversamente, que tipo de discurso é adequado para que condições (MARTINS NOGUEIRA, 2008, p.3).

Para mecanismos cognitivos complexos, que coordenam tantas informações como os dos seres humanos, existe a formulação e a tentativa de responder a questões novas, mesmo que os custos de processamento envolvidos sejam grandes. “O principal problema para o processamento eficiente das informações é, pois, o de conseguir uma maior contribuição para as metas cognitivas gerais da mente com um mínimo de custo de processamento” (SANTOS; GODOI, 2010, p. 72). Deste modo, nas interações comunicativas,

uma informação tem de ser relevante, tanto para o comunicador quanto para o ouvinte. Uma informação é cognitivamente *relevante* quando, na interpretação de um enunciado, existirem informações novas que, ligadas às informações antigas armazenadas na memória conceitual, gerarem informações derivadas dessas duas. (SANTOS; GODOI, 2010, p.72).

Sobre a Lenda da Procissão das Almas, esta pesquisa tentará encontrar as informações relevantes explícitas ou implícitas presentes na fala do comunicador que a reconta, a intenção comunicativa desse comunicador – no ato de recontagem e durante entrevista -, considerando sua situação de cidadão marianense, para identificar as relevâncias, e buscando, a partir destas, a possível existência de similaridades entre os enunciados relevantes de todos os participantes do estudo, o que poderá conduzir a dados sobre a real importância da referida Lenda e a prática de recontagem da mesma entre os moradores de Mariana.

Para Santos e Godoi (2010, p. 73), “um significado é, psicologicamente, uma atitude mental que trata a intenção informativa do comunicador como uma intenção de provocar no ouvinte certas atitudes mentais”. É da natureza de todo ser humano prestar atenção ou se preocupar com estímulos que vêm ao encontro de seus interesses. Assim, conforme Silveira e Feltes (1999), a Teoria da Relevância define-se como uma abordagem pragmático-cognitiva que se baseia em uma particularidade inerente à cognição humana: os indivíduos prestam atenção, ou mais atenção, apenas a fenômenos que lhes parecem relevantes. Com base nisso, pressupõe-se que o comunicador que reconta a Lenda objeto desta pesquisa está supondo que seu receptor irá considerar a informação contida nesse enunciado como algo relevante, e, dessa forma, tal comunicador se utilizará de argumentos, gestos, estratégias verbais e não-verbais próprias para chamar a atenção desse receptor, de acordo com o perfil do mesmo e de acordo com o contexto onde está inserido. No caso da Lenda da Procissão das Almas, os valores da

confissão, do recolhimento e do “não se ocupar da vida do outro”, podem ser transmitidos por estímulos ostensivos contidos no enunciado, tais como a repetição de frases como “*não seja fofoqueira*”, “*não fique na janela observando*”, ou até enunciados em tons ameaçadores: “*se não se confessar, sua alma ficará vagando, pedindo perdão pelos pecados*”, “*reza mais, reza mais*”. Além disso, a linguagem não-verbal pode induzir o receptor a ficar apreensivo ou até mesmo a se sentir coagido pelo que lhe é transmitido, como, por exemplo, fazer caras de medo, arregalar dos olhos, fazer pausas dramáticas e gestos corporais, ou simplesmente um comportamento de seriedade do comunicador no ato de recontagem.

Contudo, o comunicador pode estar apenas querendo enfatizar a cultura da cidade, ou do local onde vive, numa atitude de demonstração da importância de tal lugar, por exemplo. Assim, pode acrescentar, em sua recontagem, características desse lugar, dizer que o fato ocorreu em sua cidade, ou em seu bairro ou região, e pode até se utilizar de palavras que comprovem a relevância cultural de se recontar a Lenda, por exemplo, ao conter em seu enunciado sentenças tais como: “*todo mundo aqui conhece essa Lenda*”, “*todo mundo sabe contar*”, “*vem muito jornalista pra cá acompanhar a procissão e saber da Lenda*”, “*já me entrevistaram pra saber a Lenda*”, “*tem muito livro que conta essa Lenda daqui*”. A intencionalidade citada aqui é apenas uma pequena exemplificação, posto que possa haver inúmeras possibilidades de interpretação de um enunciado, de acordo com as intenções do comunicador, a capacidade inferencial do receptor e o contexto físico e cognitivo em que se inserem, como será exposto mais adiante.

Allott (2002) afirmou em seu trabalho intitulado *Relevance and rationality* que o procedimento de compreensão teórica da relevância nos permite prever quando determinados resultados irão surgir e quando os indivíduos vão dar outras respostas. Allott argumenta que a teoria da relevância é racional de acordo com os seguintes critérios: é rápida e frugal, dado que é eficiente, e é satisfatória, posto que para de procurar respostas quando alcança um nível de compreensão suficiente (dinâmico). Para o autor, a Teoria da Relevância é incomparável entre os procedimentos que visam a uma solução ótima, dado um estímulo particular em um contexto. “Ela é capaz de fazê-lo porque explora a regularidade ambiental proposta por Sperber e Wilson, que diz que um estímulo ostensivo transmite uma expectativa de sua própria relevância ótima” (2002, p. 81).

O estudo baseado em entrevista semi-estruturada, que dá autonomia ao informante para se apresentar, introduzir a recontagem falando de aspectos que considera relevantes, auxilia o pesquisador a descobrir as intencionalidades desse falante, de acordo com o estilo, competências linguísticas e enciclopédicas e crenças do mesmo, explícitas ou subentendidas em seu enunciado. É importante considerar o que afirma Amossy (2005):

todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si. Para tanto, não é necessário que o locutor faça seu auto-retrato, detalhe suas qualidades nem mesmo que fale explicitamente de si [...] suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa. (AMOSSY, 2005, p. 9)

A apresentação de si é inerente aos papéis sociais e aos dados situacionais (AMOSSY, 2005), sendo essencial à influência mútua que os parceiros de uma interlocução pretendem exercer uns sobre os outros. Goffman (1973 *apud* AMOSSY, 2005, p. 12) define como *papel* o modelo de ação desenvolvido durante uma representação, sendo esta definida por ele como “a totalidade da atividade de determinado indivíduo, em dada ocasião, realizado com o objetivo de influenciar de certa maneira um dos participantes”. Assim, os informantes da pesquisa aqui proposta, conhecedores da Lenda da Procissão das Almas em sua cidade, ao se apresentarem ou fazerem uma apresentação da Lenda antes de recontá-la, buscam representar um indivíduo envolvido com a cidade, um sujeito confiável e legitimado dentro do contexto onde se desenvolvem as recontagens da Lenda, e podem querer demonstrar, explícita ou implicitamente, durante seu ato de recontar, o conteúdo moral que valoriza ou que representa a identidade social de sua cidade. A identidade social de quem fala é revelada, reiterada, reforçada, recriada, ou, ao contrário, ocultada pelo comportamento linguageiro do falante, (CHARAUDEAU, op. cit.).

Mediante exposição inicial da Teoria da Relevância e da Teoria Semiolinguística como referenciais teóricos norteadores da presente pesquisa, faz-se necessário então uma apresentação dos conceitos fundamentais relativos às teorias, que se aplicarão ao processo de análise dos dados coletados para o estudo.

De acordo com Goldnadel e Oliveira (2009), a TR apresenta uma série de conceitos-chave, que instituem uma relação de forte dependência entre si, caracterizando-a como uma teoria bem articulada.

2.1.c. O contexto cognitivo

“Um *contexto* é uma construção psicológica formada por um subconjunto das suposições que o ouvinte tem do mundo” (SPERBER; WILSON, 2005, p. 45-46). São estas suposições que influem na interpretação de um enunciado. Assim, o contexto não se limita às informações relativas ao ambiente físico imediato ou aos enunciados anteriores, mas também às expectativas sobre o futuro, às crenças religiosas, às hipóteses científicas, à cultura geral e às opiniões sobre o estado mental do comunicador podem ser valiosas para a interpretação (SPERBER; WILSON, 2005). É claro que, ao se analisarem as recontagens de uma Lenda, é de grande importância considerar as informações sociais que contribuem para a construção psicológica do *contexto*, visto que o sujeito do ato de linguagem é um ator social, sua realidade social embasará suas trocas comunicacionais. Deve-se ter em vista que o contrato de comunicação depende do espaço externo do ato de linguagem, no qual se instituem identidades e estatutos dos parceiros. Tal contrato depende também dos comportamentos linguageiros engendrados e esperados em função da finalidade do ato de comunicação definida no quadro situacional, que é composto por um saber, um conhecimento que compreende o reconhecimento dos lugares e das ligações que unem os parceiros, tanto do ponto de vista externo-situacional quanto do ponto de vista interno-comunicacional.

Cabe aqui a pergunta: quais serão os estímulos ostensivos utilizados nos enunciados de um comunicador no momento em que o mesmo conta uma Lenda muito famosa em sua cidade, para uma audiência que não se mostra conhecedora da história, para possibilitar a tal audiência a formulação de suposições que correspondam à intenção desse comunicador? É importante deixar claro que o pesquisador principal deste estudo será também audiência, e, portanto, não sendo este morador de Mariana, provavelmente não compartilhará, com o comunicador, os mesmos conhecimentos referentes à temática. Como o comunicador transmitirá o que então considera relevante para esta audiência?

Goldnadel e Oliveira (2009, p. 40-41) afirmam que, “ao conjunto de conteúdos necessários para que o estímulo produzido por um emissor produza algum efeito de sentido capaz de justificar suas escolhas linguísticas, contextualizando o enunciado proferido, dá-se o nome de *contexto*”. Os autores chamam a atenção para o fato de que esse contexto, distinto do que se costuma ser considerado pelas teorias pragmáticas, não é dado de antemão, sendo construído

pelos interlocutores numa atividade inferencial, em meio ao processo de produção e interpretação (guiado pela presunção de relevância ótima).

Deste modo, o efeito contextual (ou efeito cognitivo) é, portanto, segundo Souza (2005),

o resultado de uma operação cognitiva com base em uma interação ou perturbação ocorrida no ambiente cognitivo do receptor (destinatário, leitor, espectador). Essa perturbação nada mais é do que uma resposta a um enunciado atuando como estímulo. Esse mesmo enunciado pode perturbar o ambiente cognitivo anterior de três maneiras. Se houver uma combinação de informações novas com as existentes no ambiente cognitivo, mediante um processo inferencial, resultará em um novo conhecimento, levando o destinatário de um estado conhecido para um estado até então desconhecido. Se a informação proveniente do estímulo for conhecida, ela fortalecerá o conhecimento prévio do indivíduo. Por fim, se a informação proveniente do estímulo contradisser um conhecimento prévio poderá resultar em anulação ou apagamento de suposições (SOUZA, 2005, p. 90).

Adicionalmente, uma informação nova que apenas duplica uma existente, ou não possui com essa informação existente qualquer relação, não produz efeitos contextuais. Ou seja, essa informação nova não tem efeito sobre o ambiente cognitivo; não o perturba, não o modifica, não o aperfeiçoa, simplesmente por não haver interação. Essa ideia talvez explique o fato de que cada comunicador, ao recontar uma Lenda, muitas vezes se utilize, em seus enunciados, de argumentos referentes ao ambiente situacional onde se insere – e/ou onde seu ouvinte se insere-, ou que se relacione de alguma forma ao seu ambiente cognitivo ou modifique o ambiente cognitivo de seu ouvinte; ou seja, o comunicador almeja que seu ouvinte confira credibilidade ao que está sendo dito e, muitas vezes, se utiliza de pressupostos que façam parte do ambiente cognitivo desse ouvinte para tanto. Muitas vezes o comunicador também faz uso de pressupostos que são comuns entre ele e sua audiência, e assim, por identificar um fato manifesto na fala desse comunicador, a audiência acredita que o que está sendo dito é suposição de verdade.

Para Santos e Godoi (2010), a atribuição de *intenção* à comunicação é uma característica da cognição e das interações entre seres humanos e ocorre sempre em um contexto. Deve-se atentar para o fato de que um comunicador que tenha a intenção de ver o seu enunciado interpretado de um modo especial tem de ter também a expectativa de o ouvinte ser capaz de ativar um contexto que lhe permita recuperar essa interpretação. Se o contexto visualizado pelo comunicador não condiz com aquele que é utilizado realmente pelo ouvinte, poderá daí resultar um equívoco (SPERBER; WILSON, 2001).

Diante dessa ideia de um contexto que pode permitir à audiência perceber a interpretação do enunciado como intencionada pelo comunicador, pensa-se na justificativa para que a Lenda da Procissão das Almas tenha ganhado até mesmo uma interpretação cênica em Mariana, em plena Semana Santa, época em que a cidade fica repleta de turistas, muitas vezes alheios à Lenda. Teriam os moradores – ou o movimento cultural da cidade que promove o evento - a intenção de transmitir alguma informação aos que vêm de fora? Há o intuito de ativar a identificação de um contexto ou imprimir uma marca relevante própria da cidade de Mariana?

Vale ressaltar aqui que o contexto para a TR é cognitivo, individualizado, diferentemente do contexto em outras teorias pragmáticas e discursivas. Isso explica melhor porque os processos de interação comunicacional, algumas vezes, podem não ser bem sucedidos ou produzirem efeitos parciais em relação aos pretendidos pelo comunicador. Esse aspecto reforça a noção de que os processos de comunicação tendem a ser sempre relativos (mais ou menos bem sucedidos).

2.1.d. O contrato comunicacional

No contexto cognitivo são ativadas suposições que podem fazer parte do que é definido como *contrato comunicacional* por Patrick Charaudeau. Charaudeau (2004, p. 24), que diz que “a situação de comunicação é o que determina, através das características de seus componentes, as condições de produção e de reconhecimento dos atos de comunicação, condições de enunciação sob seu aspecto externo”. A concepção de Charaudeau é a de que todo intercâmbio linguageiro se organiza concretamente na forma de um contrato de comunicação, que implica um ritual sociodiscursivo em que o eu-comunicante/locutor e o tu-interpretante/leitor devem conhecer seus papéis, para o desempenho de um discurso que cumpra sua função. Tal contrato é constituído pelos dados que definem a finalidade do ato de comunicação, os que definem a identidade dos parceiros e os dados relacionados às circunstâncias materiais nas quais se realiza o ato de comunicação. O espaço das estratégias discursivas que existe em todo tipo de contrato representa a margem de direção que os sujeitos comunicantes dispõem para executar seus projetos de fala, ainda que inseridos em certas limitações discursivas.

Martins Nogueira (2008) explica que, de acordo com Charaudeau, para que esse contrato se estabeleça, é necessário, antes de mais nada, que o sujeito comunicante tenha seu direito de fala reconhecido pelo sujeito interpretante, ou seja, que ele seja considerado um sujeito normal, não alienado, alguém digno de ser escutado (e por isso os efeitos de ostensão presentes no enunciado do comunicador, conforme explicitado pela TR). Esse reconhecimento é conquistado pelo sujeito comunicante na medida em que ele consegue apresentar sua identidade, o tema de sua fala e sua motivação para falar de uma forma que possa ser considerada pertinente - no sentido de adequada em relação às representações (representações que, segundo a TR, seriam nomeadas *suposições* que o sujeito destinatário constrói do mundo - e legítima - no sentido de que o tema e a motivação de sua fala são vistos como adequados em relação a sua identidade individual e coletiva, ou seja, o enunciado desse comunicador será, então, reconhecido como *fato manifesto*, ou seja, terá *valor de verdade*, de acordo com a TR).

A identidade discursiva se constrói com base nos modos de tomada da palavra, na organização enunciativa do discurso e na manipulação dos imaginários socio-discursivos. Ao contrário da identidade social, a identidade discursiva é sempre algo “a construir - em construção”. Resulta de escolhas do sujeito, mas leva em conta, evidentemente, os fatores constituintes da identidade social. É neste jogo de vai-e-vem entre identidade social e identidade discursiva que se realiza a influência discursiva. Segundo as intenções do sujeito comunicante ou do sujeito interpretante, a identidade discursiva adere à identidade social formando uma identidade única “essencializada” (“eu sou o que eu digo”/“ele é o que ele diz”), ou se diferencia formando uma identidade dupla de “ser” e de “dizer” (“eu não sou o que eu digo”/“ele não é o que ele diz”). No último caso, ou se pensa que é o “dizer” que mascara o “ser” (mentira, ironia, provocação), ou se pensa que o “dizer” revela um “ser” que ignora a si mesmo (denegação, revelação involuntária) (CHARAUDEAU, op. cit., apud PIETROLUONGO, 2009, p. 319).

Como já dito anteriormente, apesar de todos os seres humanos viverem em um mesmo mundo físico, não se constrói a mesma representação mental em cada indivíduo, pois as vivências e experiências de cada um são diferentes; os cidadãos marianenses, apesar de situados numa mesma cidade, vivem situações diferentes, experiências diferentes e educação diferente, portanto, suas capacidades perceptuais e inferenciais variam em eficácia e domínio de conceitos, o que faz com que cada um que conte a Lenda da Procissão das Almas o faça de modo peculiar, de acordo com experiências, vivências e intencionalidades. Assim, Sperber e Wilson (2001, p. 81) propõem a noção de *ambiente cognitivo*, que, como já explicado anteriormente, foi denominado por eles como o conjunto de fatos que são manifestos ao indivíduo, ou seja, fatos que lhe são perceptíveis ou que podem ser por ele inferidos. Para os

autores, qualquer suposição que um indivíduo seja capaz de formular e de aceitar como verdadeira ou provavelmente verdadeira lhe é manifesta.

Algumas informações são antigas, já existindo na representação de mundo do indivíduo. Outras informações são completamente novas, mas totalmente desligadas da representação de mundo do indivíduo, só sendo acrescentadas a tal representação como “pedacinhos isolados”. Já quando informações novas se interligam com informações antigas, e esses itens interligados são utilizados como premissas num processo inferencial, daí podem se derivar mais informações novas, que não poderiam ter sido inferidas sem essa junção de conteúdo novo ao antigo. Quando esse processamento de novas informações “dá origem a um tal efeito de multiplicação, o chamamos *relevante*. Quanto maior for o efeito da multiplicação maior é a relevância”. (SPERBER; WILSON, 2001, p. 92).

A recontagem da Lenda da Procissão das Almas e sua representação através da procissão que ocorre todo sábado de Aleluia na cidade de Mariana-MG parecem ter força de perturbação, de provocar uma comoção, e essa comoção, segundo o princípio da relevância, carrega uma presunção de relevância. Ou seja, o que os indivíduos que contam a Lenda têm a dizer deve ser relevante para sua audiência e por isso os comunicadores utilizam o melhor de suas habilidades para produzir estímulos ostensivos.

Quando um estímulo interage com o ambiente cognitivo de quem ouve a Lenda, resulta em uma série de efeitos contextuais (o receptor pode acreditar ou não, pode inferir a importância da recontagem para a cultura da cidade, pode perceber a importância do recolhimento, da confissão, ou até mesmo reconhecer o quão importante é o comunicador. Tudo dependerá da intencionalidade e dos estímulos ostensivos por parte desse comunicador, além da capacidade inferencial do receptor, de acordo com seu ambiente cognitivo. Quanto mais relevante for a informação, maior será o impacto no processamento.

Quanto à Teoria Semiollingüística de Charaudeau, a autora Ida Lúcia Machado (2006) diz que muitos linguistas erroneamente acreditam que ela se aplica apenas a estudos publicitários e midiáticos.

Se lermos com mais cuidado o livro que a inaugura (*Langages et Discours*), veremos que seu autor, já em 1983, aplicou sua teoria nos mais diversos tipos de discurso: o administrativo, o de imprensa, o publicitário, mas também o político e o literário. E que sua análise é crítica, no sentido em que des-constrói os discursos para melhor observar/fazer ressaltar os motivos que lhes deram origem, o “porquê” de sua

produção e, de certo modo, as ideologias que presidiram a esta construção (MACHADO, 2006, p. 15).

Mas Machado (2006) alerta para que a análise a partir da TS seja “fria”, imparcial e livre de ideologias, e o pesquisador precisará de um olhar neutro pra melhor julgar seu *corpus*, pois, de acordo com a autora, a pesquisa em TS pode conduzir o analista do discurso a descobrir novos rumos não imaginados anteriormente. Deste modo, apenas analisando com imparcialidade os atos languageiros, a autora acredita que se poderão alcançar os elementos necessários para a elaboração de um julgamento bem embasado cientificamente, o que neste estudo se aplica aos elementos do discurso encontrados a partir das narrativas da Lenda da Procissão das Almas pelos moradores da cidade de Mariana- MG.

Realizar uma análise de enunciação a partir das duas teorias -TR e TS- é se voltar para a interação e suas estratégias, para a visão do sujeito comunicante dentro de um contexto ou contrato. É dar destacada importância aos componentes social, intencional/cognitivo e comunicacional na comunicação, sabendo que a mesma vai muito além dos códigos. Valoriza-se, deste modo, a complementaridade entre os aspectos cognitivos da TR e os socioculturais da TS, o que permitirá uma análise mais abrangente e robusta em relação ao fenômeno estudado na pesquisa.

2.2. As Lendas

O imaginário é a essência da cultura popular, e, apesar de não ser possível precisar de onde as Lendas surgiram, sabe-se que elas acompanham fatos e acontecimentos comuns, sendo ilustradas por cenários exóticos, enfeitando e caracterizando o lugar onde aparecem, acompanhadas de mistérios e medos. Luyten (2005, p. 31) afirma que “a cultura popular se dá em sociedades em que há elite e povo participando de manifestações comuns” e afirma ainda que a maioria das manifestações populares ocorre de forma oral.

As Lendas, apesar de muitas vezes confundidas com mitos, se diferenciam destes por essa razão:

Mito – Narrativa da ação de um ser inexistente. É a representação mental e irreal de um elemento com formas humanas, de astros, de peixes, de outros animais ou qualquer coisa, cuja ação em geral causa medo. *Lenda* – É uma narrativa imaginária

que possui raízes na realidade objetiva. É sempre localizável, isto é, ligada ao lugar geográfico determinado. (NETO, 1977, p.132, 146)

Pellegrini Filho (1982) também explica e diferencia tais conceitos de forma parecida:

Mito: Narrativa popular de caráter maravilhoso, com a presença de um personagem constante. São relatadas diferentes histórias sobre esse personagem mitológico.
Lenda: Narrativa popular de caráter maravilhoso, associada a um determinado lugar e/ou determinado tempo passado (PELLEGRINI FILHO, 1982, p. 255).

Assim, justifica-se aqui a utilização do termo *Lenda* para se referir ao objeto de estudo desta pesquisa, visto que as narrativas coletadas para o *corpus* são associadas a um local determinado: a cidade de Mariana- MG e possuem raízes na realidade objetiva.

A folkcomunicação, “é um processo de intercâmbio de informações e manifestações de opiniões, ideias e atitudes da massa através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore” (BELTRÃO, 2001, p. 8). Por ser uma narrativa, a lenda no processo de *folkcomunicação*, inserida nos dias atuais, resgata os fatos históricos de um lugar ou local ou surge com certas alterações que demonstram os acontecimentos do momento diante da nova realidade.

Lopes (2007) reflete que as Lendas, sendo geradas no cotidiano e dele trazendo elementos, são configuradas como narrativas que reelaboram velhos enredos da experiência social em variadas combinações, multiplicando as possibilidades de formulação de acontecimentos enunciativos em uma estrutura reconhecível e mais ou menos estável.

A ênfase na dimensão de prática discursiva em que as lendas se materializam – sendo elas retomadas, contestadas, (re)contextualizadas no interior dessa prática – revela o modo como tais narrativas se entrecruzam em uma rede particularmente heterogênea, frequentemente polêmica, na qual antigos medos, ansiedades e apreensões sociais são articulados e na qual os sujeitos envolvidos são confrontados com seus pressupostos de verdade e relações de poder/saber (LOPES, 2007, p.1).

Diante da narrativa de uma lenda, o narrador transfere seu potencial do imaginário e transforma os fatos de sua história em realidade maravilhosa, utilizando sua visão de mundo.

De certa forma tanto o narrador quanto o receptor sentem-se encantados com a narração de uma lenda. O fato narrativo que a lenda exerce, faz-se instrumento real da folkcomunicação. A cada narrativa o emissor transfere suas ideias e constrói sua estória enfeitando-a de maneira peculiar. Com isso, cada pessoa que narra aumenta o fato de acordo com seus conhecimentos e seu imaginário. A lenda é transmitida de pessoa para pessoa, mesmo que a pessoa não acredite na lenda, a divulga a sua maneira (LÓSSIO, 2002, p.3)¹².

¹² LÓSSIO, R. Lendas: processo de folkcomunicação. Disponível em <<http://www.fundaj.gov.br/geral/folclore/lendastextos.pdf>>. Acesso em 19/01/2012.

Para Cascudo (1976),

As lendas são episódios heróicos ou sentimentais com elemento maravilhoso ou sobre-humano, transmitidos e conservados na tradição oral e popular, localizáveis no espaço e no tempo. De origem letrada, lenda, legenda, “legere” possui características de fixação geográfica e pequena deformação e conserva-se as quatro características do conto popular: antiguidade, persistência, anonimato e oralidade (CASCUDO, 1976, p. 348).

O significado decisivo da lenda como símbolo estaria na reação social que ela motiva, uma vez que nesse tipo de narrativa realiza-se a sobreposição de dois mundos: o cotidiano e o extracotidiano, provocando aqueles que participam da narração para a importância dos valores que guiam o comportamento do indivíduo em sociedade. Na visão de Da Mata (2008, p. 21), *“o que a lenda realiza é um verdadeiro arranjo de valores com a finalidade de validar ou não, motivar ou não comportamentos.”* Enfim, são relatos que podem estabelecer uma forma de repensar (ou até mesmo de se opor a) imposições culturais. Através das lendas a realidade é traduzida e vivenciada.

Lopes (2007), em sua pesquisa sobre Lendas, parte do princípio de enxergar as Lendas como práticas discursivas, assim como é feito nesta pesquisa. Deste modo, o autor coloca que as mesmas são dotadas de regularidades próprias, mas que, porém, não possuem uma instanciação de textos fixos estabelecidos de uma forma única. Deste modo, não se pode dizer que a Lenda da Procissão das Almas contenha uma versão definitiva, e, assim, este trabalho propôs coletar cinco versões de recontagem entre moradores da cidade de Mariana-MG –onde a Lenda da Procissão das Almas é divulgada e representada- e cotejar as diferentes narrativas, verificando os modos de organização dos discursos que podem se estabelecer na comunidade pesquisada, e analisando ainda, através da Teoria da Relevância, os elementos cognitivos relevantes nos enunciados proferidos pelos informantes narradores da Lenda no local.

3. Metodologia

3.1 Natureza da pesquisa

O trabalho está ancorado no suporte metodológico da pesquisa qualitativa, que se justifica como tal na perspectiva de Chizzotti (2003), que diz:

O termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível e, após este tirocínio, o autor interpreta e traduz em um texto, zelosamente escrito, com perspicácia e competência científicas, os significados patentes ou ocultos do seu objeto de pesquisa (CHIZZOTTI, 2003, p.221).

Segundo Seliger e Shohamy (2001), o principal instrumento de coleta de dados na pesquisa qualitativa são as observações, por ser a melhor forma de se analisar um fenômeno ou comportamento enquanto ele ocorre. No caso de um procedimento de alto grau de especificidade, como as análises de interação, tais observações deverão ser mais estruturadas, especificando os termos exatos que se pretende focar.

3.2 Os participantes

A escolha dos informantes da pesquisa é um dos primeiros passos e um dos mais importantes para garantir o sucesso da análise pretendida, de acordo com o foco assumido pelo pesquisador. No entanto, há que se considerar a reflexão de Duarte (2002), quando adverte que

Numa metodologia de base qualitativa o número de sujeitos que virão a compor o quadro das entrevistas dificilmente pode ser determinado a priori – tudo depende da qualidade das informações obtidas em cada depoimento, assim como da profundidade e do grau de recorrência e divergência destas informações. Enquanto estiverem aparecendo “dados” originais ou pistas que possam indicar novas perspectivas à investigação em curso as entrevistas precisam continuar sendo feitas. (DUARTE, 2002, p. 143)

Deste modo, o presente estudo contou com a contribuição de cinco informantes, e tal número foi considerado suficiente, de acordo com o teor das informações que foram coletadas a cada informante. Tais informantes utilizados no estudo são nascidos e moradores de Mariana - que

sempre moraram ou moram a maior parte de suas vidas na cidade. As exigências referentes aos informantes se dão, primeiramente, porque esta cidade é um local acessível para o desenvolvimento do estudo proposto, sendo onde se dá a realização/ manifestação da Lenda e, em grande medida, sua recontagem - objeto desse estudo -, através da Procissão das Almas. Para assegurar informações fidedignas e advindas de informantes com maior engajamento sócio-afetivo e cultural no ambiente onde a Lenda se propaga, houve a necessidade de que a pesquisa envolvesse somente cidadãos marianenses adultos, moradores da cidade, de ambos os sexos. Tais informantes deveriam também saber recontar a Lenda da Procissão das Almas, o que tornou relevante sua colaboração para o levantamento dos aspectos em foco nesse trabalho.

Acredita-se que as variáveis selecionadas foram essenciais para angariar os elementos estruturais relevantes à compreensão das estratégias linguístico-cognitivas utilizadas pelos narradores em suas falas, para produzirem os efeitos contextuais intencionados nas suas respectivas audiências e capacitar a análise dos discursos praticados pelos informantes em seu contexto interacional. Tais elementos foram obtidos a partir da coleta das recontagens, bem como da realização de entrevistas (cujo roteiro se encontra no Anexo 1 deste trabalho) com os participantes do estudo, por meio das quais se almejou conseguir evidências das intenções do comunicador, presentes em seu enunciado, durante o ato de recontar a Lenda.

3.3 A geração dos dados

A preparação da entrevista é uma das etapas mais importantes da pesquisa, que requer tempo e exige alguns cuidados,

entre eles destacam-se: o planejamento da entrevista, que deve ter em vista o objetivo a ser alcançado; a escolha do entrevistado, que deve ser alguém que tenha familiaridade com o tema pesquisado; a oportunidade da entrevista, ou seja, a disponibilidade do entrevistado em fornecer a entrevista, que deverá ser marcada com antecedência para que o pesquisador se assegure de que será recebido; as condições favoráveis que possam garantir ao entrevistado o segredo de suas confidências e de sua identidade e, por fim, a preparação específica que consiste em organizar o roteiro ou formulário com as questões importantes. (LAKATOS¹³, 1996 *apud* BONI; QUARESMA, 2005, p. 72).

¹³ LAKATOS, E. M. & MARCONI, M. A. *Técnicas de pesquisa*. 3a edição. São Paulo: Editora Atlas, 1996.

3.3.1 – Entrevista semi-estruturada:

Foi feita a opção pela realização da entrevista do tipo semi-estruturada, em que o pesquisador faz uso de perguntas-base para se orientar, mas deixa que a entrevista seja conduzida conforme os dados surgem da fala do narrador.

Para se obter uma narrativa natural muitas vezes não é interessante fazer uma pergunta direta, mas sim fazer com que o pesquisado relembra parte de sua vida. Para tanto o pesquisador pode muito bem ir suscitando a memória do pesquisado (BOURDIEU¹⁴, 1999 *apud* BONI; QUARESMA, 2005, p. 72).

Esse tipo de entrevista é realizado em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal, e “é muito utilizado quando se deseja delimitar o volume das informações, obtendo assim um direcionamento maior para o tema, intervindo a fim de que os objetivos sejam alcançados” (BONI; QUARESMA, 2005, p. 75).

De acordo com Seliger e Shohamy (2001), se a coleta de dados for através de entrevista, esta deverá ser mais informal, aberta e desestruturada, podendo tomar várias direções de acordo com as informações dadas pelos entrevistados. Desse modo, foi elaborado um roteiro de entrevista¹⁵ que norteou a entrevista semi-estruturada referente ao presente estudo.

3.3.2 – Recontagens da Lenda:

Nas pesquisas qualitativas, os dados são coletados através de um número de procedimentos utilizados simultaneamente, com uma parte do dado se ligando ao próximo. Dados ricos e compreensíveis surgem quando obtidos de diversas fontes, pois cada fonte adiciona uma nova informação (SELIGER; SHOHAMY, 2001). Portanto, para garantir a legitimidade do estudo, o *corpus* foi constituído pelo material adquirido com a coleta em áudio e vídeo das recontagens da Lenda pelos informantes selecionados, juntamente com a entrevista sobre o tema concedida pelos mesmos. As recontagens e entrevistas ocorreram no mesmo dia para cada informante- sendo solicitado pelo pesquisador primeiramente o ato de recontagem e logo em seguida a realização da entrevista. As coletas de dados envolveram pequenos intervalos de mais ou menos uma semana entre um informante e outro. Todo o material foi coletado entre

¹⁴ BOURDIEU, P. *A miséria do mundo*. Tradução de Mateus S. Soares. 3a edição. Petrópolis: Vozes, 1999.

¹⁵ Anexo 1.

os meses de abril e junho de 2011, sendo que as gravações em vídeo tiveram o propósito de servir apenas de instrumento de apoio visual para uma maior compreensão da fala, cujos trechos importantes foram posteriormente transcritos.

A busca pelos informantes foi feita aleatoriamente por abordagem nas ruas da cidade de Mariana e através da colaboração da coordenadora da Procissão das Almas na cidade de Mariana, Hebe Maria Rola Santos, que indicou nomes de moradores que tinham conhecimento sobre a Lenda. A partir das indicações, foi realizado um primeiro contato com os indivíduos apontados, e, após conversa informal e apresentação da pesquisa, havendo consentimento dos mesmos, agendava-se data, horário e local de preferência do informante para realização da entrevista. Foi assinado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido¹⁶, através do qual a pesquisa e o destino dos dados fornecidos são detalhados, para garantir o padrão ético do estudo. A solicitação aos participantes de realização da recontagem da Lenda da Procissão das Almas foi feita no momento inicial da interação, anteriormente às primeiras perguntas da entrevista, para que tais perguntas não influenciassem a narrativa.

3.3.3 – Transcrição dos dados

As entrevistas e recontagens não foram transcritas na íntegra, tendo sido considerados apenas os trechos relevantes para a efetivação da análise. Os trechos que foram utilizados para análise da fala dos participantes, com o intuito de identificação das características semiolinguísticas do discurso e dos elementos linguístico-cognitivos, foram transcritos. Para tanto, foi utilizado o sistema de transcrição proposto por Marcuschi (1991), conforme descrição a seguir. Foi criada uma referência depois dos trechos transcritos, indicando o informante e o número do excerto transcrito. O informante é identificado por uma sigla composta por 2 (duas) letras e o excerto, por um número, por exemplo: [H.S.-01].

Considerando que a investigação procede com base em material empírico, reproduzindo conversações reais e considerando detalhes não apenas verbais, mas também entonacionais, algumas informações relativas à entonação apareceram na transcrição, uma vez constatada sua relevância face aos objetivos da análise.

¹⁶ Anexo 2.

Marcuschi afirma que

não existe a melhor transcrição. Todas são mais ou menos boas. O essencial é que o analista saiba quais seus objetivos e não deixe de assinalar o que lhe convém. De um modo geral, a transcrição deve ser limpa e legível, sem sobrecarga de símbolos complicados (MARCUSCHI, 1991, p. 31).

O sistema sugerido por Marcuschi (1991) é eminentemente ortográfico, seguindo a escrita-padrão. Para o formato de conversação, Marcuschi (1991, p.31) aponta que é usual uma sequenciação, com linhas não muito longas, para melhor visualização do conjunto. Importante indicar os falantes com siglas (iniciais do nome ou letras do alfabeto). O autor ressalta ainda que não convém cortar as palavras na passagem de uma linha para outra, e é bom evitar as maiúsculas em início de turno (Marcuschi, 1991, p.31). Optou-se pela utilização apenas dos sinais mais frequentes e úteis para uma transcrição com a finalidade a que se propõe esta pesquisa; deste modo, serão adotados nas transcrições pertencentes a este trabalho os sinais abaixo relacionados (Marcuschi, 1991):

1. Truncamentos bruscos: / - Quando um falante corta uma unidade, pode-se marcar o fato com uma barra.
2. Ênfase ou acento forte: Utiliza-se letra MAIÚSCULA em todo trecho de fala onde foi dada a ênfase.
3. Repetições: reduplicação da letra ou sílaba repetida.
4. Pausa preenchida, hesitação ou sinais de atenção: Usam-se reproduções de sons cuja grafia é muito discutida: eh, ah, oh, mhn, ahã, etc.
5. Indicação de transcrição parcial ou de eliminação: ... : O uso de reticências no início e no final de uma transcrição indica que se está transcrevendo apenas um trecho (MARCUSCHI, 1991, p.31).

Obtidos os dados suficientes, foi realizada a análise, -com base nas Teorias da Relevância, de Sperber e Wilson (2001), e Semiolinguística, de Patrick Charaudeau (2009) -, dos aspectos semiolinguísticos e pragmático-cognitivos presentes em cada recontagem. Estas foram então cotejadas com as entrevistas semi-estruturadas também realizadas com os informantes da pesquisa (Anexo 1), em busca de indicadores de identidade individual, social e coletiva, e das suposições que o narrador pretendeu tornar manifestas no ambiente cognitivo de sua audiência ao recontar sua versão da Lenda. Buscou-se então, a partir daí, relacionar as duas teorias entre si dentro do *corpus* de pesquisa proposto e, através das relações estabelecidas, investigar diferenças/semelhanças na produção dos falantes, que possibilitaram caracterizar a *performance* narrativa dos sujeitos marianenses contadores da Lenda da Procissão das Almas, objetivando identificar traços que conduziram a novas descobertas a propósito da propagação da Lenda na cidade.

4. Análise e discussão dos resultados

4.1. Análise de Traços Discursivos, Pragmáticos e Cognitivos Presentes nos Enunciados dos Informantes da Pesquisa durante Entrevista e Recontagens da Lenda da Procissão das Almas na Cidade de Mariana-MG

Esta pesquisa avaliou os mecanismos linguísticos e cognitivos que, durante o ato de recontar a Lenda da Procissão das Almas, proporcionaram que a intenção informativa do comunicador se manifestasse no ambiente cognitivo da audiência, e buscou a partir daí estabelecer uma relação, - na investigação de tal intencionalidade e de características persuasivas presentes no enunciado (discurso) do comunicador -, entre a Teoria pragmática e cognitiva da Relevância, proposta por Sperber e Wilson (2001) e a Semiologia, pelo modelo de análise de Charaudeau (2009)¹⁷.

Sabe-se que, no que tange a uma entrevista, esta situação dialógica necessita de uma diferenciação de *status*, de modo que um dos parceiros se coloca na posição de “questionador” e o outro na posição de “questionado-com-razões-para-ser-questionado”. Deste modo, a alternância de fala vai sendo regulada pelo entrevistador de acordo com seus objetivos.(CHARAUDEAU, 2006, p. 213-214)

Aqui a entrevista tem o propósito de relatar ora o acontecimento suficientemente interessante, ora uma breve opinião em relação aos fatos. O entrevistado, como mesmo afirma Patrick Charaudeau, é anônimo, testemunhando por se inserir no contexto da conversa, tendo sido observador ou vítima do acontecimento em questão. O entrevistador (que nesta pesquisa é exatamente o autor do estudo aqui fundamentado) faz o jogo da emoção pela maneira de perguntar, de comentar, e “a entrevista presume confirmar a existência de fatos e despertar a emoção, trazendo uma prova de autenticidade pelo ‘visto-ouvido-declarado’” (CHARAUDEAU, 2006, p. 216).

Baseando-se no pressuposto de que muitas vezes a intenção manifesta ou representa, no discurso de um comunicador, o direcionamento da identidade social e coletiva de uma comunidade, buscar-se-ão, pela análise dos dados coletados a partir das obras de Dan Sperber e Dierdre Wilson (op. cit.)- *Relevância: comunicação e cognição*, e de Patrick Charaudeau

¹⁷ Todas as citações de CHARAUDEAU, 2009 referem-se à CHARAUDEAU, P. *Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional*. In : PIETROLUONGO, M. (Org.) O trabalho da tradução. Rio de Janeiro : Contra Capa, 2009, p. 309-326., 2009. Disponível em: <<http://www.patrick-charaudeau.com>>. Acesso em: 20/06/2001. Por ser um artigo disponível pelo site, não há referência de página indicada nas citações subsequentes.

(op. cit.), *Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional*, alguns exemplos de construção de imagem e identidade nas estratégias de discurso utilizadas pelos informantes durante as entrevistas.

1º. Item temático: Legitimidade discursiva do informante e valor de verdade de seus enunciados

Amossy, (2005, p. 9) afirma que “todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si”. Propositadamente ou não, o locutor faz em seu discurso uma apresentação de si. O modo de dizer induz a uma imagem que facilita ou mesmo condiciona a boa realização do projeto, induz à interpretação pretendida por aquele que fala. Os antigos designavam pelo termo *ethos* a construção de uma imagem de si destinada a garantir o sucesso do empreendimento oratório. É importante destacar que a apresentação de si não se limita a uma técnica apreendida, a um artifício: ela se efetua, frequentemente, à revelia dos parceiros, nas trocas verbais mais corriqueiras e mais pessoais, de acordo com Amossy (2005).

Na Teoria da Relevância se tem o que é chamado efeito cognitivo, que, por sua vez, pode fortalecer suposições existentes, contradizê-las, ao fornecer evidências decisivas contrárias, ou combinar suposições existentes para calcular implicações contextuais. O comunicador/falante, (ou para a TS locutor, -termos relativamente próximos, guardadas as devidas diferenças teóricas entre os dois referenciais) vai tentar, através de efeitos ostensivos, provocar efeitos cognitivos que fortaleçam ou modifiquem suposições existentes na mente do ouvinte (ou alocutário para a TS), fazendo com que haja modificação no ambiente cognitivo do mesmo e que tais suposições se tornem fato manifesto, no caso, adquirindo valor de verdade dependendo da construção da imagem do falante e/ou de sua comunidade.

Ao ser solicitada que se apresentasse, a informante H.S. fala sobre seu título de professora emérita da UFOP:

“fui agraciada com o título de professora emérita aqui da UFOP, provavelmente por causa da minha dedicação não só ao ensino né, mas também à extensão, da UFOP ” [H.S.-01].

Essa fala tem o intuito de legitimar seu discurso, produzir um efeito de credibilidade, para que seu enunciado seja relevante para a audiência e para também aumentar a possibilidade de se

reforçar o valor de verdade e a promessa de relevância do que será enunciado daí em diante. O comunicador constrói para si (*ethos*), através desse enunciado, a imagem de uma pessoa influente, reconhecida profissionalmente, socialmente honrada no ambiente acadêmico, dedicada, reafirmando seu status na sociedade, reativando sua identidade social. A identidade social tem como particularidade a necessidade de ser reconhecida pelos outros. Ela é o que confere ao sujeito seu “direito à palavra”, o que funda sua legitimidade (CHARAUDEAU, 2009). É necessário, então, verificar em que consiste esta legitimidade. De modo geral, designa o estado ou a qualidade de quem é autorizado a agir da maneira pela qual age (CHARAUDEAU, op. cit.). Nesse exemplo, trata-se da legitimidade que é atribuída de fato, pelo reconhecimento, por parte dos integrantes da comunidade, do valor de um de seus membros. A informante mostra ao ouvinte, pela construção de uma boa imagem de si, que sua palavra tem força de verdade, é reconhecida em seu meio; desse modo, essa informante, em sua condição de falante, induz a uma imagem que facilitará e condicionará a boa realização do seu projeto de contar a lenda e conseguir a compreensão inferencial de sua mensagem por parte do ouvinte. O informante tem a necessidade de persuadir seu ouvinte (aqui, o entrevistador) buscando fazê-lo acreditar, confiar no que for dito, considerando a legitimidade dessa fala. Tal legitimidade é atribuída em nome de um certo “saber fazer”, e uma “legitimidade da palavra”, isso porque o engajado ou a testemunha estão como num pedestal, e é neles que uma comunidade pode olhar-se e reconhecer-se (CHARAUDEAU, op. cit.).

As estratégias de *legitimação* advêm da necessidade de criar ou de reforçar a posição de legitimidade do sujeito falante quando este tem dúvidas quanto à maneira pela qual o outro percebe seu “direito à palavra”. Precisa então persuadir seu interlocutor de que sua fala e sua maneira de falar correspondem à posição de autoridade que seu status lhe confere (CHARAUDEAU, op. cit., p. 320).

Outro caso em que se percebe o informante tentando aumentar a força de verdade do que está contido em sua fala ocorre no enunciado do informante A.C., quando o mesmo diz:

“embora tenha saído daqui com 14 anos e voltei com 48, mas sempre presente em Mariana e sempre ligado às coisas da cidade” [A.C.-01].

O informante A.C. legitima a relevância de seu enunciado e de seus conhecimentos sobre a lenda e sobre a Procissão que a representa ao evidenciar seu engajamento no projeto, seu papel de informante aos turistas durante o evento:

“ela [Procissão] sempre acontece no momento em que eu estou trabalhando. Então a minha participação no *miserere* é exatamente dar essa ou aquela informação aos

curiosos que fazem pergunta antes, ou durante ou depois que a Procissão passa, as pessoas perguntam e o que que é isso o que que é aquilo, como é que é como é que não é então... a gente EU particularmente dou esses esclarecimentos à medida que vão me perguntando, e faço da forma mais satisfatória que posso” [A.C.-02].

O mesmo A.C. fala:

“eu tenho orgulho de... entre os MUITOS mineiros, ter sido aquele que foi abordado para falar da minha cidade. Por quê? Por que abordado? Acredito eu que pelo QUANTO, fora dessa particular oportunidade, pelo quanto eu falava de Mariana em todas as atividades e departamentos” [A.C.-03].

Nesse enunciado fica clara a tentativa de legitimação de sua fala diante do seu ouvinte (entrevistador), reforçando seu vínculo com a cidade, que lhe garante conhecimento e propriedade para falar do evento que nela acontece.

Deve-se ter em mente que o sujeito que constrói seu projeto de fala e que seleciona suas estratégias discursivas não é um sujeito qualquer, um ser abstrato, descolado de uma realidade social determinada, mas, ao contrário, é alguém que se orienta em circunstâncias materiais específicas e que se define por uma identidade psicossocial particular, sendo, portanto, sua intencionalidade, assim, socialmente condicionada. Além disso, segundo Martins Nogueira (2008, p. 3), “o projeto e as estratégias de fala do sujeito são constrangidos pelo fato de se dirigirem para um outro sujeito com uma identidade e uma intencionalidade também definidas”. Isso exige que, para ser eficiente no seu objetivo de influência, o ser comunicante molde seu projeto e suas estratégias ao conhecimento e às expectativas que ele tem em relação ao comportamento do outro com quem ele pretende interagir. No caso, o informante está cedendo uma entrevista a um interlocutor que não é cidadão marianense e não tem vínculos próximos com a cidade, mas busca informações sobre o evento. Por isso a intenção por parte do informante em demonstrar a relevância de sua fala, legitimando-a. De acordo com Charaudeau (2009):

todo sujeito linguageiro deve *posicionar-se com relação aos outros* (...) Ele deverá, pois, usar de estratégias discursivas para criar relações de *aliança* ou de *oposição* com relação a seu(s) destinatário(s) (...) e, concomitantemente, situar-se com relação à *enunciação de sua proposição sobre o mundo*. Ele deverá, pois, organizar e problematizar sua enunciação de maneira adequada (CHARAUDEAU, 2009).

A informante M.M. também utiliza estratégias no discurso com a finalidade de legitimar sua posição de conhecedora da lenda e da Procissão na cidade de Mariana-MG. Observe seu enunciado ao iniciar a entrevista:

“...moro em Mariana desde 1940 quando eu nasci. Já saí daqui um pouco depois voltei. SEMPRE MOREI NESSA RUA, QUE É ... a rua, uma das ruas MAIS antigas da cidade. E, aqui na nossa rua, sempre teve assim, uma conversa das pesso/dos pais, dos amigos, sempre houve muita conversa sobre lendas, sobre assombrações... então, então é um assunto assim que eu to acostumada desde pequena” [M.M.-01].

A informante também tenta reforçar o valor de verdade de seus enunciados posteriores, inserindo como efeito ostensivo a temporalidade, ou seja, o fato de conhecer bastante sobre o assunto por estar familiarizada, desde que nasceu, com o ambiente onde a Lenda se propaga: <moro em Mariana desde 1940 quando eu nasci>, <...é um assunto assim que eu to acostumada desde pequena>. Ela sabe que é da natureza de todo ser humano prestar atenção ou se preocupar com estímulos que vêm ao encontro de seus interesses. Se o ouvinte, nesse caso, é um entrevistador que busca informações sobre a Lenda na cidade de Mariana, o comunicador visa produzir efeitos contextuais que levem tal ouvinte a considerar seu discurso relevante. Numa atitude de mostrar sua identidade com a comunidade marianense, sua familiaridade com a lenda, M.M. considera importante destacar seu envolvimento com a Lenda da Procissão das Almas e com o evento da Procissão e continua:

“E meu pai mesmo era um que sentava com a gente em volta de uma fogueira e começava a contar essas histórias pra nós. Eee... segundo ELE as coisas mais que MAIS aconteciam né, eram NESTA RUA” [M.M.-02].

Num contrato de comunicação, se espera do comunicador (ou falante) a demonstração de um conhecimento e de uma identidade específica, e que seu objetivo seja transmitir seus conhecimentos aos ouvintes aos quais se dirige, dentro dos limites de espaço possíveis pelo contexto de interação. O comunicador fará uso de expressões e estratégias adequadas aos seus objetivos e apropriadas à competência específica do ouvinte, e o ouvinte por sua vez deverá também se ajustar às circunstâncias do contrato comunicacional, se servindo de estratégias discursivas para efetivar a comunicação.

Segundo Charaudeau (op. cit.), é através da identidade que o sujeito toma consciência de sua existência, de seu saber, de seus julgamentos (suas crenças), de suas ações, implicando a identidade, então, a tomada de consciência de si mesmo. A consciência identitária nasce no

sujeito a partir da percepção da diferença do outro, e assim, quanto mais se toma consciência sobre a existência do outro, mais se constrói sua própria consciência identitária, o que Charaudeau denomina *princípio de alteridade*. Assim se justifica o fato de alguns informantes, ao destacarem suas impressões sobre a Lenda e o evento da Procissão das Almas, colocarem também em seu enunciado suas impressões sobre os que assistem a Procissão, sobre o pensamento (percepção) dos outros em relação ao evento e à lenda.

A informante G.F. destaca seu interesse pela lenda e pela Procissão, enunciando o vínculo familiar com a história:

“eu pensava nas histórias que a minha vó contava pra mim na minha infância, justamente por exemplo de como que era... é guardado esse período de Quaresma, e que na Quaresma, os avós os pais contavam muitas histórias de assombração” [G.F.-01].

Mais uma vez, agora no enunciado de outro informante, percebe-se a introdução de elementos ostensivos relacionados à ligação familiar, desde a infância, com a Lenda da Procissão das Almas, com a intenção de elevar o valor de verdade do que se enuncia. Percebe-se o engajamento da informante com o evento quando ela realça sua participação na Procissão:

“então no ano passado eu participei da encenação mesmo” [G.F.-02].

A informante S.S., cuja entrevista foi concedida durante o evento da Procissão das Almas em Mariana MG, legitima sua fala ao estabelecer também um vínculo familiar antigo com a tradição da Procissão:

“meu pai já saiu nessa Procissão hoje ele tem oitenta e dois anos, tem VÁRIAS pessoas aqui da nossa cidade que... CONTINUAM né, com essa tradição (...)” [S.S.-01].

Como se vê, os informantes acima têm em comum o fato de inserirem em seus enunciados informações ostensivas sobre seu vínculo familiar com a Lenda e/ou com a Procissão das Almas, objetivando ativar um número de suposições para gerar inferências sobre sua identidade e tradição familiar no ambiente cognitivo do ouvinte, ao mesmo tempo em que estão definindo o seu perfil identitário e construindo estratégias de credibilidade para o discurso que construirão posteriormente. Os informantes têm, portanto, a intenção comum de transmitirem ao ouvinte a informação de tradição familiar e cultural vinculada à cidade de Mariana, provocando neste expectativas de relevância do seu depoimento, devido ao seu conhecimento e envolvimento com o assunto, o que o tornará, aos olhos do ouvinte, um

informante em potencial, autorizado pela tradição e identidade, apto a comunicar aspectos relevantes sobre o tema. Klockner (2010, p. 6) afirma que “num processo interpretativo verbal, o enunciado é uma evidência direta – uma ostensão – da intenção informativa do falante, que se eleva a comunicativa”, e tal ostensão serve para atrair a atenção e assim desencadear as inferências pretendidas.

O tema das identidades sociais e discursivas é importante, pois “coloca em evidência a existência de um sujeito, o qual se constrói através de sua identidade discursiva, que, no entanto, nada seria sem uma identidade social a partir da qual se definir” (CHARAUDEAU, 2009). Para Berger e Luckmann (1985, p. 228), “a identidade é um fenômeno que deriva da dialética entre um indivíduo e a sociedade”. Para estes autores, a estrutura social determina os processos sociais implicados na formação e conservação da identidade. E inversamente, as identidades produzidas pela consciência individual e interação do organismo vão reagir sobre dada estrutura social, “mantendo-a, modificando-a ou mesmo remodelando-a” (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 228). Stuart Hall (2002) corrobora essa ideia, afirmando que “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (HALL, 2002, p. 13). Com a multiplicação das representações culturais, Hall garante tornar-se constante o confronto com uma multiplicidade de identidades possíveis, “com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente” (HALL, 2002, p. 13).

Para Charaudeau (op. cit.), a relação com o outro se constitui através das trocas que fazem com que cada um dos parceiros se reconheça semelhante e diferente do outro. Semelhante na medida em que, “para que uma relação exista entre seres humanos, é necessário que estes compartilhem, ainda que parcialmente, as mesmas motivações, as mesmas finalidades, as mesmas intenções”, e diferente na medida em que cada um desempenha papéis que lhe são próprios e que, em sua singularidade, cada um tem finalidades e intenções que são distintas das do outro. Amossy (2005, p. 12) diz que “ao longo de uma troca comunicativa qualquer, os diferentes participantes, exercem uns sobre os outros uma rede de influências mútuas”, estando cada um dos parceiros da troca engajado num processo recíproco (não simétrico) de reconhecimento do outro e de diferenciação para com o outro, cada um se legitimando e legitimando o outro através de uma espécie de “olhar avaliador” - o que permite dizer que a identidade se constrói através de um cruzamento de olhares: “existe o outro e existo eu, e é do outro que recebo o eu”, como dito por Charaudeau (op. cit.).

2º. Item temático: Pertencimento da Lenda à cidade, à rua, à identidade social do lugar.

No enunciado da informante H.S., abaixo, percebe-se a relevância em destacar, através de estratégias do discurso, as qualidades da Rua Dom Silvério –que é a rua onde mora-, quando, durante a recontagem da Lenda da Procissão das Almas, a mesma insere tal rua em seu enunciado, destacando aspectos positivos sobre os moradores de lá:

“quando ela veio morar na Rua Dom Silvério, ela não podia aparecer durante o dia pra não causar o mesmo impacto que ela causou né, atrapalhar a vida dos outros. Ela começou a se esconder pra viver bem com o povo da Rua Dom Silvério, que ela conhecia que era um povo muito UNIIIDO e tal, então ela começou também a se educar que era um povo MUITO educado, o povo da Rua Dom Silvério até hoje é um povo educadíssimo. Você vê pelas atitudes da população daquela rua” [H.S.-02].

A ostensão proporciona duas camadas de informações: a apontada ou indicada (explícita) e a intencionalmente pretendida (subentendida), que demanda algumas inferências indiretas, mas que pode ser a intenção principal do falante em determinados momentos. Nesse caso, a informante passa a informação explícita de que a mulher fofqueira da Lenda foi morar na Rua Dom Silvério, mas implicitamente sua intenção pareceu ser exaltar a qualidade moral e social dos moradores dessa rua. Portanto, o reconhecimento da intenção por detrás da aparência ostentada é necessário para um processamento eficiente da informação. Assim, alguém que falhe no reconhecimento dessa intenção, pode falhar em obter a informação relevante. Para Sperber e Wilson (2001), a comunicação inferencial e a ostensão fazem parte de um mesmo e único processo, mas visto de dois pontos de vista diferentes: o do comunicador que está envolvido com a ostensão, e aquele da audiência, que está envolvida com as inferências.

Kockner (2005) afirma que o processamento das inferências não é feito com a mente das pessoas em branco (vazia). Elas têm algum tipo de armazenamento na memória de curto prazo ou na memória enciclopédica. Por sua vez, esta memória é ativada pela capacidade do ouvinte (ou da audiência) em recuperar fatos e imprimir no seu espaço a importância do tema apresentado. Deste modo, a informante (comunicador) H.S., por repetição, torna ostensivo, em sua recontagem, o fato de os moradores da Rua Dom Silvério serem muito unidos, intencionando ativar no ambiente cognitivo do ouvinte a inferência sobre a existência de muita união entre aquelas pessoas.

Nota-se ser relevante para o informante a identidade social da rua onde mora (Rua Dom Silvério), representando-a, em sua fala, como uma rua distinta, onde moram pessoas educadas e unidas. Charaudeau (1996, p.26) diz que “o sujeito comunicante precisa se fazer reconhecer como possuindo determinadas identidades sociais que o legitimam para proferir o discurso em questão”. Charaudeau salienta que

o grau de legitimidade ou autoridade conferido ao sujeito comunicante depende da maior ou menor adequação que se estabeleça entre sua identidade e status social e o papel languageiro que ele pretenda desempenhar. A identidade de médico, por exemplo, legitima determinados discursos de um sujeito, mas não lhe confere autoridade para falar, por exemplo, sobre arte ou religião (MARTINS NOGUEIRA, 2008).

Na interação social, Charaudeau (1996) não vê o curso do intercâmbio languageiro como predeterminado em relação ao momento da interação entre os participantes. Os sujeitos reagem constantemente às estratégias de fala uns dos outros, avaliam e reavaliam as identidades e as intenções dos interlocutores, definem e redefinem a natureza do contrato no qual estão inseridos, e a partir de tudo isso, constroem conjuntamente o ato de linguagem. Trata-se, portanto, de um modelo dinâmico. “É no jogo socialmente condicionado - mas não previamente determinado - da busca do reconhecimento do direito à fala que o discurso se define” (MARTINS NOGUEIRA, 2008, p.3).

O informante tenciona que seu receptor processe a informação de que sua rua é uma “boa rua”, de vizinhança educada e unida. Para isso, repete o nome de sua rua quatro vezes durante sua enunciação (a repetição aqui pode ser entendida como uma estratégia que busca um efeito ostensivo), para que seu receptor infira ser uma informação relevante e para que se torne fato manifesto para esse ouvinte que a Rua Dom Silvério possui tais boas características. Baseando-se na TR, a intenção do comunicador é criar entre si e o receptor a manifestação mútua da Rua Dom Silvério como local importante no contexto marianense. E ainda para elevar a avaliação social e moral que o ouvinte tem em relação a ela como comunicante, uma vez que isso pode dar maior credibilidade, ou seja, maior possibilidade de valor de verdade à sua produção enunciativa. De acordo com Charaudeau (2009), a meta do informante aqui seria reafirmar o seu status diante do grupo, diante da comunidade marianense e para o interlocutor (ouvinte). A identidade aqui construída pelo ato de linguagem serviu para reativar a identidade social. O sujeito comunicante precisa escolher, entre os modos de organização do discurso e os modos de construção textual, em relação aos diferentes conhecimentos e crenças

de que dispõe, os procedimentos que melhor correspondam a seu próprio projeto de fala, às metas da influência que pretende exercer sobre o interlocutor e às condições que ele se impõe (PIETROLUONGO, 2009).

A informante M.M. também mostra a relevância para si de destacar a identidade social de sua rua - a mesma Rua Dom Silvério -, elevando ainda a confiança do ouvinte em seu depoimento e a avaliação social e identitária que tal ouvinte terá em relação a ela como informante quando enuncia:

“SEMPRE MOREI NESSA RUA, QUE É ... a rua, uma das ruas MAIS antigas da cidade. É uma rua QUASE toda em estilo barroco. Já houve algumas mudanças, mas predomina o estilo barroco que ééé BEM velha mesmo. E, aqui na nossa rua, sempre teve assim, uma conversa das pesso/dos pais, dos amigos, sempre houve muita conversa sobre lendas, sobre assombrações” (...) [M.M.-01b].

A intenção do comunicador é criar entre si e o receptor a manifestação mútua da Rua Dom Silvério como importante rua no contexto marianense. E ainda pretende elevar a avaliação social e moral que o ouvinte tem em relação a ela como comunicante, uma vez que isso pode dar maior credibilidade, ou seja, maior possibilidade de valor verdade à sua produção enunciativa. Observando-se a questão da identidade, o informante reforça para si uma imagem (ethos) de pessoa educada e pacífica, por fazer parte da identidade social correspondente à Rua Dom Silvério, que, por sua vez, possui a identidade social de rua onde vive gente educada e unida. Aristóteles (*apud* AMOSSY, 2005, p. 10) afirmava em sua Retórica que “É [...] ao caráter moral que o discurso deve, eu diria, quase todo seu poder de persuasão”. Nesse sentido, em termos da TR, reforçam-se as suposições relativas ao valor de verdade do que está sendo enunciado, ou seja, em relação à credibilidade discursiva do enunciador.

Já a informante G.F., cidadã marianense, porém não-moradora da Rua Dom Silvério, não fala dessa rua, mas em sua fala dá também destaque ao lugar onde mora, à sua cidade, evidenciando a lenda como algo pertencente à identidade social de Mariana- MG:

“a Procissão das almas é mesmo assim uma manifestação da cultura popular dessa região aqui, né, da cidade de Mariana (...) a gente não sabe de onde que essa lenda surgiu...né, a gente sabe que faz parte mesmo assim...da história bem antiga da cidade (...)” [G.F.-03].

Em outro momento, ao recontar a lenda da Procissão das Almas, G.F. destaca o Bairro São Gonçalo em sua recontagem:

“Então dizem que tinha uma velha, né, MUITO fofqueira, que morava no bairro São Gonçalo...” [G.F.-04].

E cita ainda a Rua Nove em sua história:

“e ela foi morar na Rua Nove, então um lugar pequeno, todo mundo já sabe da fama da velha, e ela lá, no canto dela, só observando pra ver o momento certo, né, de começar já a conversar com as pessoas, e já saber o que que acontecia lá, na vida dos vizinhos novos...”. [G.F.-05]

Ao citar nomes reais de bairro e rua da cidade de Mariana- MG, a informante G.F., busca estabelecer vínculos de verossimilhança entre um mundo fictício com um mundo real, permitindo que o ouvinte se disponha a processar a narrativa como algo não necessariamente verdadeiro, mas com uma certa plausibilidade, ou alguma força de verdade e que poderá produzir efeitos contextuais relevantes no seu ambiente cognitivo, conforme postula a TR.

O informante A.C. deixa claro esse pertencimento da lenda da Procissão das Almas ou *Miserere* à cidade de Mariana quando, em seu enunciado, vincula fatos históricos de Mariana aos significados que ele acredita ter o evento da Procissão das Almas na cidade:

“Mariana foi uma cidade onde a escravidão éé... pagou muito tempo né, e aquelas histórias que a gente vem ouvindo desde criança, de almas penadas, de escravos que sofreram e que, INCONFORMADOS de terem sido tratados e... ou ter saído desse mundo desta forma, não teriam encontrado um... sei lá um lugar de repouso e fiquem por aí vagando e... nessa eterna posição. Quer dizer é um conto é uma uma ficção que tem assim... como que um fundo de realidade, porque afinal de contas a escravidão ... aconteceu e todo mundo sabe e... nem todo mundo consegue avaliar a extensão do sofrimento dessas pessoas a agonia dessas pessoas MAS a Procissão... de uma certa forma retrata esse estado de espírito das pessoas que sofreram né (...) é um ESPELHO né, daquilo que já aconteceu né” [A.C.-04].

Este excerto remete à noção de carnavalização de Bakhtin, ou seja, a de que não necessariamente se narram apenas fatos verídicos, mas que uma narração ou encenação carnalizada, com alegorias, analogias, e elementos não factuais, pode gerar uma produção de efeitos relevantes no ambiente cognitivo da audiência, tendo em vista a sua relação de semelhança interpretativa (verossimilhança) com alguns elementos das suposições factuais de tal audiência. Bakhtin (1993) aponta como o traço marcante do realismo grotesco (que é exatamente essa concepção estética exagerada) o *rebaixamento*, ou seja, a transposição, a transgressão simbólica de tudo o que é elevado e sublime, para o plano material e corporal, na concretude da terra e do corpo biológico, na sua indissolúvel unidade. Essa maneira de

encarar a morte sofrida dos escravos que existiram em Mariana se encaixa perfeitamente nessa concepção, transformando a inconformidade de um período de escravidão e a seriedade do assunto em Procissão das Almas penadas, repleta de alegorias, assustando e debochando da multidão.

Ainda nesse excerto do informante A.C., é possível fazer a associação do que está contido em seu enunciado com o que Beltrão (2001) denominou processo de *folkcomunicação*, em que a Lenda da Procissão das Almas, em seu intercâmbio de informações, vai resgatar os fatos históricos da cidade de Mariana-MG e, fazendo diante destes fatos algumas alterações, vai demonstrar os acontecimentos atuais diante da nova realidade.

Conforme exemplos, vê-se que, de acordo com o que dita a Teoria da Relevância, não basta ter uma noção cognitiva do contexto: é necessário explicar como ele é formado, como as suposições, das quais derivará a interpretação, são escolhidas dentre um conjunto, e por isso, no processo comunicativo que envolve a recontagem de uma lenda e busca captar/transmitir a importância de tal lenda para o contexto de uma cidade como Mariana-MG, se percebe a relevância para o informante (comunicador) de destacar o pertencimento da história à região e o tradicionalismo do conto no ambiente contextual de quem o narra.

3º. Item temático: Importância do evento da Procissão das Almas para a cidade de Mariana- MG:

O informante A.C. destaca a Procissão como uma tradição da cidade:

“Olha, eu acredito na TRADIÇÃO. Eu acho que... ééé... tudo que vai se passando, vai se transmitindo vai pegando assim...” [A.C.-05].

O mesmo informante evidencia a importância do evento também para o turismo da cidade, criando uma identidade que reforce a visitação turística:

“muito importante. Muito importante, assim como os outros lugares tem seus atos folclóricos que eles dão valor, e EU dou valor aos nossos e eu acho MUITO importante e eu acho que não deve nunca acabar, melhorar sim, estudar mais a respeito e tornar assim, uma Procissão cada vez ééé... digamos assim mais representativa, eu acho válido” [A.C.-06].

Já a informante G.F. ressalta o valor do evento para a cidade de Mariana no sentido de mostrar as crenças que conduziram à formação da identidade da cidade e das pessoas que fazem parte de Mariana:

“esse ideário por exemplo que tem uma história e aí eles vão mostrando as CRENÇAS, aquilo que ninguém presta atenção, eu gosto muito então... essa... tanto essa... essa Procissão, me chamou mais atenção mesmo porque ela mistura um pouco da questão da religião, né, daquilo que a gente ACREDITA, então assim, você pode ser muito esclarecido, dizer assim por exemplo, ter um nível de escolaridade que as pessoas as vezes falam assim: ah, mas você acredita nessas coisas? Mas te leva a pensar naquilo assim de CRENÇA, de como você foi educado, éhh, de pensar como é que foi formada a cidade, então eu acho isso muito interessante, e a gente conversa com as pessoas todo mundo tem um certo medo do desconhecido né, ninguém sabe como é o lado de lá, então essas histórias chamam a atenção” [G.F.-06].

Analisando o enunciado de H.S., percebe-se a intenção de dar ao evento da Procissão das Almas em Mariana uma importância cultural e popular, de levar cultura ao povo:

“Olha pra mim é uma preservação da tradição e da cultura de Mariana, e do folclore... da terra, e é também uma forma... de o povo... ter VOZ uma vez ou outra, porque é a voz do povo, a Procissão é a voz do povo... então o ato MAIS DEMOCRÁTICO que nós podemos fazer é esse, todo mundo dá opinião, faz sua roupa, cada um toma emprestado a roupa então o povo se junta, o bom é que o povo se junta sem NENHUM APELO NOS JORNAIS, SEM NENHUM APELO NAS RÁDIOS...(...) NÃO HÁ NENHUMA PROPAGANDA” [H.S.-03].

Para H.S., a Procissão das Almas é a identidade do povo da cidade:

“ela [Procissão] é a identidade de um povo, o povo acredita nisso, gosta disso, acha que deve ser feito (...) isso é o verdadeiro voluntariado”(...) [H.S.-04]

H.S., ao falar sobre a origem do evento na cidade, cita nomes de pessoas que se uniram em prol da realização do mesmo, e, além disso, especifica a profissão dessas pessoas envolvidas: **“são artistas plásticos, um que é engenheiro, entende muito de marcenaria, então eles resolveram encenar essa Procissão” [H.S.-05].** Com essa fala, o comunicador ressalta o caráter artístico do evento da Procissão e ainda torna o evento mais uma vez relevante, por ser algo criado por profissionais importantes. Torna manifesta a ideia da Procissão como mais abrangente em termos sociais.

Vê-se relação com a tradição e cultura da cidade de Mariana também no enunciado da informante S.S., que inclusive justifica a importância ao evidenciar o apoio dado ao evento:

“Eu acho ela muito importante porque resgata aí a... a... um pouco da história, né, do PASSADO, meu pai já saiu nessa Procissão hoje ele tem oitenta e dois anos, tem VÁRIAS pessoas aqui da nossa cidade que... CONTINUAM né, com essa tradição e eu acho importante isso não se perder, então ela no início ela não tinha muito apoio mas de uns dois anos pra cá o pessoal tem se empenhado MAIS, tem feito assim camisetas pra vender, isso é pra resgatar mesmo um pouco da cultura aí, né, da cidade eu acho super importante” [S.S.-02-b].

A informante S.S. destaca o pertencimento do evento à Mariana MG:

“MAS É UMA PROCISSÃO QUE SÓ TEM AQUI, não tem em outros locais” [S.S.-03].

O vínculo cultural também é o que torna importante o evento da Procissão para a informante M.M.:

“Hoje eu acho que ela assim retrata nossas tradições MAIS antigas... HOJE ninguém mais acredita nessas coisas, as crianças os jovens não se interessam, ALIÁS, a vida noturna daqui é como a vida noturna de qualquer cidade grande, tem sempre muito movimento, então as assombrações nem tem tempo de sair de casa, dos túmulos né, pra fazer medo... MAS FICOU A QUESTÃO DA CULTURA MESMO, né... de um COSTUME ANTIGO, de uma vida diferente da de hoje”... [M. M.-03].

A ligação do evento da Procissão das Almas à tradição cultural em Mariana é fato recorrente entre todos os informantes que fazem parte da pesquisa. Todos tornam mutuamente manifesta a ideia da valorização da tradição, dos costumes mais antigos da cidade, buscando provocar no ambiente cognitivo do ouvinte a ideia da existência de uma memória social, de um papel social e tradicional histórico vinculado à realização da Procissão das Almas na cidade. Tal imagem cultural o informante intenciona criar sobre si (ethos) e sobre a identidade cultural a qual pertence, e a isso se devem os enunciados repletos de ostensividade ligada ao tradicionalismo. Indissociável da influência mútua que os parceiros desejam exercer uns sobre os outros, a apresentação de si é tributária dos papéis sociais e dos dados situacionais. Uma vez que é inerente a toda troca verbal e submetida a uma regulamentação sociocultural, ela supera largamente a intencionalidade do sujeito que fala e age (AMOSSY, 2005). Os indivíduos representam suas heranças históricas que refletem o valor por eles atribuído a suas afiliações, em que o outro é aceito em seu sentido de identidade, desde que seu pensamento (sentido) esteja de acordo com o grupo que constitui sua origem. Para Charaudeau (op. cit.), são as maneiras de falar de cada comunidade, o modo de argumentar e as formas de pensar e persuadir que serão portadoras da sua cultura.

Sperber (1977) diz que uma representação mental pode existir no interior do usuário: trata-se de uma lembrança, hipótese ou intenção, sendo o usuário e o produtor de uma representação mental a mesma pessoa. Vê-se, nos enunciados dos informantes da presente pesquisa, uma representação pública da Procissão das Almas, que a encaram como um evento que marca a tradição da cidade, ou seja, são vários usuários da “mesma” representação. Sperber (1977) diz que “antes da representação estrita de uma representação pública, permitida pelas técnicas relativamente recentes, como a imprensa ou a televisão, houve, e sempre haverá, a produção de representações semelhantes umas às outras”, o que, segundo o autor, é chamado versões, que ocorrem por meio da transmissão oral. Sperber dá o exemplo dos ouvintes de uma narrativa “que podem tornar-se, por sua vez, narradores mais ou menos fiéis” (SPERBER, 1977, p. 91).

Existe um lado emocional, em que o informante coloca em sua recontagem um valor próprio de suas crenças, o que considera relevante para si, para revelar sua identidade, e um lado que revela sua identidade social e cultural, atribuída às suas vivências em um determinado contexto comunicativo ou ambiente cognitivo. Para a TR, esse aspecto emocional pode ser representado através do conceito de atitude proposicional, construto que relaciona algum juízo de valor ou atitude subjetiva/ emocional em relação a alguma suposição factual representada no ambiente cognitivo do sujeito comunicante. Nesse sentido, pode-se relacionar a concepção cognitivo-representacionista da TR com a construção identitária da Teoria Semiolinguística.

4º. Item temático: A visão dos informantes sobre os espectadores da procissão das almas e sobre a divulgação do evento

Os informantes, participando ou não da Procissão, tem impressões sobre os espectadores da Procissão que refletem também a importância do evento para a cidade e a forma como a divulgação da Procissão e da lenda referente a ela acontece.

O informante G.F. em seu enunciado refere-se ao desejo de fazer parte do evento por parte dos espectadores:

“sempre tem aquelas pessoas que querem participar da encenação” “eu vi ex-alunos meus participando (...)” [G.F.-07].

A mesma informante ainda destaca a existência de uma divulgação boca a boca por parte dos espectadores:

“(...) ou então tem aquela pessoa que sai e aí o amigo contou ah que interessante ano que vem eu quero ir, e isso querendo ou não você vai divulgando entre as pessoas, né, então eu acho que, esse trabalho é um trabalho de formiguinha mesmo, eu acho que hoje a gente não tem muito bem essa dimensão não, mas eu acho por exemplo se dona Hebe um dia desistir de... de participar disso (...) se ano que vem, essa Procissão continuar e a gente ver que houve uma continuidade, então é porque esse trabalho...tá dando certo” [G.F.-08].

Em outra parte ela destaca novamente como surgiu o hábito de contar histórias na cidade:

“então ler e contar histórias era muito... muito FORTE nas famílias né pelo menos em grande parte das famílias... hoje isso se perdeu um pouco então eu acho que HOJE, quando as pessoas contam, é mais assim porque... ouviu, gostou, e quer PASSAR adiante... né, outros porque hoje, como as pessoas já sabem que existe essa ENCENAÇÃO da Procissão, se vão contar essa história é porque já foram, já assistiram, né, são crianças que vão lá, comentam em casa e vai passando de boca em boca... mas ANTES eu acho que era assim pelo prazer de contar histórias mesmo” [G.F.-09].

No enunciado da informante H.S., percebe-se a intencionalidade de exaltar as reações dos espectadores durante o evento da Procissão, mostrando que alguns deles até mesmo acreditam na veracidade da Procissão e sentem medo e têm respeito:

“os guardas um dia vieram nos ajudar porque agora Mariana mudou muito, então os guardas vieram nos ajudar, e os GUARDAS TIRARAM O CAP BOTARAM DEBAIXO DO BRAÇO E FORAM FAZENDO NOME DO PAI E TUDO eu olhava moço, isso é uma brincadeira, isso é um teatro aí mas minha senhora, mas eu tô com medo também, eles tinham medo” (...) [H.S.-06].

A informante pretende que o ouvinte tenha seu ambiente modificado, passando a também acreditar e respeitar a Procissão já que muitas pessoas sérias, profissionais, respeitam o evento e mesmo acreditam na Lenda ou nos valores transmitidos por ela. Deste modo, é um fato relevante para a informante evidenciar que pessoas de diferentes profissões acreditam na lenda como um fato manifesto e a respeitam. Entretanto, há aqui uma ambiguidade – por um lado, diz que é uma brincadeira, por outro que muitas pessoas acreditam. Nesse sentido, haveria aí um caráter de encenação teatral no objetivo da Procissão que leva à sensibilização e à persuasão dos expectadores, implicitamente enfatizando-se a grande verossimilhança com

uma situação possível. Ou seja, pela TR, um caráter de semelhança interpretativa alta com crenças e valores inculcados pela cultura e, mais diretamente, pela moral e pela religião.

E ressalta a reação das pessoas que assistem o evento:

“e um outro moço da Vale do Rio Doce que veio um engenheiro pra Vale do Rio Doce um novato e ele se hospedou aqui no hotel Providência, então é, quando a PROCISSÃO saiu ele voltou CORRENDO, ele ia pegar serviço meia-noite, ele voltou CORRENDO pro hotel e eu corri atrás dele que eu conhecia ele e falei assim olha sou eu, e ele falou assim: uai, (...) quando é que a senhora desencarnou? Então, eles acreditam PIAMENTE que é uma Procissão, e MUITAS VEZES a imprensa, ao invés de dar assim um destaque à Semana Santa, dá um destaque à Procissão das Almas”(...) [H.S.-07].

“Agora o interessante é que mete medo mesmo” [H.S.-08].

Ao ressaltar o fato da Procissão provocar medo nos espectadores, há a intenção de trazer dramaticidade à narrativa, procurando torná-la mais próxima de um evento provável. A dramaticidade parece ser uma estratégia bastante explorada em narrativas, com a finalidade de produzir um efeito retórico e argumentativo de força de verdade em relação ao que se narra. Diríamos que o narrador procura efeitos ostensivos para tornar mais manifestas determinadas representações no ambiente cognitivo do ouvinte, a fim de que essas tenham maior “relevo” e produzam mais efeitos contextuais no sentido pretendido pelo primeiro.

A informante H.S. dá mais um exemplo da diversidade de pessoas que são atraídas para o evento:

“a juventude toda participa, os idosos, até criança vem, mas criança a gente tem medo né, por causa do horário, mas vem criança também com os pais (...) e vem também pessoas de outras cidades, vem, que estão nos hotéis aqui, então os hotéis têm três túnicas, que são usadas pelos hospedes do hotel (...) então eles já vêm com intenção de participar (...) nós já temos uma população cativa também em Belo Horizonte, todo ano, é muito interessante, você tem que participar pra você sentir (...) [H.S.-09].

Além disso, H.S. enfatiza a presença da mídia durante o evento:

“e fica MUUUUITO repórter noh, a gente tropeça em repórter” [H.S.-10].

Mas deixa claro que não há a necessidade de fazer publicidade na mídia para que o evento ocorra:

“então o ato MAIS DEMOCRÁTICO que nós podemos fazer é esse, todo mundo dá opinião, faz sua roupa, cada um toma emprestado a roupa então o povo se junta, o bom é que o povo se junta sem NENHUM APELO NOS JORNAIS, SEM NENHUM APELO NAS RÁDIOS...(…) NÃO HÁ NENHUMA PROPAGANDA” [H.S.-03b].

A posição da informante M.M. se assemelha à da informante H.S., ressaltando em seus enunciados a presença de turistas, estrangeiros e o interesse da mídia pelo evento:

“é tem atraído muita gente, MUITA GENTE MESMO. Inclusive estrangeiros. NÓS começamos não foi com o intuito de repercussão, nós começamos POR CAUSA MESMO DA CIDADE NÉ, pra para as gerações que estavam vindo conhecerem um pouco do que era antes. Hoje ela tomou um OUTRO SENTIDO, tem uma repercussão enorme... É RARO UM ANO QUE NÃO NOS PROCURAM PRA FILMAR durante... (..) pessoas estrangeiras vêm PARA PARTICIPAR DA PROCISSÃO” [M.M.-04].

Nota-se que a informante M.M. também faz questão de deixar claro que não há intenção de chamar a atenção da mídia. Ao utilizarem em seus enunciados com ostensividade a não-intenção em divulgar o evento na mídia, os informantes (comunicadores) buscam implicitamente provocar no ouvinte a ideia da importância e fama cultural do evento, que atrai, por si só, a atenção da mídia, de tão famosa que se tornou.

Poderia existir a intenção, por parte dos participantes da Procissão e moradores, de fazer a divulgação do evento e chamar a mídia, por isso a presença de repórteres. Contudo, não há, segundo os informantes, esse interesse, sendo portanto, essa primeira suposição, mais fraca. Cria-se então a ideia mutuamente manifesta de que o evento é feito como uma manifestação cultural, visando tão somente propagar a tradição. A mídia é atraída, ainda que não interpelada ou convidada, pelo valor cultural espontâneo do evento, argumento que procura reforçar o valor intrínseco da manifestação independentemente da promoção da mídia.

O informante A.C. informa que o que move quem assiste a Procissão é a curiosidade:

“minha participação no miserere é exatamente dar essa ou aquela informação aos curiosos que fazem pergunta antes, ou durante ou depois que a Procissão passa, as pessoas perguntam e o que que é isso o que que é aquilo, como é que é como é que não é então...” [A.C.-07].

Todos os informantes até aqui consideram relevante a informação sobre a mídia e os turistas presentes no evento da Procissão das Almas, tornando fato manifesto o grande interesse dos mesmos sobre o que acontece na cidade nesse dia. O reconhecer a importância do outro, da visão do que veio de fora sobre o que acontece em seu meio social, em sua comunidade, ou

seja, em seu contexto cognitivo parece ser algo importante de ser enunciado para legitimar o valor do evento. Para a Semiolinguística de Charaudeau (2009, p. 321), isso se dá porque “cada um dos parceiros da troca está engajado num processo recíproco (mas não simétrico) de reconhecimento do outro e de diferenciação para com o outro, cada um se legitimando e legitimando o outro através de uma espécie de “olhar avaliador” - o que permite dizer que a identidade se constrói através de um cruzamento de olhares : ‘existe o outro e existo eu, e é do outro que recebo o eu’”.

Analisando pelo viés da TR, um comunicador que tenha a intenção de ver o seu enunciado interpretado de um modo especial tem de ter também a expectativa de o ouvinte ser capaz de ativar um contexto que lhe permita recuperar essa interpretação. Se o contexto visualizado pelo comunicador não condiz com aquele que é utilizado realmente pelo ouvinte, poderá daí resultar um equívoco (SPERBER; WILSON, 2001). Deste modo, ao enunciar como efeito ostensivo a presença da mídia no evento, como, por exemplo, em

“tropeça em repórter” [H.S.-10],

o comunicador sabe que para o ouvinte - sendo um entrevistador-, existe como fato manifesto que algo que chame a atenção da mídia de outros lugares é algo importante, algo relevante e que mereça ser processado como digno de valor de verdade. Daí a relevância de destacar a participação midiática na cobertura da Procissão das Almas em Mariana. Aqui se pode destacar uma ambiguidade no discurso dos informantes – por um lado, o evento não depende da mídia para acontecer, tem um valor intrínseco como manifestação cultural local legítima; por outro lado, a mídia, ao divulgar o evento em outros lugares, o reforça e legitima.

A informante S.S., apesar de ser apenas espectadora do evento- não participando na encenação da Procissão- também marca em seu enunciado o fato de várias mídias divulgarem o evento:

“Acompanha, tira footo, divulga inclusive em jornal, você vê alguns repórteres aí provavelmente isso vai passar amanhã... é na CULTURA que é uma televisão aqui regional ee no MGTV também que é da GLOBO, ALTEROSA pode mostrar alguma coisa depois...” [S.S.-05].

5º. Item temático: A visão dos informantes sobre a relação entre religião/religiosidade e a Procissão das Almas

Charaudeau (2009) fala dos imaginários socio-discursivos, que se trata basicamente do lugar onde se estruturam as diversas representações sociais que são construídas pelo dizer que circula pelos grupos sociais, sendo resultantes de saberes de crença, de experiência e de erudição diferentes, que se misturam. Não há como distinguir claramente as dimensões das representações, estando estas na ordem cultural, societal, comunitária ou grupal, e exigindo competência semântica do sujeito que, inserido em determinado quadro sociocomunicacional, será induzido pelos dispositivos de troca quanto a maneira de se comportar através da linguagem.

O sujeito, mergulhado nos imaginários, vai proceder à organização de seu discurso de modo a construir para si uma identidade um tanto quanto “individualizada” (CHARAUDEAU, op. cit.). Ainda no campo das representações, estabelece-se uma comparação entre o conceito dos imaginários sócio-discursivos de Charaudeau (op. cit.) e o conceito de *contexto*, explorado pela TR, que é, de acordo com Sperber e Wilson, “uma construção psicológica formada por um subconjunto das suposições que o ouvinte tem do mundo” (SPERBER; WILSON, 2001, p. 45-46). São estas suposições que influem na interpretação de um enunciado. Assim, o contexto não se limita às informações relativas ao ambiente físico imediato ou aos enunciados anteriores, mas também às expectativas sobre o futuro, as crenças religiosas, as hipóteses científicas, a cultura geral e as opiniões sobre o estado mental do comunicador podem ser valiosas para a interpretação (SPERBER; WILSON, 2005).

Os conceitos que são dominados pelos sujeitos de um determinado contexto e manifestados por eles através de um processo de simbiose, resultam de experiências vivenciadas no meio circundante, conforme afirma Schlickmann (2002), que chama a atenção para o que dizem Sperber e Wilson (2001), sobre o fato de que ter efeitos contextuais é condição necessária para a relevância e que, quanto maiores forem, maior a relevância. O contexto cultural da cidade de Mariana- MG é tradicionalmente católico, e, assim, os efeitos contextuais visados nas construções enunciativas dos informantes se voltam para a evidência das marcas católicas em suas vivências e modo de percepção dos fatos, sendo possível apreender com nitidez a

influência do catolicismo nas falas acerca da Procissão das Almas, seja por crença, ou por intenção de persuadir o ouvinte.

G.F. faz questão de tornar relevante a informação de pertencer a religião católica:

“por mais que eu seja CATÓLICA... não tenho restrições com outras religiões”(...) [G.F.10].

A informante ainda considera relevante esclarecer que a Procissão não faz parte da tradição católica na cidade, apesar de ser encenada em meio às festividades da Semana Santa:

“Ela não está ligada diretamente COM a Igreja, então muitas pessoas confundem isso, acham que como essa Procissão é encenada na sexta feira da Quaresma, então que é uma Procissão católica e na verdade não é porque essa cultura... ela é até vista assim...” [G.F.-11].

E enfatiza que há muitos católicos que não aprovam a Procissão:

“se você for olhar um católico mais ortodoxo olha até de lado, ‘aaah que isso Procissão de assombração tá fazendo uma brincadeira com a religião’... [G.F.-12].

G.F. finaliza ressaltando a identidade social de Mariana quanto à religiosidade, atribuindo uma origem católica à cidade e justificando ser por esse catolicismo muito presente que muitos erroneamente (segundo ela) acreditam ser a Procissão um evento católico:

“e o interessante é que a cidade é uma cidade assim de origem CATÓLICA, essa Procissão ela se confunde muito com... a religião” [G.F.-13].

A informante H.S. também faz questão de frisar que a Procissão não tem vínculo com a Igreja:

“porque a Igreja não aprova não, ela não considera nada que é superstição, então, e nós encenamos justamente na Semana Santa, então a Igreja não concorda não” [H.S.-11].

Mas percebe-se em seus enunciados, ao contar a lenda, por exemplo, uma relevância moral com relação às práticas tipicamente católicas:

“então nós colocamos essa lenda, que se chama Mulher da Pena, que é uma lenda similar também, que fala realmente das pessoas que cometeram graves erros, e que confessaram-se, mas não cumpriram a pena imposta pela Igreja. Todas as duas lendas falam a mesma coisa” [H.S.-12].

Nesse enunciado, percebe-se: ao enfatizar a palavra *realmente*, a informante H.S. parece de fato acreditar na existência dessas pessoas que cometem *graves erros*, se confessam, mas não cumprem a pena imposta pela Igreja. Quanto a essa denominação, *graves erros*, o comunicador parece se referir a pecados, e mostra considerar que erros classificados por ela como graves, sérios, merecem confissão e penitência - o que é uma demonstração de relevância moral das práticas religiosas em Mariana. Outro exemplo se encontra no seguinte enunciado, quando ela explica a relação entre o que se conta na lenda e o que a Igreja ensina:

“ a Igreja tem isso, né... você não pode morrer sem cumprir suas penas, né, senão você vai ficar vagando...” [H.S.-13].

A informante H.S. tem a intenção de destacar valores morais relacionados à religiosidade ao acrescentar, em sua recontagem, falas que remetem a isso (acrescenta uma fala à personagem da lenda com a intenção de mostrar seu próprio valor moral):

“falou assim aí tá vendo? Tá ensinando o povo que deve ser BOM na vida pra na MORTE, né, ter tudo pra oferecer a Deus” [H.S.-14]

Ainda em relação aos enunciados de H.S., nota-se uma ligação respeitosa entre os rituais da Procissão e os rituais católicos, por exemplo, quando a informante canta o *Agnus-dei* e traduz em seguida, explicando como ocorre o evento:

“Cordeiro de Deus que tirais os pecados do mundo, tende piedade de nós, tende compaixão de nós... então, nós vamos rezando, paramos em TODAS AS IGREJAS e, ora rezamos em frente ao cemitério das Igrejas ora em frente a própria Igreja” [H.S.-15].

O catolicismo se mostra muito presente em muitos enunciados de H.S., mesmo colocando a Igreja Católica na posição de outro:

“nós respeitamos DEMAIS a Igreja... QUALQUER Igreja, né, especialmente a católica” [H.S.-16].

E faz questão de destacar que outras Igrejas (“que não são católicas”) são “esquisitas” por não respeitarem o evento da Procissão das Almas, como no enunciado:

“... aí a partir daí a gente pede proteção policial porque há umas Igrejas que são esquisitas, né, então... UMA Igreja QUE NÃO É A CATÓLICA, não sei qual é o nome dela, ela... os JOVENS dela fizeram um rebuliço bom, mas nós saímos assim mesmo (...) a gente não toma conhecimento da ignorância não, a gente vai” [H.S.-17].

Percebe-se nesse enunciado um processo de rejeição a outras Igrejas, e a diferenciação notada, mesmo que necessária, constitui para o sujeito uma ameaça, de acordo com Charaudeau (2009), e por isso a percepção do diferente vem acompanhada de um julgamento negativo. Esse julgamento negativo, se endurecido, se torna um estereótipo: Igrejas que não nos aceitam são ignorantes, Igrejas não-católicas são ignorantes e não merecem atenção, pois têm outros valores e hábitos que divergem dos meus. “O estereótipo tem principalmente uma função de proteção, constituindo uma arma de defesa contra a ameaça que o outro, pela sua diferença, representa para o eu”. (CHARAUDEAU, op. cit., p. 321)

O informante A.C., ao ser indagado se a cidade é religiosa, também enfatiza o caráter religioso de Mariana, buscando justificativa para tal em fatos históricos:

“MUITO religiosa. Nasceu assim. (...) tanto que, não demorou muito ela foi escolhida pra ser a Sede do Bispado. Se ela não tivesse as qualidades para tal... naturalmente eles teriam ou esperado uma outra ou escolhido uma outra cidade para isso. (...) porque ela é predestinada pra ser a primeira” [A.C.-08].

Ao ser perguntado sobre o significado da religião para si, ele coloca a religião como algo primordial, norteador do homem, devendo fazer parte de sua identidade:

“a religião pra mim é algo que a pessoa não pode deixar de ter, e, geralmente não deixa de ter porque... como somos pessoas limitadas, mais inteligentes ou menos inteligentes nós sabemos que... nós não perecemos do nada e... que algum ser superior deu início a tudo isso, da melhor maneira possível” [A.C.-09].

E sobre a atual tradição religiosa na cidade, A.C. se posiciona como um aspirante de que tal religiosidade fosse ainda mais marcante. Mostra assim, sua identificação com os preceitos da religião que segue, no caso, a católica:

“é eu gostaria que fosse AINDA MAIS. Não fanático mas... realmente... conhecedores e que valorizassem a cada fato da nossa história... a gente sabe que ela não é toda brilhante como nenhum ser humano é perfeito mas... a gente passando uma borrachinha nos fatos negativos nossa história é bem gloriosa” [A.C.-10].

No trecho **“a gente passando uma borrachinha nos fatos negativos nossa história é bem gloriosa” [A.C.-10]**, o informante não nega as falhas de sua religião, mas mostra o desejo de que os erros da Igreja no passado fossem esquecidos para que se exaltasse apenas seu lado

positivo, marcando uma identidade que a legitimasse como de fato A.C. acredita ser: “gloriosa”.

No enunciado da informante M.M. nota-se a importância de também evidenciar o catolicismo como sua opção religiosa e a relação feita por ela entre religião e valor moral:

“não sou assim de ficar na Igreja todos os dias mas fui criada no catolicismo...então, procuro seguir nossos mandamentos. .. acho também que os nossos mandamentos são preceitos de vida, que o homem deveria ter naturalmente, porque são PRECEITOS QUE LEVAM À JUSTIÇA” [M.M.-05].

E ao ser indagada sobre a possível intenção de a lenda passar algum valor religioso, M.M. afirma que sim e cita exemplos de fiéis que acreditam na Procissão como oportunidade de alcançar graças e milagres:

“PASSA, ELA PASSA. Este ano nós tivemos algumas pessoas nos acompanhando, que diziam que estavam cumprindo uma promessa... umas duas ou três pessoas, falaram conosco que estavam ali cumprindo uma promessa, que no ANO PASSADO fizeram uma promessa pras ALMAS DA PROCISSÃO DAS ALMAS. E conseguiram as graças. Inclusive teve um senhor que falou (...) que: hoje eu estou acompanhando a Procissão ANDANDO, no ano passado no dia dela eu não andava. Então assim são coisas que a mente da pessoa né, trabalha... muito pra preservar a própria vida” [M.M.-06].

Nota-se no enunciado dos informantes que, apesar de garantirem que o evento não possui relação com a religião católica, todos enfatizam o catolicismo de maneira respeitosa, incluindo até mesmo elementos católicos (canções, padre, Igreja, ato de confissão) em suas recontagens. Seria uma adequação à identidade social da cidade da qual fazem parte? Existe, portanto, de acordo com a TR, uma manifestação mútua da importância do catolicismo para a cidade de Mariana, por toda a tradição católica da comunidade. Há inclusive o turismo religioso, e a religião também atrai a mídia ao local; deste modo, ainda que não sejam católicos ou não estejam engajados na Igreja Católica, os informantes ressaltam o respeito e o valor atribuído ao catolicismo. Martins Nogueira (2004) afirma que a autoridade conferida pela posição do sujeito na estrutura social não seria algo válido, indiscriminadamente, em qualquer situação de comunicação e nem legitimaria qualquer projeto de fala. A autoridade decorrente da identidade e das posições ocupadas pelo sujeito comunicante na estrutura social torna-se mais ou menos relevante, portanto, dependendo da situação de comunicação e do projeto específico de fala do sujeito.

Os informantes e participantes da Procissão das Almas se valem, portanto, do fato manifesto da grande tradição religiosa católica da cidade de Mariana para utilizarem, em seus enunciados, implicaturas e ostensividade que dizem respeito ao catolicismo, para assim então conseguirem chamar a atenção dos espectadores e conduzir à aceitação do evento pela comunidade marianense, pois num ato comunicativo, assim, como defendem Sperber e Wilson (2001), o ouvinte apenas presta atenção ao que lhe parece relevante, a seleção contextual é guiada pela busca da relevância no processamento da informação, e os participantes e colaboradores do evento da Procissão das Almas pretendem tornar manifesto no ambiente cognitivo do cidadão marianense e demais espectadores da Procissão que o evento possui profundo respeito às tradições católicas. O que o informante (comunicador) pretende é que o ouvinte realize a inferência da Procissão como algo respeitoso, que não afronte qualquer tradição religiosa da cidade, mas que, pelo contrário, chame a atenção para os valores morais pregados pela Igreja. Um informante (comunicador), para tornar forte sua suposição e conseguir uma comunicação efetiva (no caso, para conseguir o apoio da comunidade ao evento que de alguma forma adere), precisa saber que uma suposição não é relevante por si mesma, sendo considerada com relação à situação de comunicação específica.

Assim, para conseguir provocar uma manifestação mútua em seu ambiente comunicacional, precisa se utilizar de estímulos ostensivos que tornem a informação relevante para seu ouvinte. Como se sabe, um falante ou comunicador tem a possibilidade de desencadear alguns processos cognitivos na audiência, oferecendo um estímulo na esperança de que provoque uma modificação em seu entorno cognitivo (SCHLICKMANN, 2002).

Charaudeau enxerga esse processo indo um pouco mais além: fazendo uma passagem equilibrada entre os planos macro e microssociais. Para o autor, não basta que exista uma adequação entre a localização macroestrutural do sujeito (com os atributos daí decorrentes) e as circunstâncias e objetivos de sua atuação, mas é preciso que tais atributos sejam reconhecidos pelos sujeitos destinatários para que se tornem operantes, e tal reconhecimento ocorre justamente dentro do encontro linguageiro, pela interação e avaliação mútua dos interlocutores. Charaudeau acentua que não se passa de forma mecânica das estruturas sociais para as ações dos sujeitos. Apenas parte dos determinantes macroestruturais é relevante em cada situação de comunicação, e mesmo assim, apenas se torna operante a partir de um

trabalho social e linguístico simultâneo, de reconhecimento de sua significação pelos interlocutores (MARTINS NOGUEIRA, 2004).

6º. Item temático: Crenças e valores morais presentes nos enunciados dos informantes

A imagem de si construída durante o discurso e no discurso participa da influência, do agir sobre o outro. Amossy (2005, p. 11), lembrando os componentes da antiga retórica, diz que Roland Barthes define o *ethos* como “os traços de caráter que o orador deve mostrar ao auditório (pouco importando sua sinceridade) para causar boa impressão: é o seu jeito [...]. O orador enuncia uma informação e ao mesmo tempo diz: sou isto, não sou aquilo”. O autor retoma assim as ideias de Aristóteles, que afirmava em sua Retórica que o discurso deve quase todo seu poder de persuasão ao caráter moral. Nos enunciados dos informantes H.S., G.F. e M.M., detecta-se a relevância moral da lenda e do evento da Procissão para si mesmos quando declaram o sentido da história contada como relacionado à lição de não fofocar. Os informantes se referem ao personagem da lenda como alguém muito fofoqueiro e que, por isso, merecia uma punição.

Desencadeia-se, pois, o processo do qual já se falou acima, de atração e de rejeição em relação ao outro, mobilizando uma busca da compreensão do outro, não para aceitar o outro, mas para domínio do outro (CHARAUDEAU, 2009).

Ao analisar os enunciados dos informantes desta pesquisa, percebe-se que o enredo da narrativa construída pelos informantes constitui-se pelas crenças, fatos e ideias que permeiam seu ambiente cognitivo, de maneira sequencial e progressiva, formando incidentes, enfrentamentos, episódios, oposições e conjuntos de ações encadeadas numa relação causa-consequência, em que os personagens, reais ou fictícios, motivados por conflitos, interesses e paixões, se opõem mutuamente de forma a produzir no ouvinte um efeito cognitivo de fundo moral. Daí que a sequencialidade da narração da Lenda e das justificativas para valorização do evento na cidade de Mariana vão gerando no ouvinte expectativas de interpretação sobre “como é que essa história vai acabar?”. Em todas as recontagens, percebe-se a inserção de conteúdos morais relacionados a castigo pela fofoca e penitência a ser cumprida, sendo que o desfecho é realizado por todos com uma punição pelo erro da fofoca, da curiosidade com a vida alheia. Cognitivamente a interpretação da Lenda da Procissão das Almas se dá da

seguinte maneira: primeiramente há, por parte do ouvinte, uma especulação mental sobre o desenvolvimento psicológico e informativo da narrativa, ou seja, a mente do ouvinte vai construindo expectativas e fazendo previsões lógicas à medida que a Lenda vai sendo narrada.

Há, portanto, nesse contexto, uma comunicação inferencial, em que o comunicador cria expectativas de relevância ótima e o objetivo do ouvinte é criar uma interpretação que satisfaça essa expectativa de relevância ótima. O comunicador faz o possível para criar evidências (efeitos ostensivos) com a finalidade de que seu ouvinte consiga inferir justamente a mensagem intencionada pelo primeiro.

A informante G.F., ao ser indagada sobre o que é religião, se declara uma pessoa religiosa e fala sobre o significado disso, relacionando a religiosidade com práticas e valores aprendidos nas relações familiares, dentro de casa. Há um construto psicológico que busca despertar no ouvinte os sentidos do bem e do mal para a informante, que retrata tais sentidos em seu enunciado, declarando assim a relevância de construir boas vivências através da prática do bem, para alcançar o engrandecimento como ser humano:

“... acreditar no ser superior (...) e sempre procurar fazer as coisas de acordo com esses valores que você acredita, não pensando somente numa religião específica mas... é aquilo que a gente aprende mesmo DENTRO DE CASA, né, fazer o bem pra receber o bem, não pagar se você recebe o mal não pagar com o mal também, né... pensando nisso assim de ser umaaaa pessoa melhor, aprender com aquilo que a gente vive, acreditar que através do sofrimento também... que a gente aprende MAIS, queee essa passagem da gente aqui na terra, é mesmo de aprendizagem, pra se tornar uma pessoa umaaaa...é um engrandecimento mesmo da ALMA, né, eu acredito mais nisso (...) [G.F.-14].

G.F. diz que a lenda chamou sua atenção pela associação com histórias que ouvia na infância:

“justamente porque, como fala assim, de dentro da cidade, fala da Procissão e fala de assombração, na época eu achei muito interessante porque eu lembro da... eu com/ fic/ na hora que eu tava lendo, eu pensava nas histórias que a minha vó contava pra mim na minha infância, justamente por exemplo de como que era... é guardado esse período de Quaresma, e que na Quaresma, os avós os pais contavam muitas histórias de assombração, de daa... de não poder ir pro baile porque ia acontecer alguma coisa...” [G.F.-15].

E questionada sobre acreditar ou não na lenda, ela relata:

“quando ela me contava eu sempre ficava naquela dúvida, né, porque quem conta uma história com convicção, faz você acreditar ah será? Isso é possível de ter acontecido (...) [G.F.-16].

E revela que conseguia muitas vezes compreender a intenção da avó ao lhe contar algumas histórias em determinada época do ano:

“então chegava determinadas épocas que eu já sabia assim, que algumas histórias ela ia me contar de novo (...) mas eu confesso que no dia que eu li pela primeira vez, que foi à noite, mesmo eu tendo lá o quê uns dezenove vinte anos eu ficava pensando assim: aah não sei, não vou pagar pra ver se isso acontecer mesmo não” (risos) [G.F.-17].

G.F. afirma não saber se a lenda surgiu a partir de um fato verdadeiro, havendo, portanto, em seu enunciado um questionamento sobre a narrativa e ao mesmo tempo a intenção de clarear que não foi ela que inventou a história, deixando porém implícito, -através de palavras como <dizem>, <as pessoas>, o conhecimento da Lenda por muitas pessoas.

“Então é assim a história que dizem que ééé, que foi uma mulher mesmo que morou lá no bairro São Gonçalo, que era muito futriqueira, então essa história as pessoas ficam sem saber se existiu ou não essa velha fofqueira aí né” [G.F.-18].

A informante G.F. explicita, ao final de sua fala, a moral da história de acordo com suas crenças:

“PRA QUÊ CUIDAR DA VIDA ALHEIA, NÉ? Éee, cada um cuidando da sua vida, né, se preocupando consigo mesmo, se você quer se preocupar com alguém é pra fazer o BEM e não pra ficar, ééé jogando boatos ao vento, né” [G.F.-19].

E ainda sobre a questão moral, enfatiza a intenção de ensinar através do ato de contar histórias, intenção essa que em sua opinião ficou no passado, não condizente com a realidade atual:

“HOJE, quando as pessoas contam, é mais assim porque... ouviu, gostou, e quer PASSAR adiante... né, outros porque hoje, como as pessoas já sabem que existe essa ENCENAÇÃO da Procissão, se vão contar essa história é porque já foram, já assistiram, né, são crianças que vão lá, comentam em casa e vai passando de boca em boca... mas ANTES eu acho que era assim pelo prazer de contar histórias mesmo, e ENSINAR também através da história, porque as lendas mesmo elas têm esse... esse fundo moral né... por exemplo, por que a Procissão à noite, e aí vem um ... um integrante da Procissão, entrega a vela e depois quando pede a vela pra velha fala assim “guarde a língua na boca”? Tem todo um FUNDO MORAL na história né, como nas fábulas também ... (...) agora, ATUALMENTE, eu acho que assim... as pessoas gostam de falar daquilo que sabem, não tanto mais com essa questão de ensinar que isso ficou agora, muito transferido mesmo pra escola né... nem sei se tem muitas famílias contando histórias pros seus filhos não, tendo esses MOMENTOS assim não...” [G.F.-20].

H.S. diz que a Procissão é educativa, o que implicitamente reforça um lado positivo da realização da Procissão na cidade, o que lhe é relevante e por isso mesmo constantemente defendido pela mesma:

“eles achavam que era zombaria MAS NÃO É, é uma preservação e ATÉ EDUCATIVA... né?” [H.S.-18].

A informante acredita e/ou tenta provocar no ouvinte a crença de que a Procissão deve ser vista como um ato de democracia para dar voz ao povo:

“Olha pra mim é uma preservação da tradição e da cultura de Mariana, e do folclore... da terra, e é também uma forma... de o povo... ter VOZ uma vez ou outra, porque é a voz do povo, a Procissão é a voz do povo... então o ato MAIS DEMOCRÁTICO que nós podemos fazer é esse, todo mundo dá opinião...” [H.S.-03c].

A mesma informante utiliza-se de juízo de valor para se referir às mulheres que frequentam Igrejas, inserindo em sua recontagem uma crença própria, explicitando o que a TR denomina atitude proposicional:

“nós chamamos de baratas da Igreja essas mulheres que não saem da Igreja pra nada” [H.S.-19].

Ao referir-se a “nós”, a informante informa ao receptor que a suposição contextual aqui exposta (baratas da Igreja) é manifestação mútua entre outras pessoas na cidade. A intenção de criticar as pessoas ditas “beatas” e provocar assim uma modificação ou atualização do conceito de beata para o receptor é manifesta nesse enunciado. Vemos o mesmo caso logo adiante:

“mas a barata da Igreja ficou louca, ela começou a tecer maledicências, conversar fiado com o nome da moça, falar impróprios...” [H.S.-20].

É possível observar nesse trecho efeitos ostensivos para explicatura da personagem como fofqueira. Aqui a informante, como realizado por todos os outros informantes, ilustra o estereótipo de fofqueira em seu enunciado. A diferença percebida causa rejeição, pois é, para o sujeito, uma ameaça. Torna-se, para o sujeito, insuportável aceitar outros valores, normas e hábitos. A generalização desse julgamento negativo, como já visto, é caracterizada por Charaudeau (2009, p. 322) como “estereótipo”, que funciona então como arma de defesa contra a ameaça que o outro representa para o eu. Conforme a TR, o que está contido nesses enunciados sobre a personagem fofqueira é denominado *atitude proposicional*, que está relacionado ao juízo de valor, seja em relação a coisas, fenômenos, pessoas, entre outros:

nesse caso, a narradora apresenta uma série de características da personagem a fim de constituí-la como moralmente inferior, merecedora de descrédito e despreço por parte do ouvinte. No que se refere à construção de uma referência de alteridade, vemos que o demérito é uma estratégia ostensiva recorrente nesse caso, produzindo o efeito de atitude proposicional negativa em relação ao outro.

Ainda com relação ao enunciado de H.S., existem trechos da recontagem onde ela acrescenta falas que remetem às suas crenças e direciona o ouvinte quanto ao modo como ele precisa enxergar:

“ela continuou na janela, teimosa lá na janela, né” [H.S.-21].

O adjetivo teimosa tem um efeito ostensivo para orientar o receptor quanto a como ele deve enxergar a atitude da personagem da lenda por ficar na janela observando - uma atitude de teimosia, de desobediência às regras impostas pela sociedade marianense da época. Outros trechos onde o informante induz o ouvinte a uma crença, durante a recontagem da Lenda da Procissão das Almas, são os seguintes:

“Segundo esta lenda, havia uma mulher aqui em Mariana muuuito faladeira, então havia até uma, uma brincadeira na cidade, que, ela, quando ela morresse, a língua ia numa carreta e, e o corpo numa caixa de fósforos, porque ela era miudinha, mas ela era faladeira demais, então ela cuidava da vida de todo mundo” [H.S.-22].

Aqui evidencia-se a noção de carnavalização do discurso, através do qual a informante cria uma figura caricaturesca para a personagem descrita. Da perspectiva discursiva, ela cria a imagem do outro, ou daquele que quer criticar, através da ampliação dos supostos defeitos morais, sempre fazendo o jogo de identidade versus alteridade, visando envolver ou engajar o ouvinte na perspectiva moral veiculada pela enunciação. Da perspectiva da TR, os recursos pleonásticos, remetem a um aumento na possibilidade de produção de efeitos contextuais, uma vez que a estratégia ostensiva de exagerar nas características da personagem, apesar de reduzirem a possibilidade de verossimilhança entre o narrado e um mundo possível, aumentam o caráter humorístico (carnavalizado) da narrativa. Nesse aspecto, talvez haja então, apenas a intenção de explorar mais elementos supostamente morais presentes na comunidade marianense – tipicamente católica-, de modo a carnavalizar e até mesmo criticar o comportamento dos católicos mais fervorosos. Através do enunciado de outros informantes,

pode se tornar mais claro se há ou não uma intenção de defender alguns preceitos como confessar-se e não fazer fofocas, na prática da recontagem ou na realização da Procissão.

A mesma informante ainda enuncia, com a mesma intenção de carnavalizar o discurso provocando efeitos ostensivos:

“ela ouviu um grito HORRÍVEL”, “mulher, a noite é dos mortos” [H.S.-23],

e ao referir-se à punição recebida pela mulher fofoqueira retratada na recontagem da Lenda:

“mas não tinha jeito ela morreu (...) [H.S.-24].

Aqui, observa-se a intenção de provocar medo no receptor ou justificar o medo da personagem da lenda, gerando um estímulo ostensivo de que o que virá durante a recontagem a partir desse momento será uma informação de suspense, ou seja, a utilização desses recursos discursivos funcionam como mecanismo de ostensão – em termos de relevância, há, quando se produz um estímulo mais ostensivo, a promessa de maior relação de relevância sobre os efeitos contextuais a serem produzidos a partir de então.

H.S. continua seu discurso inserindo na recontagem alegorias que se relacionam às presentes na encenação da Procissão das Almas na cidade através da inserção dos seguintes elementos em seu enunciado durante o ato de recontagem da Lenda:

“Ela viu uma cruz negra uns véus negros também (...) e ela viu que as duas primeiras figuras do lado tinham uma caveira na mão” [H.S.-25]. (...) “falou assim aí tá vendo? Tá ensinando o povo que deve ser BOM na vida pra na MORTE, né, ter tudo pra oferecer a Deus” [H.S.-26].

Nesse excerto, a informante acrescenta uma fala à personagem da lenda com a intenção de mostrar seu próprio valor moral, destacando suas crenças.

As emoções vinculam-se aos saberes e crenças em comum e se inserem em uma problemática da representação psicossocial, conforme afirma Charaudeau (2000). Deste modo, são entendidas dentro da identificação de determinados objetos e partilhadas por um grupo social, se ligando à crença ao fazer parte do conhecimento que o sujeito detém a partir das informações recebidas, experiências e valores que insere na realidade que constrói. Nos enunciados presentes nesta pesquisa, percebe-se que, assim como afirmado por Charaudeau (2007, p. 245), existem estratégias discursivas utilizadas pelos informantes (comunicadores),

que visam tocar as emoções do ouvinte de modo a seduzir ou fazer medo, estabelecendo um processo de dramatização para provocar a adesão passional do outro por atingir suas pulsões emocionais.

A informante reproduz um canto que dizia fazer parte da Procissão das Almas contada na lenda:

“reza mais, reza mais, reza mais uma oração” [H.S.-27].

Observam-se aí os seguintes efeitos ostensivos: repete-se muitas vezes a ordem **“reza mais”** nessa música cantada pela informante, da qual se pode inferir a seguinte implicatura: valoriza-se a conduta moral religiosa de rezar muito. Além disso, a informante, que, antes de iniciar a recontagem da lenda, introduziu sua fala apresentando como se dá o evento da Procissão das Almas, enfatizou durante essa apresentação o fato de ter pesquisado os cantos que são utilizados no evento, mostrando assim que é realmente conhecedora da origem histórica dos cantos. Com isso, procurou reforçar o valor de verdade ou suposta plausibilidade dos seus enunciados. Deste modo, conduziu à produção de mais efeitos cognitivos ou, pelo menos, efeitos cognitivos com valor de verdade mais forte. Isso porque, do ponto de vista semiolinguístico, a credibilidade é uma estratégia discursiva que “está ligada à necessidade, para o sujeito falante, de que se acredite nele, tanto no valor de verdade de suas asserções, quanto no que ele pensa realmente, ou seja, em sua sinceridade” (CHARAUDEAU, 2009b, p. 324). O sujeito falante deve defender uma imagem de si mesmo (um “ethos”) que lhe permita, estrategicamente, responder à questão: “como fazer para ser levado a sério?” (CHARAUDEAU, 2009b, p. 324).

A informante M.M. acredita na recontagem da Lenda da Procissão das Almas com a finalidade de educar, ensinando os ouvintes a não praticar fofoca:

“e, a lenda do Miserere, segundo o professor Waldemar de Moura Santos, que foi quem registrou essa história, ela é, era, das mais contadas nas casas, talvez até, pra ter assim um... um objetivo educacional... para que a gente NÃO FIZESSE FOFOCA, pra que não se comentasse a vida alheia” [M.M.-07].

Durante sua recontagem da lenda, M.M., -assim como G.F. e H.S.-, inclui sua crença sobre a existência de punição aos curiosos e fofoqueiros que gostam de saber da vida alheia:

“mas isso serviu de lição pra ela né, que não pode tomar conta da vida dos outros. E É ISSO É QUE A GENTE RETRATA NA PROCISSÃO DAS ALMAS” [M.M.-08].

M.M. diz que a lenda não atua como alerta para as mudanças de comportamento social na cidade, mas diz que com a divulgação e encenação da Lenda nas escolas, tem se alcançado mais respeito por parte dos estudantes:

“NÃO. NÃO CHAMA A ATENÇÃO MAS TEM ALGUMAS REPERCUSSÕES BOAS. POR EXEMPLO, HOJE ela é muito encenada nas escolas de Mariana, eee... então isso tem nos ajudado a ter um pouco mais de RESPEITO dos estudantes. (...) Quando eles chegam a entender o que que é, e que não é um simples teatro, então eles passam a nos respeitar mais, a respeitar a Procissão, a respeitar o grupo que luta pela cultura” [M.M.-09].

O informante A.C. em seu enunciado afirma veementemente não acreditar:

“não que eu acredite que essa Procissão acontece mas eu acredito nas pessoas inspiradas, se essa... Procissão se ela não acontece à revelia dos nossos olhos, porque alma É ALMA, né e não se vê se ela não acontece pelo menos é bem representada” [A.C.-11].

A informante S.S. não acredita na história contada através da Lenda, atribuindo apenas valor cultural ao evento:

“é uma lenda apenas. Eu não acredito não. É uma coisa mais cultural mesmo” [S.S.-07].

Em sua recontagem, S.S. (que, diferentemente dos outros, não é um indivíduo pertencente à religião católica, e sim ao espiritismo, não remete à punição como fizeram os outros informantes, mas retrata sua crença em seu enunciado, atribuindo a realização da Procissão a um pedido das almas:

“aí ela levou esse caso pro padre e o padre então... falou, né que era pra REALIZAR essa Procissão que pode ter sido assim um pedido das almas, principalmente das almas que tavam assim mais atormentadas de que fosse feito mais oração pra elas. A história que eu sei é essa” [S.S.-08].

A informante, ao ser questionada sobre a possível mensagem que pode ser passada através da Lenda e sua encenação, discorda e declara não enxergar uma intenção de passar qualquer mensagem através da encenação, sendo portanto, para ela apenas uma manifestação cultural:

“não eu acho que é uma coisa mais cultural mesmo, de raííz assim, de preservação de cultura mesmo, de PASSADO, né, dos antepassados” [S.S.-09].

O sujeito é legitimado pelo processo de reconhecimento de si por outros sujeitos, em nome de um valor que é aceito por todos. De acordo com Charaudeau (2009 op. cit.), a legitimidade vai depender de normas institucionais que vão regendo cada domínio de prática social e atribuindo funções e papéis aos indivíduos acometidos por tais normas. A identidade social é então reconhecida/atribuída em nome de um saber reconhecido pela performance do indivíduo, pela posição de poder por filiação (ser bem nascido) ou por eleição/condecoração. A identidade pode advir ainda de uma posição de testemunha, por ter vivido o acontecimento ou ter se engajado, e é por isso que os informantes ressaltam a informação e tornam relevante o fato de terem uma ligação cultural, tradicional e/ou familiar com o evento/Lenda da Procissão das Almas em Mariana- MG.

Outros itens retirados dos enunciados dos informantes desta pesquisa:

Observe-se outro trecho do enunciado da informante H.S.:

“às nove horas aquele sino batia, e as pessoas não podiam ficar na rua. Chamava sino de correr ou de recolher, então ninguém podia ficar na rua. Não tinha ninguém a passar na rua. E as pessoas que passassem eram presas pela milícia lá, da Colônia, né” [H.S.-28].

Aqui a informante H.S. produz efeitos ostensivos por repetição: **“não podiam ficar na rua” [H.S.-28]**. Nesse trecho há uma explicatura que demonstra a identidade social da cidade de Mariana, o ambiente situacional e cognitivo a partir do qual a informante desenvolve a recontagem da lenda, mais uma vez contextualizando sua narrativa para que o receptor compreenda o enunciado e seja capaz de compreender os conceitos abordados na recontagem. O comunicador (informante H.S.) explica a história da cidade na época do suposto ocorrido, contextualiza-a para seu receptor, introduzindo elementos históricos, podendo produzir neste receptor uma pressuposição de verdade sobre o que se conta. Cria no receptor uma modificação ou atualização de seu ambiente cognitivo, de seus conceitos sobre a identidade da cidade de Mariana: cidade cheia de regras de boa conduta, rígida, que prega(va) o recolhimento entre seus habitantes. Ao enunciar um comportamento justificado como comum na época das milícias, da Colônia, infere-se que o acontecimento retratado na lenda data de meados do século XVIII até o XIX, referindo-se a um costume da época que representa a identidade da sociedade no período. Talvez haja a intenção de ainda fazerem destacar-se

valores que permanecem para esse falante, e que, por isso, o mesmo ainda destaca o caráter de recolhimento e reserva presente na identidade social da época, ou, ao contrário, pode ser mesmo uma crítica ao sistema que reprimia e limitava a liberdade das pessoas.

Vê-se neste exemplo que a identidade do sujeito comunicante inclui dados biológicos, dados psicossociais atribuídos ao sujeito (“somos o que dizem que somos”), dados construídos por nosso próprio comportamento (“somos o que pretendemos ser”). Entretanto, Charaudeau (op. cit.) afirma que,

como do ponto de vista da significação, os dados biológicos adquirem as significações que os grupos sociais lhes atribuem, pode-se reduzir estes componentes a dois: o que, por comodidade, é chamado de *identidade social* e o que é chamado de *identidade discursiva* (CHARAUDEAU, op. cit., p. 390).

Os exemplos acima nos mostram que, se por um lado o possível efeito de influência da identidade social não está inteiramente dado por antecipação, não podendo explicar a significação do discurso em sua totalidade, por outro lado, é certo que não sendo o discurso apenas linguagem, sua significação vai depender também da identidade social de quem fala.

A identidade social é em parte determinada pela situação de comunicação: ela deve responder à questão que o sujeito falante tem em mente quando toma a palavra (CHARAUDEAU, op. cit., p. 322). Entretanto esta identidade social pode ser reconstruída, mascarada ou deslocada, como é o caso das recontagens de uma lenda, em que a realidade é mascarada ou reconstruída, mas permanece retratada em seus valores e crenças amplamente aceitos pela sociedade.

Para garantir a credibilidade em seu enunciado, o falante pode adotar atitudes discursivas diferentes, como as atitudes de neutralidade, em que o sujeito falante apenas discursa para constatar, relatar o que viu ou ouviu (CHARAUDEAU, op. cit.). Por exemplo, é possível perceber tal atitude de neutralidade na recontagem da Lenda quando a informante diz, ao iniciar a recontagem, o seguinte enunciado:

“Segundo esta lenda” [H.S.-29].

Este trecho mostra que não é a informante que diz por si mesma, mas que é algo que ela ouviu, testemunhando apenas o que já foi dito por outras pessoas e apagando, portanto, qualquer vestígio de julgamento ou avaliação pessoal. O termo *lenda* sugere que seja uma história de domínio público, e não inventada por ela.

Há também as atitudes de distanciamento, em que o sujeito discursa de forma fria como quem raciocina para explicar as causas do fato, comentar ou demonstrar, sem expressar sua opinião sobre o que se conta (CHARAUDEAU, op. cit.). Na recontagem da Lenda, tais atitudes podem ser utilizadas para explicar a ocorrência de algum fato pertinente ao que se narra, mostrando também a identidade social do local de propagação da narrativa. O informante H.S. utiliza por vezes essa atitude:

“E aqui em Mariana não sei se vocês já observaram ali na Câmara, há um relógio, há um sino e um relógio”. Às nove horas aquele sino batia, e as pessoas não podiam ficar na rua” [H.S.-28-b].

Charaudeau (op. cit.) designa ainda as atitudes de *engajamento*, que levam o sujeito, ao contrário do caso da neutralidade, a optar (de modo mais ou menos consciente) “por uma tomada de posição na escolha de argumentos ou de palavras, ou por uma modalização avaliativa trazida a seu discurso”. Na fala da informante H.S., pode-se perceber tal atitude de convicção quando ela diz, por exemplo:

“nós chamamos de baratas da Igreja essas mulheres que não saem da Igreja pra nada” [H.S.-19].

A partir da força de convicção do falante, que coloca a sua opinião sobre as mulheres que passam a maior parte do tempo na Igreja, há a expectativa de influenciar a opinião do ouvinte, mesmo que o que foi dito não seja propriamente a verdade. Pelo uso do “nós”, percebe-se a intenção do falante de deixar claro que várias pessoas têm a mesma opinião, o que pode significar a pretensão de criar -ou divulgar- uma representação da identidade social da comunidade de que faz parte.

Tais atitudes discursivas estão a serviço de uma atitude demonstrativa, a qual impõe argumentos e um certo modo de raciocínio que o outro deveria aceitar sem discussão, pois a verdade é apresentada como incontornável, independente dos sujeitos que a defendem, à qual cada um deve submeter-se. Persuadir o outro equivale, neste caso, a colocá-lo num universo de evidências que exclui a possibilidade de discussão (CHARAUDEAU, op. cit., p. 325).

Nota-se no enunciado de informantes tais como H.S. e G.F. a estratégia de captação do ouvinte através de repetições e efeitos ostensivos durante a explicação do evento, como o uso da palavra *interessante* ou *muito interessante* e referências à opinião da população quanto ao valor de verdade do evento: H.S. diz:

(...) e é uma das procissões que O POVO ACHA QUE É VERDADE, muita gente que NÃO ENTENDE, acha que é verdade. A veracidade da da coisa na cab... da Procissão na cabeça das pessoas é muito interessante” [H.S.-30].

G.F. diz:

“(...) ou então tem aquela pessoa que sai e aí o amigo contou ah que interessante ano que vem eu quero ir (...)” [G.F.-21].

A captação é uma estratégia que surge da necessidade, para o falante, de que seu interlocutor na troca comunicativa compreenda seu projeto de intencionalidade e compartilhe de suas ideias e opiniões. O interlocutor precisa ficar “impressionado”, precisa ser movido pelo que foi dito, sendo estimulado a continuar a troca comunicativa por se interessar pelo assunto. Fazendo um contraponto com a TR, têm-se os recursos ostensivos do comunicador, para chamar (captar) a atenção do ouvinte, através dos quais tal comunicador produzirá um estímulo relevante o suficiente para merecer o esforço de processamento da audiência – sendo o mais relevante compatível com as habilidades e preferências do comunicador. O grau de relevância será diretamente proporcional à relação entre esforço de processamento e efeito cognitivo positivo (CAMPOS, 2008, p.10). A captação ocorrerá, portanto, quando não houver uma relação de autoridade entre o sujeito falante e seu ouvinte, o que faz este falante precisar se assegurar quanto ao interesse de seu ouvinte pelo que está sendo dito. “Deve então responder à questão: ‘como fazer para que o outro possa ‘ser tomado’ pelo que digo’. Neste caso, o objetivo do sujeito falante passa a ser o de ‘fazer crer’, para que o interlocutor se coloque numa posição de ‘dever crer’” (CHARAUDEAU, op. cit., p. 325).

5. Reflexões e considerações finais

No trabalho de pesquisa que aqui se desenvolveu, me propus a analisar a recontagem da Lenda da Procissão das Almas como um processo discursivo capaz de promover a convergência de intenções, valores, interesses e crenças entre os indivíduos que se encontram envolvidos no ato comunicativo de transmissão da referida Lenda na cidade de Mariana-MG.

De acordo com o que foi dito por Malinowski (*apud* Da Mata, 2008, p. 234) em sua análise do efeito criativo do discurso, “as lendas são histórias que mobilizam a opinião pública frente a um tipo de prática ou conduta, fazem explodir o ‘escândalo’ e geram sentimentos necessários para que as pessoas prossigam em seus papéis sociais”. No início deste trabalho, um dos questionamentos se dava sobre os motivos que levariam a Lenda da Procissão das Almas a ser tão conhecida na região e que a fizeram ser recontada e representada até os dias atuais. E ainda, o que buscaria o comunicador ao recontá-la e quais seriam os efeitos contextuais que ele intencionaria provocar em seu ouvinte? Avaliando as entrevistas e recontagens coletadas para o estudo, foi possível perceber então que a Lenda, em seus vários modos de recontagem, não reflete em si nem um sentimento único e coletivo, e nem necessariamente a ordem social, mas, reflete, sim, as transformações da ordem social a que se refere. Como se percebe na análise, não existe um texto fechado ou uma versão definitiva sobre a Lenda da Procissão das Almas e muito menos uma interpretação imutável sobre o significado da mesma e de sua representação na cidade.

A Lenda da Procissão das Almas na cidade de Mariana-MG, como acredito acontecer em outros lugares onde seja recontada, ou onde se recontam outras lendas parecidas, se infiltra em situações discursivas de diferentes origens: em *blogs* da cidade, jornais, escolas, conversas cotidianas e entre familiares, relatos pessoais entre outros exemplos, e se sustenta como prática discursiva ao ser produzida e distribuída como *Lenda*, e também à medida que se torna objeto de análises e entrevistas ao ser representada em um evento com data específica. Assim é que se reforça a ideia de que não parece haver um objetivo único ou intenção comum a ser alcançado entre os que a recontam, pois a Lenda revela um fundamento de valor ideal, articulado, permitindo a reflexão e articulação das contradições no funcionamento das instituições para as quais os interlocutores direcionam sua atenção e intenções. Forma, sim, um contexto moral, no qual afloram sentimentos e opiniões explícitas e implícitas, partilhados

e/ou individuais. Constitui, portanto, um ato de comunicação em que o indivíduo coloca seus anseios, reflete suas crenças e sua identidade social e coletiva e manifesta suas intenções de legitimação de hierarquia de valores, seus protestos, seus sentimentos de repúdio ou sua identificação com práticas e ideologias.

Concordando com Da Mata (2008, p. 236), quanto à produção de sentido que permeia uma Lenda, a Lenda da Procissão das Almas é um “comentário sobre o cenário social” do qual faz parte, é um modo de intervir nesse cenário, “graças ao seu poder de convencimento como articulação da hierarquia valorativa que perpassa a vida cotidiana”. A visão de mundo “popular”, preocupada em ressaltar as ideias valorativas da comunidade, vai tentando -de maneira cômica- permear as práticas sociais através da Lenda, levando ao amadurecimento de uma ordem moral e ao mesmo tempo instaurando, por trás da encenação, uma crítica social às instituições como a Igreja e o Estado.

Numa pesquisa como a que propus, considereei inevitável recorrer à pragmática-linguística, posto que a Lenda da Procissão das Almas, ao ser divulgada, provoca em seus contadores (falantes) uma necessidade de selecionar as experiências nas quais desejam que seus ouvintes “devam” se concentrar. A Lenda promove experiências através de valores que requerem envolvimento sentimental por parte dos ouvintes. Através das análises aqui desenvolvidas, foi possível perceber que os informantes vivem, sim, uma relação com o evento e, através desse evento que representa a Lenda, há a possibilidade de contato da comunidade com os valores que ali são retratados. A encenação da Lenda da Procissão das Almas e a sua recontagem pelos moradores constituem, portanto, um reforço dos valores sociais e morais, dos pensamentos (sentidos) coletivos que permeiam aquele contexto.

Em determinado ponto das investigações, surgiu outro questionamento: o que seria relevante para tal comunicador em seu enunciado e qual seu modo de levar o ouvinte a interpretar exatamente o pretendido? Retomando agora tal questão, vale ressaltar que o que ficou marcado nesse estudo é que a Lenda por si mesma não é capaz de produzir efeitos interpretativos definidos ou estanques, mas, sim, que os comunicadores que a divulgam, de alguma forma, é que nela imprimem seus julgamentos/questionamentos sociais e morais, e, por outro lado, os ouvintes também avaliam a recontagem através de suas crenças e experiências. Através do aporte das duas teorias selecionadas para este trabalho (Teoria da Relevância e Teoria Semiolinguística), estabelecendo uma relação entre elas no processo de

comunicação, pode chegar ao seguinte raciocínio: é o comunicador (falante) quem sensibiliza a audiência (ouvinte), sendo o discurso do primeiro o estímulo ostensivo, insuflador, sentenciador de outros discursos; caso o comunicador falhe em sua tentativa de estimular outros discursos de acordo com o seu próprio, a enunciação não alcançará grande repercussão. Há, sim, uma identificação moral com a Lenda e uma maneira de recontá-la que reflete as experiências de cada um e seu modo de visão do mundo. Contudo, como bem pontuado por Charaudeau (2009), mesmo que as estruturas sociais de comunicador e ouvinte coincidam, não se passa de forma mecânica das estruturas sociais para as ações dos sujeitos, e, deste modo, utilizando a fundamentação da TR, não há garantia de que o efeito cognitivo pretendido pelo comunicador seja alcançado no ambiente cognitivo do ouvinte, pois será ainda necessário que haja um trabalho social e linguístico simultâneo, de reconhecimento da significação dentro da interação comunicacional entre os mesmos.

Diante de todo o percurso de análise desenvolvido até aqui, considero indiscutível a presença de uma adaptabilidade constante da Lenda da Procissão das Almas, pois, assim como outras lendas, se associa ao imaginário de quem a reconta, se adapta aos modelos arquivados (experiências) de seus interlocutores e é passível de diversas representações e interpretações por sua audiência, o que é recorrente também em outras situações de interação comunicacional ou trocas discursivas. Ou seja, assim como em outras interações, na recontagem de uma lenda, vamos observar elementos que apontam para a tensão entre a preservação de certos significados (valores, informações, crenças) e a sua transformação. – o que mostra que a manutenção de significados/intenções é sempre parcial, relativa e a tensão entre manutenção e mudança é um fenômeno recorrente nas interações discursivas.

A percepção que tive ao final desse trabalho é a de que, sim, a Lenda da Procissão das Almas, através de sua recontagem e através do evento da Procissão em Mariana-MG, busca persuadir afetivamente os interlocutores (espectadores) a modificar sua visão de mundo. A Lenda movimenta a opinião pública e chama atenção para a cultura local, para a valorização da cidade e suas práticas. Nos termos de Augé (1997, p.110), a recontagem dessa Lenda “visa, se não a mudar o estado das forças sociais, pelo menos, a fazer evoluir os sentimentos, as associações, o estado de espírito de alguns, a persuadir afetivamente e a convencer intelectualmente [...]”. E, exatamente por acreditar nessa tentativa de modificação do pensamento (sentido) dos interlocutores, é que considero ter sido de grande valia essa

associação que busquei entre a Análise de Discurso, pelo viés semiolinguístico, e a Teoria da Relevância, que cognitivamente busca as intenções manifestas do falante em seus enunciados, para tentar modificar o ambiente cognitivo do ouvinte e fazê-lo considerar um fato digno de ser relevante e verdadeiro.

Não encaro, porém, a recontagem da Lenda da Procissão das Almas como determinante para nortear as ações de seus ouvintes, limitando atos ou regendo condutas. Em conformidade com o que foi dito por Giulle da Mata (2008), acredito nas várias funções desse conto, que teve uma função inicialmente moral, mas que, a partir de tal função, derivam outras, como a função lúdica, a função de propagação de valores e padrões culturais, além da expressão/manifestação de problemas sociais.

Os enunciados similares revelam, como demonstrado nas análises de dados, que as pessoas gostam de testar a crença dos outros, e se divertem com a recontagem da Lenda e também com sua encenação. Para muitos, a crítica pode vir pelo riso, pelo deboche e zombaria, e daí a importância da noção de carnavalização de Bakhtin (1993), que nos explica que tal deboche pode servir para caracterizar o evento como uma festa popular, sendo digna de reconhecimento, e instaurando, assim, sua importância cultural e sua validade como evento que atrai muita gente.

Supõe-se, contudo, que, para muitos contadores da Lenda, o que importa é mesmo a carga moral por trás da recontagem, retratar os problemas sociais, os riscos que envolvem a fofoca e o excesso de curiosidade, a visão da religiosidade ou a crítica religiosa, a valorização de condutas e a educação pelo medo. Daí os vários modos de recontagem, pois, quando a Lenda não é apenas divertimento, é recontada de maneira a ressaltar os conflitos e os problemas sociais, a caracterização dos personagens aprofunda mais no juízo de valor moral dos mesmos. Pode-se depreender, então, que a relevância, nesses casos, está na problematização dos fatos, e a intenção é provocar o ouvinte, persuadi-lo a acreditar no que ouviu e a aderir às ideias colocadas através do discurso. Na Lenda da Procissão das Almas, a caracterização da fofqueira enquanto valor está ligada ao “não-dever-ser”, à intolerância perante pessoas curiosas e faladeiras, que tentam saber tudo o que acontece com os outros e espalhar intrigas. Há a classificação da fofoca como pecado, visão imposta pela Igreja desde o século XVIII para limitar as ações do povo diante da disputa pelo ouro assumida pela Igreja e Estado.

Não seria razoável acreditar que ainda hoje os moradores de Mariana-MG continuam levando a Procissão das Almas às ruas como manifesto direto contra os mesmos atos do passado, cometidos pela Igreja e pelo Estado, mas pode-se acreditar numa adaptação, havendo agora um sentimento partilhado entre muitos moradores, de protesto contra certos comportamentos da Igreja e do governo na atualidade, como vemos nas falas da informante H.S., por exemplo. Há uma necessidade de dar voz ao povo, de voltar as atenções para ele e, assim, colocá-lo junto a elite em uma manifestação comum, associada a uma realidade objetiva.

É palpável ainda a necessidade de destacar a cultura local, no determinado processo de *folkcomunicação* (BELTRÃO, 2001), intercambiando informações, manifestações de ideias, opiniões e atitudes de massa, ao passo que capta fatos históricos ocorridos em Mariana-MG e os redimensiona demonstrando os acontecimentos diante da nova realidade. Cada recontagem reativa uma memória do passado capaz de conferir algum sentido ao presente. A cada ato de recontagem, os personagens e elementos da Lenda explicitam valores e crenças encaradas como fato manifesto pelo comunicador, ou seja, transportam o que está cognitivamente presente no contexto desse comunicador, representando suas experiências e identidades, e direcionando o foco de sua atenção cognitiva e emocional.

Além disso, avaliando a contribuição das teorias abordadas neste estudo, foi importante a complementaridade entre elas no desenvolvimento do proposto por este trabalho. Enquanto a TR se preocupou em analisar a necessidade de selecionar as experiências nas quais os contadores (falantes) da Lenda desejavam que seus ouvintes “deveriam” se concentrar, a importância da TS se deu pelo fato de não haver garantia de que o efeito cognitivo pretendido pelo comunicador fosse alcançado no ambiente cognitivo do ouvinte, pois seria ainda necessário haver um trabalho social e linguístico simultâneo, de reconhecimento da significação dentro da interação comunicacional entre os mesmos. Nesse ato comunicacional ocorre um processo de reflexão quanto à legitimidade e eficácia de tais valores no passado e principalmente no presente, e nesse sentido a relação que se buscou entre a Teoria da Relevância e a Teoria Semiolinguística colaborou para aprofundar essa reflexão e para a avaliação dos aspectos referentes à identidade individual e social presentes nos enunciados dos informantes envolvidos num possível sentimento de pertencimento, visto que a intencionalidade do comunicador (falante), ao transmitir uma informação a um ouvinte, se mostra vinculada ao que lhe é relevante, estando, dessa forma, diretamente relacionado ao que

Ihe é legítimo, ao que lhe é pressuposto de verdade e, portanto, ligado à sua identidade. Deste modo, a pesquisa que aqui se desenvolveu representa contribuição didática e teórica relevante para a Linha de Pesquisa na qual se insere, mas também para as vertentes pragmático-cognitivas e discursivas dos estudos da linguagem, dando margem ao desenvolvimento de novas pesquisas abrangendo inter-relações entre teorias da linguagem e entre teorias socioculturais e a linguagem, posto que é um vasto campo a ser explorado. A respeito do conteúdo aqui exposto, acredita-se ainda em sua contribuição para o estímulo à continuação da propagação da Lenda da Procissão das Almas na cidade de Mariana-MG, ressaltando-se sua real importância local, tanto para a construção de uma identidade coletiva quanto para a divulgação da cidade e suas tradições culturais.

É certo que os valores são norteadores da narração, e, considerando que o evento da Procissão das Almas conta com a adesão de grande número de moradores da cidade, além de ser bem aceito pelo público que o assiste, é comprovação de que a recontagem dessa Lenda, como de outras, é possível pela existência, na comunidade, de muitas pessoas com uma base de valores semelhantes, estabelecendo-se assim a Lenda como uma forma de interação social. No entanto, a recontagem é individual e tem então um objetivo (ou intenção) específico do sujeito comunicador, que vai buscar, sim, o modo mais adequado possível de atingir seu ouvinte, procurando modificar seu ambiente cognitivo nos aspectos que julgar mais relevantes.

Acredito na Lenda como passível de inúmeras interpretações, as quais derivam das experiências de vida de cada um, advindas de suas famílias, dos lugares onde circulam, da função que tendem a cumprir em diferentes atos de comunicação, e, assim, considerei as análises, baseadas em coleta de dados de cinco informantes, coerentes e suficientes para o que se pretendia no início da presente pesquisa. Foi possível avaliar a prática da recontagem da Lenda da Procissão das Almas como forma de realização contínua da divulgação de uma ordem moral e social que é considerada ideal para o meio, mas também como forma de manifestação da identidade do sujeito comunicante, tendo este a intenção de transmitir tal informação de maneira explícita ou implícita.

Enfim, o caminho percorrido por este trabalho até aqui permitiu detectar que a propagação da Lenda da Procissão das Almas na cidade de Mariana-MG ocorre da seguinte maneira: o povo marianense, sentindo-se provocado e estimulado pelo discurso da Lenda, desencadeia a constante repercussão da mesma em seu ambiente sócio-cultural e em outros meios e, deste

modo, atrai o interesse da mídia. Assim, as crenças, ou a alteração das crenças, dos moradores de Mariana contadores da Lenda e participantes do evento da Procissão das Almas determina a criação de implicações contextuais mais fortes na mente do público, promovendo a reação geral dos moradores da cidade, de seus turistas e da mídia em geral.

6. Referências Bibliográficas

ALLOTT, N. (2002) "Relevance and rationality." *UCL Working Papers in Linguistics* 14: p. 69-82

ALVES, F.; *Lançando anzóis: uma análise cognitiva de processos mentais em tradução. Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p.77-90, jul./dez. 1996.

AMADO, J.; FERREIRA, M. M. (Org.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

AMOSSY, R. *Da noção retórica de ethos à análise do discurso*. In: _____. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005a. p. 9-16.

ANDRÉ, M. E. D. A.; LUDKE, M. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. 3ª. ed. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1986.

ARRUDA, M.A.N. (1990). "A construção mítica". In: ARRUDA, M.A.N. *Mitologia da mineiridade*. São Paulo: editora brasiliense, 1990.

BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo/Brasília, Hucitec, 1993.

BAKHTIN, M. *L'opera di Rabelais e la cultura popolare: riso, carnevale e festa nella tradizione medievale e rinascimentale*. Trad. M. Roamano. Torino: Einaudi, 1979.

BAUMAN, R. *Verbal art as performance*. Rowley, Mass.: Newbury House Publishers, 1977.

BELTRÃO, L. *Folkcomunicação, um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. 266 p.

BERGER, P., LUCKMANN, T. *A Construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1985.

BERNARDI, R.M. Rabelais e a sensação carnavalesca do mundo. In: BRAIT, B. *Bakhtin, dialogismo e polifonia (org.)*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 73-94.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. 2005. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, Santa Catarina, v. 2, n. 1 (3), p. 68-80, jan./jul. 2005. Disponível em: <http://www.emtese.ufsc.br/3_art5.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2010.

BRANDÃO, S. *"A geografia linguística no Brasil"*. São Paulo: Ática, 1991.

CAMACHO, V. - *Mentiras, Relevancia y Teoría de la Mente*. Universidad de Sevilla. Departamento de Lengua Española, Linguística y Tª de la Literatura. Pragmalingüística, v.13, p.51-64, set. 2005. Disponível em: <<http://diana.uca.es>>. Acesso em: 05 maio 2011.

CAMPOS, J; RAUEN, F. J. (org.). *Tópicos em teoria da relevância*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. Disponível em <<http://www.pucrs.br/edipucrs/teoriadarelevancia.pdf> > Acesso em 02 março 2011.

CAMPOS, J. Relevância, kluges, emoções: reflexões provocativas. In: CAMPOS, J; RAUEN, F.J. (org.). *Tópicos em teoria da relevância*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. p. 10-26.

CASCUDO, L.C. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 9ª. ed. Brasília: J. Olympio, INL, 1976.

CASTORIADIS, C. A instituição imaginária da sociedade. 2ª. edição. Rio de Janeiro, 1986.

CHARAUDEAU, P. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, P. *Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional*. In : PIETROLUONGO, M. (Org.) O trabalho da tradução. Rio de Janeiro : Contra Capa, 2009, p. 309-326., 2009. Disponível em: <<http://www.patrick-charaudeau.com>>. Acesso em: 20 Jun. 2011.

CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, P. *Para uma nova análise do discurso*. In: Carneiro, Agostinho Dias (org.). O discurso da mídia. Rio de Janeiro: Oficina do autor, 1996.

CHARAUDEAU, P. *Pathos e discurso político*. In: MACHADO, Ida Lucia; MENEZES, William; MENDES, Emília (orgs.). As emoções no discurso, v. I. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

CHARAUDEAU, P. *Une problématisation discursive de l'émotion: à propos des effets de pathémisation à la television*. In: PLANTIN, Christin et al. Les émotions dans les interactions. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 2000.

CHARAUDEAU, P. Visadas Discursivas, Gêneros Situacionais e Construção Textual. In MACHADO, I. L. e MELLO, R. (org) Gêneros: Reflexões em Análise do Discurso. Belo Horizonte: FALÉ- Faculdade de Letras, 2004.

CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. *Revista Portuguesa de Educação, Universidade do Minho, Braga, Portugal*, v. 16, n. 2, p. 221-236, 2003.

COSTA, J. A teoria da relevância e as irrelevâncias da vida cotidiana. *Linguagem em (Dis)curso, América do Norte*, 5, set. 2010. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/285/299>. Acesso em: 16 Mar. 2011.

COSTA, W.J.G. *Minas e a contravenção da Ordem: os costumes arraigados e a Longa Duração*. *Revista Eletrônica Cadernos de História*, vol. V, ano 3, n.º 1, Abril de 2008. Pag.

148 – 151. Disponível em: <www.ichs.ufop.br/cadernosdehistoria>. Acesso em: 19 de maio de 2011.

DA MATA, G. *Os Irmãos Piriás: A gramática moral de uma Lenda contemporânea*. 2008. 285p. (Dissertação- Programa de Pós-Graduação em Antropologia)- FAFICH,UFMG, Belo Horizonte, 2008.

DUARTE, R. *Pesquisa Qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo*. In: Cadernos de Pesquisa, n. 115, 2002.

FERES, B.S. *A originalidade do carnaval de Paulo Barros: patemização e iconicidade*. Revista Litteris – ISSN: 19837429 n. 8. set. 2001. Disponível em: <<http://revistaliter.dominiotemporario.com>>. Acesso em: 20/11/2001.HALL, S. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 7.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FERREIRA, C. M. P. *Contagem e recontagem do conto chapeuzinho vermelho: co-construção da narrativa por crianças surdas em segunda língua através da mediação em terapia fonoaudiológica*. 2008. (Dissertação- Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro) – PUC-RIO, Rio de Janeiro, 2008. 170 p.

FRANÇA, J. L.; VASCONCELOS, A. C. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. 8ª ed. rev. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

GOLDNADEL, M.; OLIVEIRA, R.C.; Contribuições da Teoria da Relevância para a prática de interpretação de textos: uma ilustração por meio de textos de humor. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v.12, n.1, p.33-48, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://rle.ucpel.tche.br>>. Acesso em: 25 fev. 2011.

GONÇALVES, A. L.; OLIVEIRA, R. P. *Termo de Mariana: história e documentação*. Mariana: Imprensa Universitária da UFOP, 1998.

GONÇALVES, J. L. V. R.; *Processos Inferenciais Relacionados à Priorização na Tradução de Legendas de Filmes: o redundante e o relevante sob a ótica do Princípio de Relevância*. 1998. (Dissertação- Curso de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais) POSLIN - UFMG, Belo Horizonte, 1998. 147 p.

GONÇALVES, J. L. V. R. Desenvolvimentos da pragmática e a teoria da relevância aplicada à tradução. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 5, n. esp., p. 129-150, 2005. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/283/297>. Acesso em: 11 Abr. 2012.

GUTT, E. A. *Relevance theory: a guide to successful communication in translation*. Dallas: Summer Institute of Linguistics, 1992.

HALL, S. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 7.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HARTMANN, L. *Performance e experiência nas recontagens orais da fronteira entre Argentina, Brasil e Uruguai*. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 11, n. 24, p. 125-153, jul./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 06 dez. 2010.

IBAÑOS, A. *Algumas considerações informais sobre inferência*. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 5, n. esp., p. 151-159, 5, set. 2010. Disponível em: <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/284/298>. Acesso em: 20 Mar. 2011.

KLAPPROTH, D. M. *Narrative as social practice: anglo-western and australian aboriginal oral tradition*. Berlin: Walter de Gruyter GmbH & col. KG., 2004. 456p. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books>>. Acesso em: 22 dez. 2010.

KLÖCKNER, L.. A entrevista radiofônica: uma análise através da teoria da relevância. *Linguagem em (Dis)curso*, América do Norte, 5, set. 2010. Disponível em: <http://aplicacoes.unisul.br/ojs/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/280/294>. Acesso em: 07 Dez. 2011.

LACERDA, C. O desenvolvimento do narrar em crianças surdas: focalizando as primeiras produções em sinais. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, v. 9, n. 2, p. 65-72, 2004.

LEWKOWICZ, I. *Espaço urbano, família e domicílio* (Mariana no início do século XIX). In: GONÇALVES, A. L.; OLIVEIRA, R. P. *Termo de Mariana: história e documentação*. Mariana: Imprensa Universitária da UFOP, 1998.

LOPES, C.R. *Lendas urbanas na internet: entre a ordem do discurso e o acontecimento enunciativo*. (Tese- Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo). USP, São Paulo, 2007. 219 p.
LUYTEN, J. *O que é literatura de cordel*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

MACHADO, I. L. *Algumas reflexões sobre a teoria semiolinguística*. *Letras & Letras*, Uberlândia. v. 22, n.2, p. 13-21, jul./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br>>. Acesso em: 27 dez. 2011.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da Conversação*. 2ª. ed. São Paulo: Editora Ática, 1991.

MARTINS NOGUEIRA, C.. *Considerações sobre o modelo de análise do discurso de Patrick Charaudeau*. *Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências*, América do Norte, 2008. Disponível em: <<http://www.portal.fae.ufmg.br/seer/index.php/ensaio/article/view/77/120>>. Acesso em: 17 out. 2011.

NETO, P.C. *Dicionário de Teoria Folclórica*. Guatemala: Editorial Universitária, Universidade de São Carlos de Guatemala (1977).

PELLEGRINI FILHO, A. *Antologia do Folclore Brasileiro*. São Paulo: EDART, 1982. p. 255-271.

RAUEN, F. Teoria da relevância e análise sócio-retórica de gêneros textuais: Análise de respostas em cartas-consulta diretas e indiretas. *Revista Signos*, vol. 43, n. especial monográfico n. 1, maio. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.cl>> Acesso em: 16 mar. 2011.

RIBEYROLLES, C. *Brasil pitoresco*. São Paulo, Livraria Editora Martins, 1941.

SANTOS, I. P. Linguística: *Estudos avançados*. [online]. 1994, vol.8, n.22, pp. 481-486. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v8n22/69.pdf>>. Acesso em: 26 maio 2011.

SANTOS, S. L.; GODOI, E. Cognição e relevância: uma análise pragmática da interpretação inferencial de enunciados. *Eletras*, vol. 20, n.20, jul. 2010. Disponível em: <<http://www.utp.br/eletras>>. Acesso em: 02 mar. 2011.

SCHLICKMANN, M.S.P. Teoría de la actividad y teoría de la relevância: *um estudio introductorio em sus implicaciones em el proceso de ensinãza y de aprendizagem*. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 3, n. 1, p. 211-224, jul./dez. 2002.

SELIGER, H.W.; SHOHAMY, E. *Second language research methods*. 6th ed. Oxford: Oxford University Press, 2001.

SILVEIRA, J. R. C.; FELTES, H. P. M. *Pragmática e cognição: a textualidade pela relevância*. 2.ed. Porto Alegre. EDIPUCRS, 1999.

SOUZA, M. *Era o verbo um deus?: análise de João 1:1 a partir da teoria da relevância*. In: RAUEN, F. J.; SILVEIRA, J. R. C. da (Orgs.). *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 5, n. esp., p. 1-268, 2005. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0503/0503.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2011.

SPERBER, D. (2001). O estudo antropológico das representações: problemas e perspectivas. In JODELET, D. (Org.), *As representações sociais* (pp. 91-103). Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2001.

SPERBER, D.; WILSON, D. *Relevância: comunicação e cognição*. 2^a. ed. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

SPERBER, D.; WILSON, D. Relevance Theory. In G. Ward; L. Horn (eds.). *The Handbook of Pragmatics*. Oxford: Blackwell, 2004. (Disponível em: <http://www.phon.ucl.ac.uk/home/PUB/WPL/02papers/wilson_sperber.pdf> Acesso em 01 mar. 2011)

VASCONCELOS, S. *Mineiridade*. Ensaio de caracterização. Belo Horizonte, Imprensa oficial, 1968, p.24-25.

7. Anexos

7.1- Anexo 1: Transcrições dos trechos relevantes das Entrevistas e Recontagens

** foram transcritos apenas trechos relevantes para a análise proposta.*

7.1.a - Informante: H.S., feminino, 79 anos. Professora.

duração: 37''27'

“... sou uma defensora da tradição e do folclore aqui da nossa cidade”...

“... fui agraciada com o título de professora emérita aqui da UFOP, provavelmente por causa da minha dedicação não só ao ensino né, mas também à extensão, da UFOP ”...

“... nós encenamos essa procissão a partir de um trabalho de alguns moços aqui da cidade”.

“... são artistas plásticos, um que é engenheiro, entende muito de marcenaria, então eles resolveram encenar essa procissão”...

“... Eu coordeno a procissão... e aí eu pesquisei os cantos”...

“... então nós colocamos essa lenda, que se chama Mulher da Pena, que é uma lenda similar também, que fala realmente das pessoas que cometeram graves erros, e que confessaram-se, mas não cumpriram a pena imposta pela igreja. Todas as duas lendas falam a mesma coisa”...

“... Segundo esta lenda, havia uma mulher aqui em Mariana muuuito faladeira, então havia até uma, uma brincadeira na cidade, que, ela, quando ela morresse, a língua ia numa carreta e, e o corpo numa caixa de fósforos, porque ela era miudinha, mas ela era faladeira demais, então ela cuidava da vida de todo mundo”...

“... Segundo a lenda ela residia num bairro que chama Rosário”...

“... quando ela veio morar na Rua Dom Silvério, ela não podia aparecer durante o dia pra não causar o mesmo impacto que ela causou né, atrapalhar a vida dos outros. Ela começou a se esconder pra viver bem com o povo da Rua Dom Silvério, que ela conhecia que era um povo muito UNIIIDO e tal, então ela começou também a se educar que era um povo MUITO

educado, o povo da Rua Dom Silvério até hoje é um povo educadíssimo. Você vê pelas atitudes da população daquela rua”...

“... e ela ficava à janela, debruçada à janela, tinha até calos nos cotovelos, de TAANTO que ela ficava presa à janela, então logo que escurecia ela se postava à janela”...

“... E aqui em Mariana não sei se vocês já observaram ali na Câmara, há um relógio, há um sino e um relógio”...

“... às nove horas aquele sino batia, e as pessoas não podiam ficar na rua. Chamava sino de correr ou de recolher, então ninguém podia ficar na rua. Não tinha ninguém a passar na rua. E as pessoas que passassem eram presas pela milícia lá, da Colônia, né”...

“... e começou a ouvir longe um bumbo tocando bum –bum- bum”...

“... alguma coisa da Igreja, deve ser MUITO bom mesmo, eu não vou sair daqui”...

“... ela ouviu um grito HORRÍVEL”...

“... ela continuou na janela, teimosa lá na janela, né’ ...

“... reza mais, reza mais, reza mais uma oração”...

“... aí tá vendo? tá ensinando o povo que deve ser bom na vida pra na morte, né, ter tudo pra oferecer a Deus, é isso”...

“... nós chamamos de baratas da Igreja essas mulheres que não saem da Igreja pra nada”...

“... aí não pegava porque todo mundo lá gostava da moça, né”...

“... a moça era muito distinta e tal, e a moça era noiva”...

“... e um dia ela chegou ao cúmulo de”...

“... a conversada, a faladeira, a maledicente”...

“... mulher, a noite é dos mortos”...

“... olha a CONFIANÇA que essa pessoa tem em mim (...) me entregar uma VELA pra guardar” (...) melhorei de vida agora eu sou uma pessoa da sociedade”...

“... Ela viu uma cruz negra uns véus negros também (...) e ela viu que as duas primeiras figuras do lado tinham uma caveira na mão. (...) falou assim aí tá vendo? Tá ensinando o povo que deve ser BOM na vida pra na MORTE, né, ter tudo pra oferecer à Deus” ...

“... mas não tinha jeito ela morreu”...

“... aí então a lenda continuou todo mundo”...

“... nós fazemos uma de Padre Viegas, que é a Mulher da Pena, que era uma beata (...) nós chamamos de barata da igreja essas mulheres que não saem da igreja pra nada, né, elas são as donas da igreja”...

“... veio aqui pro Providência uma moça de família muito importante lá de Padre Viegas, e essa moça aprendeu, tava aprendendo aqui no Colégio Providência né (...) e o padre entregou a escrita da igreja pra ela, nada mais justo, né! aaah, mas a barata da igreja ficou louca ...”

“... Já que era mula-sem-cabeça, quem namora padre é mula-sem-cabeça...”

“... A penitência é longa...”

“... balaio de pena pesado, balaio de pena pesado, balaio de pena pesado” (referindo-se à penitência, muito pesada para os fofoqueiros) ...”

“... Cantávamos o Agnus-dei, né, tem que cantar, porque fazia parte a...a... beata ouviu também a... Maricota de Todos os Santos ouviu o canto então nós cantamos ...”

“... Cordeiro de Deus que tirais os pecados do mundo, tende piedade de nós, tende compaixão de nós... então, nós vamos rezando, paramos em TODAS AS IGREJAS e, ora rezamos em frente ao cemitério das igrejas ora em frente a própria igreja (...) sai daqui a Procissão, roda a cidade toda e volta pr’AQUI (...) e é uma das procissões que O POVO ACHA QUE É VERDADE, muita gente que NÃO ENTENDE, acha que é verdade. A veracidade da da coisa na cab... da procissão na cabeça das pessoas é muito interessante ...”.

“... os guardas um dia vieram nos ajudar porque agora Mariana mudou muito, então os guardas vieram nos ajudar, e os GUARDAS TIRARAM O CAP BOTARAM DEBAIXO DO BRAÇO E FORAM FAZENDO NOME DO PAI E TUDO eu olhava moço, isso é uma

brincadeira, isso é um teatro aí mas minha senhora, mas eu to com medo também, eles tinham medo ...”.

“... e um outro moço da Vale do Rio Doce que veio um engenheiro pra Vale do Rio Doce um novato e ele se hospedou aqui no hotel Providência, então é, quando a PROCISSÃO saiu ele voltou CORRENDO, ele ia pegar serviço meia-noite, ele voltou CORRENDO pro hotel e eu corri atrás dele que eu conhecia ele e falei assim olha sou eu, é Hebe, Hebe Rola, e ele falou assim: uai, dona Hebe, quando é que a senhora desencarnou? Então, eles acreditam PIAMENTE que é uma procissão, e MUITAS VEZES a imprensa, ao invés de dar assim um destaque à Semana Santa, dá um destaque à Procissão das Almas ...”

“... agora eu respeito, eu gosto, eu trabalho, nós organizamos e não queremos que ela morra nunca, há mais ou menos 26, 27 anos nós estamos com ela na rua, E VAMOS CONTINUAR!“Agora o interessante é que mete medo mesmo ...”

“... agora a matraca a Igreja empresta. Algumas pessoas emprestam escondido da Igreja, é escondido, alguns sacristãos emprestam ...”

“... porque a Igreja não aprova não, ela não considera nada que é superstição, então, e nós encenamos justamente na Semana Santa, então a Igreja não concorda não ...”

“... a juventude toda participa, os idosos, até criança vem, mas criança a gente tem medo né, por causa do horário, mas vem criança também com os pais (...) e vem também pessoas de outras cidades, vem, que estão nos hotéis aqui, então os hotéis têm três túnicas, que são usadas pelos hóspedes do hotel (...) então eles já vêm com intenção de participar (...) nós já temos uma população cativa também em Belo Horizonte, todo ano, é muito interessante, você tem que participar pra você sentir (...) e fica MUUUUITO reporter noh, a gente tropeça em repórter ...”

“... a morte, tem a figura da morte, a morte é a única que vai de negro, com uma foice, aquela representação mesmo da morte, então é MUITO interessante... ”

“... ano passado por exemplo nós não tivemos nenhum ensaio e saiu tudo certinho, porque o pessoal já tem o domínio, né, da coisa ...”

Entrevistador: E apesar dessa Procissão não ter nenhum vínculo com a Igreja, as pessoas religiosas, as pessoas da Igreja participam dessa procissão?

Inf: “... Da igreja em termos, né! (...) éee...as pessoas assim... que tem muito... assim... as pessoas que SÃO da Igreja católica participam, MAS NÃO SÃO DA CÚPULA, NÉ, o pessoal da cúpula não participa não... o pessoal da cúpula não participa porque sempre foi negado o direito de sair essa procissão, né eles achavam que era zombaria MAS NÃO É, é uma preservação e ATÉ EDUCATIVA... né?...”

“... é o vem quem quer, por isso que é bom, porque é o popularíssimo mesmo, não tem nada de impor, por exemplo, eu só conto porque eu tenho mais facilidade pra contar, porque se eu não contar também outro conta, sabe?!...”

“... e não precisa de mim também não, se eu não for a procissão sai a mesma coisa...”

“... é todo mundo conhece, você pode perguntar, QUALQUER MOLEQUE aí de rua que você chamar... fala assim: você conhece procissão das Almas? Conheço. Faz um medo danado. Aí eles desconversam...”

“... aí a partir daí a gente pede proteção policial porque há umas igrejas que são esquisitas, né, então... UMA igreja QUE NÃO É A CATÓLICA, não sei qual é o nome dela, ela... os JOVENS dela fizeram um rebuliço bom, mas nós saímos assim mesmo (...) a gente não toma conhecimento da ignorância não, a gente vai...”.

Entrevistador: o que é a procissão pra senhora?

“... Olha pra mim é uma preservação da tradição e da cultura de Mariana, e do folclore... da terra, e é também uma forma... de o povo... ter VOZ uma vez ou outra, porque é a voz do povo, a procissão é a voz do povo... então o ato MAIS DEMOCRÁTICO que nós podemos fazer é esse, todo mundo dá opinião, faz sua roupa, cada um toma emprestado a roupa então o povo se junta, o bom é que o povo se junta sem NENHUM APELO NOS JORNAIS, SEM NENHUM APELO NAS RÁDIOS...(...) NÃO HÁ NENHUMA PROPAGANDA...”.

Entrevistador: não há nenhuma intenção de divulgação?

Inf: “... NÃÃÃÃOOO... ELA EXISTE! ELA É ELA...”.

“... a lenda é inacreditável, né, porque nos dicionários vem estória, né, e há história que se deve acreditar e há estória que se PODE OU NÃO acreditar...”.

“... como toda história, até ela escrita, tem sérios problemas porque ela é escrita, pela mão dos DOMINANTES, eu adoro essa lenda, eu PREFIRO acreditar nessa lenda porque o POVO é que falou (...) só que eu não acredito piamente não, eu relevo, eu explico pras crianças também... que NÃO, não é pra acreditar não, é uma brincadeira, que cresceu assim com a intenção né, de educar as pessoas, pras pessoas não falarem mal especialmente de padre, né, dos religiosos, do GOVERNO, né, era uma forma, era um CALA-BOCA no povo, e a sorte é que ela passa, que foi um cala-boca que não calou a boca porque até hoje ela está aí nas ruas e os colonizadores já se foram...”.

“... ela (lenda) é a identidade de um povo, o povo acredita nisso, gosta disso, acha que deve ser feito (...) isso é o verdadeiro voluntariado...”.

“... é a voz do povo, contada pelo povo...”.

“... nós respeitamos DEMAIS a Igreja... QUALQUER igreja, né, especialmente a católica...”.

“... a Igreja tem isso, né... você não pode morrer sem cumprir suas penas, né, senão você vai ficar vagando...”

“... em todo lugar há isso, talvez para educar as pessoas, é uma forma assim, TEMEROSA, né, de educar os outros...”.

“... e não tem segundas intenções, não tem pra agradar prefeito... (...) é um ato de altruísmo pra manter Mariana viva...”

7.1.b - Informante: M.M., 71 anos, feminino, membro do Movimento de Renovação de Mariana- MG.

Duração: 25''23'

“...moro em mariana desde 1940 quando eu nasci. Já saí daqui um pouco depois voltei. SEMPRE MOREI NESSA RUA, QUE É ... a rua, uma das ruas MAIS antigas da cidade. É uma rua QUASE toda em estilo barroco. Já houve algumas mudanças, mas predomina o estilo barroco que ééé BEM velha mesmo. E, aqui na nossa rua, sempre teve assim, uma conversa das pesso/dos pais, dos amigos, sempre houve muita conversa sobre lendas, sobre assombrações... então, então é um assunto assim que eu to acostumada desde pequena. E meu pai mesmo era um que sentava com a gente em volta de uma fogueira e começava a contar essas histórias pra nós. Eee... segundo ELE as coisas mais que MAIS aconteciam né eram NESTA RUA. Então a gente tinha por exemplo uma mulher comprida mais alta que as igrejas (...) a mula-sem-cabeça que quando a gente era criança até ouvia o tropel dela aqui na rua (...) e, a lenda do Miserere, segundo o professor Waldemar de Moura Santos, que foi quem registrou essa história, ela é, era, das mais contadas nas casa, talvez até, pra ter assim um... um objetivo educacional... para que a gente NÃO FIZESSE FOFOCA, pra que não se comentasse a vida alheia. E... a primeira vez que essa lenda foi encenada foi na década de 60. Havia aqui um um padre, muito inteligente, e... que tinha uma cultura muito VASTA, que chamava/chama-se cônego José, e... e houve há uma artista carioca que veio morar em Mariana, passou uma temporada aqui. E os dois se uniram e abriram uma espécie de uma escola de arte... informal. (...) então, eles decidiram, resolveram que a gente deveria encenar a procissão do miserere. Então na década de 60 nós fizemos essa procissão, que rodou Mariana inteira, e... no mesmo estilo que ela é hoje. (...) as pessoas vestidas de branco, com o rosto QUASE coberto, e com vela na mão, algumas pessoas com caveira na mão, encenando a história de duas senhoras que moravam nesta rua. Segundo a lenda, elas eram fofoqueiras, tomavam conta da vida de todo mundo. TUDO QUE ACONTECIA, qualquer barulho na rua, durante o dia ou de noite elas corriam pra janela. Então uma noite, altas horas da noite, uma delas ouviu barulho e foi pra janela E QUANDO ELA OLHOU PRA BAIXO, ela viu que já vinha uma procissão muito iluminada ... e ela ficou muito curiosa e ficou na janela pra ver. Quando a procissão passou, ela achou estranho porque ela não conheceu ninguém, porque todas as pessoas estavam com os rostos semi-cobertos, todos de bata branca, TODOS também

com uma vela na mão. Quando a procissão passou na porta dela, uma das pessoas que estavam na procissão, foi até a janela e entregou à ela um pacote. Pediu à ela que guardasse aquilo, depois ela viria buscar. Aí então ela viu a procissão, entrou, e resolveu ABRIR O PACOTE. Aí a irmã dela falou assim: não abre, VOCÊ NÃO SABE O QUE QUE É. (...) Vou abrir sim quero saber o que que tem. QUANDO ela abriu, era uma canela de defunto, do osso né, da perna. (...) então ela se assustou, passou mal, mas isso serviu de lição pra ela né, que não pode tomar conta da vida dos outros. E É ISSO É QUE A GENTE RETRATA NA PROCISSÃO DAS ALMAS. Agora o FATO dela se chamar, no livro do professor Waldemar de Moura Santos, que se chama Miserere, a gente não sabe porque ele faleceu há muito tempo, MAS nós temos a impressão de que é porque eram os cantos usados NA VERDADEIRA PROCISSÃO DO MISERERE, que também havia aqui em Mariana, que não era folclórica, era da Igreja, e saía na Quarta feira de Cinzas (...) e SEGUNDO os mais antigos, ela saía de Mariana e ia até Passagem... por TODAS AS MARGENS DA CIDADE, era uma procissão ENORME que cantava... éé músicas de penitência para as almas... DOS CATÓLICOS, que já tinham morrido. Mas, ficou registrada como procissão do Miserere. E ela é, sai de Mariana TODOS OS ANOS, porque a sua encenação foi retomada a alguns anos, então ela é realizada todos os anos, aos CINCO minutos do Sábado de Aleluia, para... para se RESPEITAR A SEXTA-FEIRA DA PAIXÃO. Também é sai com as pessoas vestidas de branco, com velas na mão, com OSSOS nas mãos também, e alguns com caveira...

ENT: A senhora acredita nessas lendas?

“Não. Não. DESDE MENINA talvez assim porque meu pai fosse assim, ééé muito brincalhão então ele tinha a intenção de que a gente não tivesse medo dessas coisas. Quando eu era menina PEQUENININHA, eu ACREDITAVA, nós todos lá em casa acreditávamos, eu ouvia o barulho, o TROPEL da mula sem cabeça... depois não.

ENT: E qual a importância dessa lenda pra cidade de Mariana?

“Hoje eu acho que ela assim retrata nossas tradições MAIS antigas... HOJE ninguém mais acredita nessas coisas, as crianças os jovens não se interessam, ALIÁS, a vida noturna daqui é como a vida noturna de qualquer cidade grande, tem sempre muito movimento, então as assombrações nem tem tempo de sair de cada, dos túmulos né, pra fazer medo...MAS FICOU

A QUESTÃO DA CULTURA MESMO, né... de um COSTUME ANTIGO, de uma vida diferente da de hoje...

ENT: E o que que era diferente?

ERA TUDO, nossos costumes eram outros, Mariana ainda não tinha CARRO, então a gente se sentava na porta A NOITE, eee pra CONTAR CASO, as crianças brincavam e os adultos ficavam contando caso, histórias, ééé não tinha perigo nenhum, nós não tínhamos nenhuma AMEAÇA, era uma vida muito muito tranquila. AS FAMÍLIAS ERAM FAMILIAS... né...

ENT: E hoje em dia a senhora acha que está muito diferente?

COMPLETAMENTE diferente. TUDO MUDOU, tudo. A educação das pessoas mudou, não se respeita mais nem a própria IDENTIDADE das nossas cidades, não é... não se respeita. Eu fico horrorizada às vezes a gente passar com a procissão no Jardim, e o povo bebendo se está bebendo continua ... alguns jogam piadinhas... então eu me preocupo muito com essa questão de EDUCAÇÃO, ALIÁS EU NÃO ACHO QUE É SÓ NO FOLCLORE... (...) EM TODOS OS CAMPOS TÁ TUDO MUITO MUDADO. (...) A educação É DE CASA.

ENT: A senhora acha que a lenda chama a atenção pra isso de alguma forma?

“NÃO. NÃO CHAMA A ATENÇÃO MAS TEM ALGUMAS REPERCUSSÕES BOAS. POR EXEMPLO, HOJE ela é muito encenada nas escolas de Mariana, eee... então isso tem nos ajudado a ter um pouco mais de RESPEITO dos estudantes. (...) Quando eles chegam a entender o que que é, e que não é um simples teatro, então eles passam a nos respeitar mais, a respeitar a procissão, a respeitar o grupo que luta pela cultura”.

ENT: então essa procissão é muito importante pra cultura de Mariana?

“Muito importante... é tem atraído muita gente, MUITA GENTE MESMO. Inclusive estrangeiros. NÓS começamos não foi com o intuito de de repercussão, nós começamos POR CAUSA MESMO DA CIDADE NÉ, pra para as gerações que estavam vindo conhecerem um pouco do que era antes. Hoje ela tomou um OUTRO SENTIDO, tem uma repercussão enorme... É RARO UM ANO QUE NÃO NOS PROCURAM PRA FILMAR durante... (...) pessoas estrangeiras vêm PARA PARTICIPAR DA PROCISSÃO.

ENT: E a que ou a quem você atribui essa repercussão, esse interesse das pessoas pela procissão?

A NÓS MESMOS, porque nós somos UM GRUPO, que está SEMPRE LUTANDO PELA CULTURA DE MARIANA. Eu sou presidente do movimento Renovador de Mariana, então ESTA PROCISSÃO É UMA REALIZAÇÃO DO MOVIMENTO, e de Dona Hebe, pela Casa de Cultura e pelo trabalho dela de professora universitária. Mas nós conseguimos agregar pessoas assim que... realmente se interessam em preservar as nossas coisas.

“(...) hoje assim... eu tenho uma atuação limitada... sabe? Eu trabalho muito pra preservar as coisas de Mariana (...) nós tentamos segurar tudo que foi feito de errado aqui, (...) mas especificamente pela procissão das Almas não... eu quase não conto só quando me perguntam.

(referindo ao conhecimento da lenda): “conhece porque DEPOIS QUE ELA ESTÁ SENDO ENCENADA AS PESSOAS PASSARAM A CONHECER”. (...)EU POR EXEMPLO E DONA HEBE SOMOS DESSA RUA, FOMOS CRIADAS AQUI NO MEIO... dessas lendas. ESSA RUA especialmente, QUASE QUE É SÓ DE MARIANENSE. Mas em volta de nós é tudo gente de fora, a maior parte não é de Mariana (...) Então assim essas pessoas SÃO MAIS CURIOSAS, GOSTAM DE VER, GOSTAM DE SABER.

“Tenho o maior orgulho. Sou Marianense de corpo e alma.

“a população daqui está sempre sendo modificada. Agora por exemplo, com a expansão dessas empresas, é uma QUANTIDADE DE GENTE QUE VEM DE FORA, VOCÊ NÃO TEM NOÇÃO DO QUE QUE É AQUI. Então a gente tem MUITO TRABALHO PRA PRESERVAR A NOSSA CIDADE... A CULTURA O PATRIMÔNIO... um trabalho ENORME. (...)”

A gente espera que outras pessoas venham pra nos substituir depois. Infelizmente nossas escolas não ensinam nada de... sobre a cidade. NEM SE ESTUDA mais nada sobre a cidade, então é uma falha, mas uma falha que alguém TEM QUE CUIDAR. Mariana hoje graças a Deus é uma cidade que corre MUITO dinheiro, por causa de mineração, mas que... no campo cultural... há pouca diferença de vinte anos atrás, sabe de preservação. É assim o homem é naturalmente egoísta, então muita gente que vem de fora chega aqui E MESMO FILHOS DA

CIDADE, e acham que ah vou desmanchar essa casa que eu não quero vou fazer outra... entendeu? e isso, DÓI NO CORAÇÃO DA GENTE.

ENT: a lenda passa algum fundo moral ou religioso?

“PASSA, ELA PASSA. Este ano nós tivemos algumas pessoas nos acompanhando, que diziam que estavam cumprindo uma promessa... umas duas ou três pessoas, falaram conosco que estavam ali cumprindo uma promessa, que no ANO PASSADO fizeram uma promessa pras ALMAS DA PROCISSÃO DAS ALMAS. E conseguiram as graças. Inclusive teve um senhor que falou pra Dona Hebe que: hoje eu estou acompanhando a procissão ANDANDO, no ano passado no dia dela eu não andava. Então assim são coisas que a mente da pessoa né, trabalha...muito pra preservar a própria vida”.

“não sou assim de ficar na igreja todos os dias mas fui criada no catolicismo...então, procuro seguir nossos mandamentos. .. acho também que os nossos mandamentos são preceitos de vida, que o o homem deveria ter naturalmente, porque são PRECEITOS QUE LEVAM À JUSTIÇA”.

7.1.c - Informante G.F., 34 anos, feminino, professora.

Duração: 20''59'

Entrevistador: O que é a religião pra você?

‘...acreditar no ser superior (...) e sempre procurar fazer as coisas de acordo com esses valores que você acredita, não pensando somente numa religião específica mas ...é aquilo que a gente aprende mesmo DENTRO DE CASA, né, fazer o bem pra receber o bem, não pagar se você recebe o mal não pagar com o mal também, né... pensando nisso assim de ser umaaaa pessoa melhor, aprender com aquilo que a gente vive, acreditar que através do sofrimento também...que a gente aprende MAIS, queee essa passagem da gente aqui na terra, é mesmo de aprendizagem, pra se tornar uma pessoa umaaa...é um engrandecimento mesmo da ALMA, né, eu acredito mais nisso (...) por mais que eu seja CATÓLICA... não tenho restrições com outras religiões acreditando so nesses dogmas, né, pensando que a religião católica é a única correta né, que eu devo seguir pensando somente naquilo que é passado sem ser discutido.

O que que é a procissão das almas pra você?

“a procissão das almas é mesmo assim uma manifestação da cultura popular dessa região aqui, né, da cidade de Mariana. Ela não está ligada diretamente COM a igreja, então muitas pessoas confundem isso, acham que como essa procissão é encenada na sexta feira da Quaresma, então que é uma procissão católica e na verdade não é porque essa cultura...ela é até vista assim... se você for olhar um católico mais ortodoxo olha até de lado, ‘aaah que isso procissão de assombração tá fazendo uma brincadeira com a religião’, mas como faz parte da cultura e lenda é algo que vem contado assim a gente não sabe de onde que essa lenda surgiu...né, a gente sabe que faz parte mesmo assim...da história bem antiga da cidade então geralmente eee...surge mesmo DO POPULAR , né, então...ela não foi aprendida na escola, não foi contada por exemplo por um padre num sermão, né, ela surge mesmo dessas classes populares que vão falar de assombração ‘olha menino, não sai à noite não’, né, ‘cuidado cooomm, pra quê você vai sair na Quaresma? Não pode dançar, não pode beber’ (...) é desses ensinamentos mais informais que por exemplo o pai passa pro filho, aí depois vai passando de geração em geração é que essas lendas vão surgindo... e o interessante é que a cidade é uma cidade assim de origem CATÓLICA, essa procissão ela se confunde muito com...a religião.

“... essa lenda foi a que mais me chamou atenção...”

Ent: e por que essa lenda te chamou atenção?

“... justamente porque, como fala assim, de dentro da cidade, fala da procissão e fala de assombração, na época eu achei muito interessante porque eu lembro da... eu com/ fic/ na hora que eu tava lendo, eu pensava nas histórias que a minha vó contava pra mim na minha infância, justamente por exemplo de como que era... é guardado esse período de Quaresma, e que na Quaresma, os avós os pais contavam muitas histórias de assombração, de daa... de não poder ir pro baile porque ia acontecer alguma coisa...”

“... quando ela me contava eu sempre ficava naquela dúvida, né, porque quem conta uma historia com convicção, faz você acreditar ah será? Isso é possível de ter acontecido (...) então chegava determinadas épocas que eu já sabia assim, que algumas histórias ela ia me contar de novo (...) mas eu confesso que no dia que eu li pela primeira vez, que foi à noite, mesmo eu tendo lá o quê uns dezenove vinte anos eu ficava pensando assim: aah não sei, não vou pagar pra ver se isso acontece mesmo não (risos)...”

E você conta essas lendas hoje em dia pra alguém?

“conto. Conto PRINCIPALMENTE pros meus alunos. Então quando eu trabalhava com os meninos menores então...todo ano eu contava.

“...então eu comecei a fazer uns trabalhos...voltados pra cultura marianense...e eu acho que a cultura popular, ela já é muito...deixada de lado então vim procurar vim resgatar isso...”

“então ler e contar histórias era muito... muito FORTE nas famílias né pelo menos em grande parte das famílias...hoje isso se perdeu um pouco então eu acho que HOJE, quando as pessoas contam, é mais assim porque...ouviu, gostou, e quer PASSAR adiante...né, outros porque hoje, como as pessoas já sabem que existe essa ENCENAÇÃO da procissão, se vão contar essa história é porque já foram, já assistiram, né, são crianças que vão lá, comentam em casa e vai passando de boca em boca... mas ANTES eu acho que era assim pelo prazer de contar histórias mesmo, e ENSINAR também através da história, porque as lendas mesmo elas têm esse... esse fundo moral né... por exemplo, por que a procissão á noite, e aí vem um ... um integrante da procissão, entrega a vela e depois quando pede a vela pra velha fala assim “guarde a língua na boca”? Tem todo um FUNDO MORAL na história né, como nas fábulas

também ... (...) agora, ATUALMENTE, eu acho que assim... as pessoas gostam de falar daquilo que sabem, não tanto mais com essa questão de ensinar que isso ficou agora, muito transferido mesmo pra escola né...nem sei se tem muitas famílias contando histórias pros seus filhos não, tendo esses MOMENTOS assim não...

‘sempre tem aquelas pessoas que querem participar da encenação... então no ano passado eu participei da encenação mesmo, e achei super legal... (...) eu vi ex-alunos meus participando (...) ou então tem aquela pessoa que sai e aí o amigo contou ah que interessante ano que vem eu quero ir, e isso querendo ou não você vai divulgando entre as pessoas, né, então eu acho que, esse trabalho é um trabalho de formiguinha mesmo, eu acho que hoje a gente não tem muito bem essa dimensão não, mas eu acho por exemplo se dona Hebe um dia desistir de... de participar disso (...) se ano que vem, essa procissão continuar e a gente ver que houve uma continuidade, então é porque esse trabalho...tá dando certo (...) mas eu acho que ainda é um trabalho MESMO de formiguinha, não vejo muita valorização assim... da cultura na cidade de Mariana não, eu acho que isso ainda é muito deficitário.

“a minha preferência por exemplo, são de obras que falam do povo, que falam dessa...é por exemplo, que falam de Guimarães Rosa, um Graciliano Ramos, José Lins do Rego, são autores com os quais eu me identifico mais, então... esse ideário por exemplo que tem uma história e aí eles vão mostrando as CRENÇAS, aquilo que ninguém presta atenção, eu gosto muito então... essa... tanto essa... essa procissão, me chamou mais atenção mesmo porque ela mistura um pouco da questão da religião, né, daquilo que a gente ACREDITA, então assim, você pode ser muito esclarecido, dizer assim por exemplo, ter um nível de escolaridade que as pessoas as vezes falam assim: ah, mas você acredita nessas coisas? Mas te leva a pensar naquilo assim de CRENÇA, de como você foi educado, éhh, de pensar como é que foi formada a cidade, então eu acho isso muito interessante, e a gente conversa com as pessoas todo mundo tem um certo medo do desconhecido né, ninguém sabe como é o lado de lá, então essas histórias chamam a atenção.

Entrevistador: O que você vê nas pessoas que participam da encenação?

“eu vejo respeito... (...) eu percebi como que as pessoas RESPEITAM MESMO, sabe? E como... que os integrantes ali, ficam se sentindo incomodados quando tem alguém que tá assistindo, que não leva a sério, não respeita aquela encenação, QUE É UM TEATRO, mas

quando voce tá dentro é como se você tivesse assim, é se colocando no lugar, né, como se tivesse DENTRO da lenda, isso é muito interessante.

“Então dizem que tinha uma velha, né, MUITO fofoqueira, que morava no bairro São Gonçalo... e assim, a mulher era tão futriqueira só tomava conta da vida dos outros, vivia na janela falando mal da vida alheia e ninguém suportava mais essa velha... então uma... todos já doidos que ela fosse embora, ficaram felizes quando ela foi... éééh, despejada da casa por falta né, do pagamento do aluguel... E ELA FOI MORAR NA RUA NOVE, ENTÃO UM LUGAR PEQUENO, TODO MUNDO JÁ SABE DA FAMA DA VELHA, E ELA LÁ, NO CANTO DELA, SÓ OBSERVANDO PRA VER O MOMENTO CERTO, NÉ, DE COMEÇAR JÁ A CONVERSAR COM AS PESSOAS, E JÁ SABER O QUE QUE ACONTECIA LÁ, NA VIDA DOS VIZINHOS NOVOS... então, foi se aproximando a época lá da quaresma, ela não tinha muito o que falar, os vizinhos cada um cuidando de sua vida, chegava certo horário todo mundo com suas portas e janelas fechadas, cada um cuidando de sua vida lá... e a velha lá sem saber o que fazia, né... abria a janela não tinha ninguém pra falar, não tinha nada de novo, até que um dia ela ouviu, de dentro de casa, uma batucada, que vinha de longe, já ela pensou “ué, tem festa e ninguém me convidou? Quero participar dessa festa!” já foi direto pra janela, e aí, naquela época, a iluminação da rua era muito fraquinha então ela não conseguia perceber ao certo, que corteja era aquele que se aproximava... (...) então vinha uma cantoria, que ela não conseguia identificar muito bem... (...) então um integrante da procissão sai da procissão e caminha com uma vela na mão e se aproxima da... da janela dessa senhora e aí pede pra ela segurar a vela que quando eles retornassem, pegaria com ela novamente...”

“a procissão seguia e cantava né, os integrantes: reza mais, reza mais, reza mais uma oração, reza mais, reza mais, pra alma que morreu sem oração”...

“Quando ela volta pra dentro de casa, leva o maior susto (...) No lugar onde que ela tinha colocado a vela tinha um RESTO LÁ DE OSSO, NÉ, DO FÊMUR, CHEIO DE TERRA, e aí ela levou um susto, voltou correndo e aí ela PERCEBEU o que estava acontecendo, e aí ela assustada, foi, se aproximou da janela e o integrante disse pra ela: velha, guarde sua língua na boca, a noite é dos mortos, logo nos encontraremos, e ela não foi mais vista na porta, na janela da casa, e os vizinhos estranhando aquilo ali: cadê a velha que não aparece mais? Aí com poucos dias viram que a mulher tinha morrido, aí DE FATO ela foi fazer parte né, daquela procissão que ela tanto queria fazer parte da festa...”

“Então é assim a história que dizem que ééé, que foi uma mulher mesmo que morou lá no bairro São Gonçalo, que era muito futriqueira, então essa história as pessoas ficam sem saber se existiu ou não essa velha fofqueira aí né...parece que Maricota de Todos os Santos uma coisa assim o nome dela...”

Ent: e qual que é a moral dessa lenda então?

“PRA QUÊ CUIDAR DA VIDA ALHEIA, NÉ? Éee, cada um cuidando da sua vida, né, se preocupando consigo mesmo, se você quer se preocupar com alguém é pra fazer o BEM e não pra ficar, ééé jogando boatos ao vento, NE”.

7.1.d - Informante : A. C.- 70 anos, masculino, dono de restaurante em Mariana-MG.

duração: 19''27'

“embora tenha saído daqui com 14 anos e voltei com 48, mas sempre presente em Mariana e sempre ligado às coisas da cidade. Éeee me perguntaram sobre a procissão do miserere e... o que eu tenho a dizer é que... miserere... que VEIO DO LATIM TENDE PIEDADE, é uma procissão... procissão das almas, uma procissão que acontece nas primeiras horas da madrugada, e as pessoas devidamente vestidas de BRANCO portando correntes e outros instrumentos sugestivos, desfilam pelas ruas da cidade, sob os olhares curiosos de turistas e... pessoal ligado à tradição. É uma procissão MUITO concorrida, que cada vez mais cresce e... essa participação popular... muita gente não vai dormir mesmo e... passa perguntando de onde que veio de onde que não veio... AS ALMAS VÊM ANDANDO MESMO, não vem voando não... as vezes viram, fazendo ruídos característicos, do tipo... ruídos ou coisa semelhante mostrando o... O MISERERE. Mostrando o sofrimento que as almas normalmente... passam. É isso que eu sei da procissão do miserere”.

ENT: essa procissão vem da lenda que se conta há muito tempo na cidade certo? O senhor acredita nessa lenda?

“Exato. Olha, eu acredito na TRADIÇÃO. Eu acho que... ééé... tudo que vai se passando, vai se transmitindo vai pegando assim... uma consistência né não que eu acredite que essa procissão acontece mas eu acredito nas pessoas inspiradas, se essa... procissão se ela não acontece à reveria dos nossos olhos, porque alma É ALMA, né e não se vê se ela não acontece pelo menos é bem representada”.

“Mariana foi uma cidade onde a escravidão éé... pagou muito tempo né, e aquelas histórias que a gente vem ouvindo desde criança, de almas penadas, de escravos que sofreram e que, INCONFORMADOS de terem sido tratados e... ou ter saído desse mundo desta forma, não teriam encontrado um... sei lá um lugar de repouso e fiquem por aí vagando e... nessa eterna posição . Quer dizer é um conto é uma uma ficção que tem assim... comom que um fundo de realidade, porque afinal de contas a escravidão ... aconteceu e todo mundo sabe e... nem todo mundo consegue avaliar a extensão do sofrimento dessas pessoas a agonia dessas pessoas MAS a procissão... de uma certa forma retrata esse estado de espírito das pessoas que sofreram né”.

ENT: Então você acha que hoje em dia essa representação que existe na cidade é pra retratar um sofrimento?

“é. Exatamente... é um ESPELHO né, daquilo que já aconteceu né”.

ENT: E porque que você acha que as pessoas gostam de participar da procissão?

“Varia, né. Tem muita gente que participa... con_ no que está fazendo. Algumas outras pessoas elas... participam assim... digamos... como que... se tivesse tomando parte de um ato artístico”.

ENT: Você acha que é importante pro turismo da cidade?

“muito importante. Muito importante, assim como os outros lugares tem seus atos folclóricos que eles dão valor, e EU dou valor aos nossos e eu acho MUITO importante e eu acho que não deve nunca acabar, melhorar sim, estudar mais a respeito e tornar assim, uma procissão cada vez ééé... digamos assim mais representativa, eu acho válido”.

“ela sempre acontece no momento em que eu estou trabalhando. Então a minha participação no miserere é exatamente dar essa ou aquela informação aos curiosos que fazem pergunta antes, ou durante ou depois que a procissão passa, as pessoas perguntam e o que que é isso o que que é aquilo, como é que é como é que não é então... a gente EU particularmente dou esses esclarecimentos à medida que vão me perguntando, e faço da forma mais satisfatória que posso.

“... me perguntam se... alguém já viu uma procissão fora da época, uma procissão de verdade ou seja uma assombração (...) eu, particularmente nunca ví, entendeu... e... se eu visse eu rezaria porque é a única coisa que uma alma penada pode precisar é de oração. Não tem como ajudar uma alma penada a não ser por essa via” (...) essa procissão poderia estar somente na minha mente... como eu acredito que esteja na mente das pessoas medrosas”.

“a religião pra mim é algo que a pessoa não pode deixar de ter, e, geralmente não deixa de ter porque... como somos pessoas limitadas, mais inteligentes ou menos inteligentes nós sabemos que... nós não parecemos do nada e... que algum ser superior deu início a tudo isso, da melhor maneira possível”.

ENT: mariana é uma cidade religiosa?

“MUITO religiosa. Nasceu assim. (...) tanto que, não demorou muito ela foi escolhida pra ser a Sede do Bispado. Se ela não tivesse as qualidades para tal... naturalmente eles teriam ou esperado uma outra ou escolhido uma outra cidade para isso. (...) porque ela é predestinada pra ser a primeira”.

ENT: E hoje em dia os marianenses continuam fiéis à tradição religiosa?

“é eu gostaria que fosse AINDA MAIS. Não fanático mas... realmente... conhecedores e que valorizassem a cada fato da nossa história... a gente sabe que ela não é toda brilhante como nenhum ser humano é perfeito mas... a gente passando uma borrachinha nos fatos negativos nossa história é bem gloriosa”.

ENT: Você tem orgulho de ser marianense?

“Nóó sou gaveteiro da gema... DEMAIS... eu, passei muitos anos fora, saí duas vezes do país mas... como eu disse no início, apesar de estar fisicamente fora eu estava mentalmente presente... (...) agora eu to de volta já a vinte e dois anos”.

ENT: O senhor conta essas lendas pras pessoas, o senhor tem esse costume?

“TEEEENHO. Quando eu trabalhava em São Paulo... (...) o que mais havia em São Paulo era mineiro e... eu tenho orgulho de... entre os MUITOS mineiros, ter sido aquele que foi abordado para falar da minha cidade. Por que? Por que abordado? Acredito eu que pelo QUANTO, fora dessa particular oportunidade, pelo quanto eu falava de Mariana em todas as atividades e departamentos”.

“eles me achavam muito puxa-saco da minha cidade né, mas eu acredito que todos que ouviram... se forem abordados vão se lembrar”.

ENT: E a intenção era fazer com que eles acreditassem ou que eles viessem conhecer a cidade?

“Não, é porque eu sou puxa-saco da cidade mesmo eu não aguentava ficar sem falar dela não. (...) eu mostrava as fotos alusivas ao que a gente tinha abordado, né...”

7.1.e - Informante S.S. 50 anos, feminino, espectadora da Procissão (entrevista concedida durante o evento da Procissão das Almas)

duração: 04:41.

“Eu acho ela muito importante porque resgata aí a... a... um pouco da história, né, do PASSADO, meu pai já saiu nessa procissão hoje ele tem oitenta e dois anos, tem VÁRIAS pessoas aqui da nossa cidade que... CONTINUAM né, com essa tradição e eu acho importante isso não se perder, então ela no início ela não tinha muito apoio mas de uns dois anos pra cá o pessoal tem se empenhado MAIS, tem feito assim camisetas pra vender, isso é pra resgatar mesmo um pouco da cultura aí, né, da Cida eu acho super importante. “

“muitas pessoas nem sabem dessa procissão. Ela não é muito divulgada. E muitas pessoas também tem medo, porque essa procissão ela passa e pára em vários cemitérios, então as pessoas ainda TEMEM um pouco essa relação de vida e morte, né então muita gente NEM ASSISTE. Muitos porque ela é muito tarde também, a procissão de sexta-feira é cansativa, meus pais mesmo já dormiram eles não conseguem ficar, né, a gente CUSTOU a ficar porque ela é BEM DEMORADA, né”.

ENT: Você sabe contar essa lenda?

“Não... o que eu SEI é a mesma coisa que o Leonardo falou: dessa mulher que ficava na janela e que ela gostava de saber os fatos todos né, ela era meio mexeriqueira vamos dizer assim, então um dia ela viu umas pessoas realmente ela DIZ né pro padre que ela viu essas pessoas e que ela recebeu... uma VELA. E ela guardou essa vela debaixo da cama e no outro dia quando ela acordou a vela tinha se transformado num esqueleto, numa parte de um esqueleto [numa canela de defunto] ... aí ela levou esse caso pro padre e o padre então... falou, né que era pra REALIZAR essa procissão que pode ter sido assim um pedido das almas, principalmente das almas que tavam assim mais atormentadas de que fosse feito mais oração pra elas. A história que eu sei é essa”.

ENT: E você acredita nessa lenda?

“é uma lenda apenas. Eu não acredito não. é uma coisa mais cultural mesmo”.

ENT: E a importância então pra você dessa lenda? Você acha que ela passa alguma mensagem?

“não eu acho que é uma coisa mais cultural mesmo, de raííz assim, de preservação de cultura mesmo, de PASSADO, né, dos antepassados.

ENT: E você valoriza essa lenda?

“VALORIZO, eu acho super importante pra cidade, tanto que MUITA gente fica acordada pra participar pra VER essa procissão e pra participar também. A do ano passado parece que tinha mais pessoas. Esse ano eu achei que já diminuiu um pouco”.

ENT: e você acha que a maioria das pessoas é daqui ou de fora?

“A maior parte é daqui. O pessoal de fora não participa não”.

ENT: só acompanha...

“Acompanha, tira foooto, divulga inclusive em jornal, você vê alguns repórteres aí provavelmente isso vai passar amanhã... é na CULTURA que é umaa uma televisão aqui regional ee no MGTV também que é da GLOBO, ALTEROSA pode mostrar alguma coisa depois... MAS É UMA PROCISSÃO QUE SÓ TEM AQUI, não tem em outros locais”.

“ELA É IMPORTANTE pra divulgar também né a Semana Santa e a a... TRADIÇÃO mesmo da cidade de Mariana, né... acho importante.

ENT: Você é uma pessoa religiosa?

“SOU.”

ENT: Católica?

“não.

ENT: De que religião você é?

“eu sou cardecista. Sou cristã”.

ENT: E na sua religião eles também tem essa crença (retratada na lenda)?

“ a gente acredita na vida após a morte, mas não... é o espírito não incorpo... não FÍSICO, mas o espírito por espírito mesmo, nessa forma humana NÃO”.

ENT: E esse valor da confissão na sua religião não é passado também não?

“não, não existe. Não existe isso. A confissão é mais uma questão católica. EU FUI CRIADA NA RELIGIÃO CATÓLICA”.

7.2 - Anexo 2: Entrevista Semi-estruturada

ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA A SER FEITA COM OS INFORMANTES:

1. Qual é a sua idade?
2. Até que ano você estudou?
3. Você é uma pessoa religiosa?
4. O que é a religião pra você?
5. O que é a Procissão das Almas para você? Explique com suas palavras.
6. Como você conheceu essa Lenda?
7. Você participa da Procissão das Almas na Semana Santa? Por quê?
8. Em sua opinião, o que a Lenda e a prática da Procissão das Almas significam para a cidade de Mariana?
9. Por que você conta a Lenda e para quem você gosta de contá-la?
10. As pessoas gostam de ouvir você contando?
11. Você já ouviu outras pessoas contando essa Lenda?

7.3 - Anexo 3: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO - ICHS- DELET PÓS-LETRAS

Título da Pesquisa: *Aspectos Semântico-Pragmáticos e Cognitivos Envolvidos na Recontagem da Lenda da Procissão das Almas na Cidade de Mariana-MG*

Pesquisador Principal: *Karen Luci Amorim*

Investigador/Coleta: *Karen Luci Amorim*

Você está sendo convidado para participar da pesquisa supracitada, **que pretende estudar a Lenda da Procissão das Almas na cidade de Mariana.**

Você foi selecionado **por ser cidadão marianense e por conhecer a Lenda da Procissão das Almas, características estas exigidas pela pesquisa aqui proposta.** A sua participação não é obrigatória e, a qualquer momento, você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a Instituição (ICHS- Universidade Federal de Ouro Preto) que promove a pesquisa.

Os objetivos deste estudo são **coletar depoimentos e narrações dos moradores da cidade de Mariana sobre a Lenda da Procissão das Almas.**

Sua participação nesta pesquisa consistirá em **responder a perguntas sobre a referida Lenda e/ou sobre a própria Procissão, que ocorre na Semana Santa, bem como contar sua versão para o entrevistador (Karen Luci Amorim). Sua entrevista será gravada em áudio e em vídeo.**

Não há riscos relacionados com sua participação e, ao participar deste projeto, você estará colaborando para uma maior compreensão da riqueza cultural que envolve a cidade de Mariana.

As informações obtidas através da pesquisa serão confidenciais e sua identidade será mantida em sigilo. **Suas gravações em áudio e vídeo não serão exibidas em apresentações do trabalho, apenas sendo acessadas e utilizadas pelo pesquisador e pelo investigador para conferir o que foi dito por você. Ao registrar por escrito sua fala, não será colocado seu nome nem outras informações pessoais sobre a sua pessoa (tais como endereço ou telefone), a fim de garantir o sigilo. Sua gravação em áudio será armazenada em CD e disponibilizada para conferência dos dados pelos avaliadores da pesquisa e/ou outros pesquisadores interessados no estudo proposto.**

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço institucional do pesquisador principal e do Comitê de Ética em Pesquisa - CEP,

podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Informante

Mariana, de de 2001.

Assinatura do Participante ou responsável legal

Assinatura do Pesquisador Principal RG // CR // Fone Institucional // E-mail

Assinatura do Orientador :RG // CR // Fone Institucional // E-mail

Assinatura do Co-orientador :RG // CR // Fone Institucional // E-mail

Universidade Federal de Ouro Preto
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
ICEB II
Campus Universitário – Morro do Cruzeiro
35400-000 – Ouro Preto (MG) – Brasil
Tel.: 31- 3559.1367 / 1368

